BRASILIANA

5.ª SERIE da

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Volumes publicados:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

4 — OLIVEIRA VIANA: **Raça e Assimilação.**
8 — OLIVEIRA VIANA: **Populações Meridionais do Brasil.**
9 — NINA RODRIGUES: **Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado.
22 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaios de Antropologia Brasileira.**
27 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: **Populações Paulistas.**
59 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.**
188 — ARTUR RAMOS: **O Negro Brasileiro** — 1.º-volume — "Etnologia Religiosa" — 2.ª edição ilustrada.

ARQUEOLOGIA E PREHISTORIA

34 — ANGIONE COSTA: **Introdução à Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada.
137 — ANIBAL MATOS: **Prehistória Brasileira** — Vários Estudos — Ed. ilustrada.
148 — ANIBAL MATOS: **Peter Wilhelm Lund no Brasil** — Problemas de Paleontologia Brasileira — Ed. ilustrada.

BIOGRAFIA

2 — PANDIÁ CALÓGERAS: **O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
11 — LUIZ DA CÂMARA CASCUDO: **O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.
107 — LUIZ DA CÂMARA CASCUDO: **O Marquês de Olinda e seu tempo** — (1793-1870) — Edição ilustrada.
18 — VISCONDE DE TAUNAY: **Pedro II** — 2.ª edição.
20 — ALBERTO DE FARIA: **Mauá** (com três ilustrações fora do texto).
54 — ANTÔNIO GONTIJO DE CARVALHO: **Calógeras.**
65 — JOÃO DORNAS FILHO: **Silva Jardim.**
73 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA: **Machado de Assis** —(Estudo Crítico-Biográfico) — Edição ilustrada.
79 — CRAVEIRO COSTA: **O Visconde de Sinimbú** — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.
81 — LEMOS BRITO: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império — Frei Caneca** — Edição ilustrada.
85 — WANDERLEY PINHO: **Cotegipe e seu tempo** — Ed. ilustrada.
88 — HÉLIO LOBO: **Um Varão da República: Fernando Lobo.**
114 — CARLOS SÜSSEKIND DE MENDONÇA: **Sílvio Romero** — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.
119 — SUD MENNUCCI: **O Precursor do Abolicionismo: Luiz Gama** — Ed. ilustr.
120 — PEDRO CALMON: **O Rei Filósofo** — Vida de D. Pedro II — 2.ª Edição ilustrada.
133 — HEITOR LYRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891 — 1.º Vol.: "Ascenção" — 1825-1870 — Edição ilustrada.
133-A — HEITOR LYRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891 — 2.º Vol.: "Fastígio" (1870-1880) — Ed. ilustrada.
133-B — HEITOR LYRA: **História de Dom Pedro II** — 1825-1891 — 3.º Vol.: "Declínio" — 1880-1891 — Ed. ilustrada.
135 — ALBERTO PIZARRO JACOBINA: **Dias Carneiro** (O Conservador) — Ed. ilustr.
136 — CARLOS PONTES: **Tavares Bastos** (Aureliano Cândido) — 1839-1875.
140 — HERMES LIMA: **Tobias Barreto** — A Epoca e o Homem — Ed. ilustrada.
143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: **O Visconde de Abaeté** — Ed. ilustrada.
144 — V. CORREIA FILHO: **Alexandre Rodrigues Ferreira** — Vida e Obra do grande Naturalista Brasileiro — Ed. ilustr.
153 — MÁRIO MATOS: **Machado de Assis** — (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). — Ed. ilustr.
157 — OTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA: **Evaristo da Veiga** — "Homens da Regência" — Ed. ilustrada.
166 — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA: **O Patriarca da Independência** — Desembro 1821 a Novembro 1823.
177 — JONATAS SERRANO: **Farias Brito** — O Homem e a Obra.
182 — AFONSO SCHMIDT: **A vida de Paulo Eiró** — Seguida de uma Coleção de suas Poesias organizada por José Gonçalves.
193 — FRANCISCO VENANCIO FILHO: **A gloria de Euclides da Cunha** — Edição ilustrada.
196 — FELIX CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE MELO: **Memorias de um Cavalcanti** — Introdução de Gilberto Freyre — Edição ilustrada.

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

71 — E. F. Hoehne: **Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e Contribuições).
77 — C. de Melo-Leitão: **Zoo-Geografia do Brasil** — Edição ilustrada.
99 — C. de Melo-Leitão: **A Biologia no Brasil.**

CARTAS

12 — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Ed. ilustrada.
38 — Rui Barbosa: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas, prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
109 — Georges Raeders: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).
142 — Francisco Venâncio Filho: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Edição ilustrada.
194 — Pe. Serafim Leite: **Novas Cartas Jesuíticas** (De Nóbrega e Vieira).

DIREITO

110 — Nina Rodrigues: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
165 — Nina Rodrigues: **O Alienado no Direito Civil Brasileiro** — 3.ª Edição.

ECONOMIA

90 — Alfredo Ellis Júnior: **Evolução da Economia Paulista e suas Causas** — Edição ilustrada.
100 e 100-A — Roberto Simonsen: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada em 2 tomos.
152 — J. F. Normano: **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
155 — Lemos Brito: **Pontos de Partida para a História Econômica do Brasil.**
160 — Luiz Amaral: **História Geral da Agricultura Brasileira** — No tríplice aspecto Político-Social-Econômico — 1.º Volume.
160-A — Luiz Amaral: **História Geral da Agricultura Brasileira** — No tríplice aspecto Político-Social-Econômico — 2.º Volume.
162 — Bernardino José de Sousa: **O Pau-Brasil na História Nacional** — Com um capítulo de Artur Neiva e parecer de Oliveira Viana — Ed. ilustrada.
183 — Osório da Rocha Diniz: **O Brasil em face dos Imperialismos Modernos.**
184 — Geraldo Rocha: **O Rio São Francisco — Fator precípuo da existencia do Brasil** — Edição ilustrada.
187 — Manuel Lubambo: **Capitais e Grandeza Nacional.**

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

66 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º Volume — 1823-1853.
— Primitivo Moacir: **A instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º Volume — Reformas do Ensino — 1854-1888.
121 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume — 1854-1889.
147 — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1889 — 1.º Vol.: Das Amazonas às Alagoas.
147-A — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1889 — 2.º Volume: Sergipe, Baía, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.
147-B — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
98 — Fernando de Azevedo: **A Educação Pública em São Paulo** — Problemas e Discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

1 — Batista Pereira: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.
6 — Batista Pereira: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.ª edição.
26 — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas.**
41 — José-Maria Belo: **A inteligência do Brasil** — 3.ª edição.
43 — A. Saboia Lima: **Alberto Tôrres e sua obra.**
56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
70 — Afonso Arinos de Melo Franco: **Conceito de Civilização Brasileira.**
82 — C. de Melo-Leitão: **O Brasil visto pelos Ingleses.**
105 — A. C. Tavares Bastos: **A Província** — 2.ª edição.
151 — A. C. Tavares Bastos: **Os males do Presente e as esperanças do Futuro** (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **Estudos Piauienses** — Edição ilustrada.
150 — ROY NASH: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.
190 — E. ROQUETTE-PINTO: **Ensaios Brasilianos** — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

39 — E. ROQUETTE-PINTO: **Rondônia** — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
44 — ESTEVÃO PINTO: **Os Indígenas do Nordeste** — (Com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.
112 — ESTEVÃO PINTO: **Os Indígenas do Nordeste** — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **O selvagem** — 4.ª edição completa, com parte original Tupí-guaraní.
60 — EMÍLIO RIVASSEAU: **A vida dos índios Guaicurús** — Edição ilustrada.
75 — AFONSO A. DE FREITAS: **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupí-Guaraní (com 3 ilustrações fora do texto).
92 — ALMIRANTE ANTÔNIO ALVES CÂMARA: **Ensaio sôbre as Construções Navais Indígenas do Brasil** — 2.ª edição ilustrada.
101 — HERBERT BALDUS: **Ensaios de Etnologia Brasileira** — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição ilustrada.
139 — ANGIONE COSTA: **Migrações e Cultura Indígena** — Ensaios de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.
154 — CARLOS FR. PHILL VON MARTIUS: **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios Brasileiros** (1844) — Trad., Prefácio e Notas de Pirajá da Silva. — Ed. ilustrada.
163 — MAJOR LIMA FIGUEIREDO: **Indios do Brasil** — Prefácio do General Rondon — Edição ilustrada.
186 — EMILIO WILLEMS: **Assimilação e Populações Marginais no Brasil** — Estudo sociológico dos imigrantes germanicos e seus descendentes.

FILOLOGIA

25 — MÁRIO MARROQUIM: **A língua do Nordeste.**
46 — RENATO MENDONÇA: **A influência africana no português do Brasil** — Edição ilustrada.
164 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil** — 4.ª edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".
178 — ARTUR NEIVA: **Estudos da Língua Nacional.**
179 — EDGARD SANCHES: **Língua Brasileira** — 1.º Tomo.

FOLCLORE

57 — FLAUSINO RODRIGUES VALE: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro.**
103 — SOUSA CARNEIRO: **Mitos Africanos no Brasil** — Edição ilustrada.

GEOGRAFIA

30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.ª edição.
33 — J. DE SAMPAIO FERRAZ: **Meteorologia Brasileira.**
35 — A. J. SAMPAIO: **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.ª edição.
53 — A. J. DE SAMPAIO: **Biogeografia dinâmica.**
45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: **Expansão Geográfica do Brasil Colonial.**
63 — RAIMUNDO MORAIS: **Na Planície Amazônica** — 5.ª edição.
80 — OSVALDO R. CABRAL: **Santa Catarina** — Edição ilustrada.
86 — AURÉLIO PINHEIRO: **A Margem do Amazonas** — Edição ilustrada.
91 — ORLANDO M. DE CARVALHO: **O Rio da Unidade Nacional: o São Francisco** — Edição ilustrada.
97 — LIMA FIGUEIREDO: **Oeste Paranaense** — Edição ilustrada.
104 — ARAUJO LIMA: **Amazônia – A Terra e o Homem** (Introdução à Antropogeografia).
106 — A. C. TAVARES BASTOS: **O Vale do Amazonas** — 2.ª edição.
138 — GUSTAVO DODT: **Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupí** — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. ilustrada.

GEOLOGIA

102 — S. FRÓES ABREU: **A riqueza mineral do Brasil.**
134 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Geologia Econômica do Brasil** (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º — Distribuição geográfica dos depósitos auríferos — Edição refundida e atualisada por Djalma Guimarães.

HISTORIA

10 — OLIVEIRA VIANA: **Evolução do Povo Brasileiro** — 3.ª edição ilustrada.
13 — VICENTE LICÍNIO CARDOSO: **À margem da História do Brasil** — 2.ª edição.
14 — PEDRO CALMON: **História da Civilização Brasileira** — 4.ª edição.
40 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 1.º Tomo: Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição ilustrada (com 13 gravuras).
83 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 2.º Tomo: Espírito da Sociedade Imperial — **Edição ilustrada** — 2.ª edição.

173 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil — 3.º Tomo: A Época Republicana.**
176 — PEDRO CALMON: **História do Brasil** — 1.º Tomo: "As Origens" — 1500-1600.
15 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Da Regência à queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
42 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto).
23 — EVARISTO DE MORAIS: **A escravidão africana no Brasil.**
36 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: **O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano** — 2.ª edição.
37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: **Primeiros Povoadores do Brasil** — (2.ª edição ilustrada).
47 — MANUEL BOMFIM: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
48 — URBINO VIANA: **Bandeiras e sertanistas Baianos.**
49 — GUSTAVO BARROSO: **História Militar do Brasil** — Ed. ilustrada (com 50 gravuras e mapas).
76 — GUSTAVO BARROSO: **História secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — 3.ª edição (ilustrada).
64 — GILBERTO FREIRE: **Sobrados e Mucambos** — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.
69 — PRADO MAIA: **Através da História Naval Brasileira.**
89 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: **As Fôrças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**
93 — SERAFIM LEITE: **Páginas da História do Brasil.**
94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independência** — Edição ilustrada.
108 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.
111 — WASHINGTON LUIZ: **Capitania de São Paulo** — Governo de Rodrigo Cesar de Meneses — 2.ª edição.
117 — GABRIEL SOARES DE SOUSA: **Tratado Descritivo do Brasil em 1587** — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª edição.
123 — HERMANN WÄTJEN: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
124 — LUIZ NORTON: **A Côrte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.
125 — JOÃO DORNAS FILHO: **O Padroado e a Igreja Brasileira.**
127 — ERNESTO ENNES: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua História) — 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
128 e 128-A — ALMIRANTE CUSTÓDIO JOSÉ DE MELO: **O Govêrno Provisório e a Revolução de 1893** — 1.º Volume, em 2 tomos.
132 — SEBASTIÃO PAGANO: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.
146 — AURÉLIO PIRES: **Homens e fatos do meu tempo.**
149 — ALFREDO VALADÃO: **Da aclamação à maioridade** — 1822-1840 — 2.ª edição.
158 — WALTER SPALDING: **A Revolução Farroupilha** (História popular do grande decênio) — 1835-1845 — Edição ilustrada.
159 — CARLOS SEIDLER: **História das Guerras e Revoluções do Brasil, de 1825-1835** — Trad. de Alfredo de Carvalho — Prefácio de Sílvio Cravo.
168 — PADRE FERNÃO CARDIM: **Tratados da Terra e da Gente do Brasil** — Introduções e Notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.ª edição.
170 — NELSON WERNECK SODRÉ: **Panorama do Segundo Império.**
171 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: **Estudos de História do Brasil.**
174 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: **O Café — Na História, no Folclore e nas Belas-Artes.**
180 — JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES e JOAQUIM RIBEIRO: **Civilização Holandesa no Brasil** — Edição ilustrada.
181 — CARVALHO FRANCO: **Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo.**
185 — WALTER SPALDING: **A Invasão Paraguaia no Brasil** — Documentação inédita — Edição ilustrada.
189 — ALFREDO ELLIS JR.: **Feijó e a Primeira Metade do Século XIX.**
191 — CRAVEIRO COSTA: **A Conquista do Deserto Ocidental** — Subsidios para a historia do Territorio do Acre — Edição ilustrada — Introdução e notas de Abguar Bastos.

MEDICINA E HIGIENE

29 — JOSUÉ DE CASTRO: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero — 2.ª edição.
51 — OTAVIO DE FREITAS: **Doenças africanas no Brasil.**
129 — AFRÂNIO PEIXOTO: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLITICA

3 — ALCIDES GENTIL: **As idéias de Alberto Tôrres** — (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.
7 — BATISTA PEREIRA: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.

21 — **BATISTA PEREIRA: Pelo Brasil Maior.**
16 — **ALBERTO TÔRRES: O Problema Nacional Brasileiro** — 2.ª edição.
17 — **ALBERTO TÔRRES: A Organização Nacional** — 2.ª edição.
24 — **PANDIÁ CALÓGERAS: Problemas de Administração** — 2.ª edição.
67 — **PANDIÁ CALÓGERAS: Problemas de Govêrno** — 2.ª edição.
74 — **PANDIÁ CALÓGERAS: Estudos Históricos e Políticos (Res Nostra...)** — 2.ª edição.
81 — **AZEVEDO AMARAL: O Brasil na crise atual.**
50 — **MÁRIO TRAVASSOS: Projeção Continental do Brasil** — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.
55 — **HILDEBRANDO ACCIOLY: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**
131 — **HILDEBRANDO ACCIOLY: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai** — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
84 — **ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Município** — Edição ilustrada.
96 — **OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: A Política que convém ao Brasil.**
115 — **A. C. TAVARES BASTOS: Cartas do Solitário** — 3.ª edição.
122 — **FERNANDO SABOIA DE MEDEIROS: A Liberdade de Navegação do Amazonas** — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
141 — **OLIVEIRA VIANA: O Idealismo da Constituição** — 2.ª edição aumentada.
169 — **HELIO LOBO: O Pan-Americanismo e o Brasil.**
172 — **NESTOR DUARTE: A Ordem Privada e a Organização Política Nacional** — (Contribuição à Sociologia Política Brasileira).
192 — **VISCONDE DE CARNAXIDE** (Antonio de Sousa Pedroso de Carnaxide): **O Brasil na Administração Pombalina** — (Economia e Política Externa) — Prefacio de Afranio Peixoto.

VIAGENS

5 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem ao Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)** — Trad. e prefá·io de Afonso de E. Taunay — 2.ª edição.
58 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem à Província de Santa-Catarina (1820)** — Trad. de Carlos da Costa Pereira.
68 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz** — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
78 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz** — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
72 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo"** — Trad. de Carlos Madeira.
126 e 126-A — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais** — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
167 — **AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ao Rio Grande do Sul** — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azeredo Pena — 2.ª edição ilustrada.
19 — **AFONSO DE E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Séc. XVI-XVIII)**, — 2.ª edição.
28 — **GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: Viagem ao Araguaia** — 4.ª edição.
32 — **C. DE MELO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Império** — Edição ilustrada (com 19 figuras).
62 — **AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.
95 — **LUIS AGASSIZ e ELISABETH CARY AGASSIZ: Viagem ao Brasil** — 1865-1866 — Trad. de Edgar Süssekind de Mendonça — Edição ilustrada.
113 — **GASTÃO CRULS: A Amazonia que eu vi — Obidos — Tumuc-Humac** — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.
118 — **VON SPIX e VON MARTIUS: Através da Baía** — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
130 — **MAJOR FREDERICO RONDON: Na Rondônia Ocidental** — Ed. ilustrada.
145 — **SILVEIRA NETO: De Guairá aos Saltos do Iguassú** — Ed. ilustrada.
156 — **ALFRED RUSSEL WALLACE: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro** — Tradução de Orlando Tôrres e prefácio de Basílio de Magalhães.
161 — **REZENDE RUBIM: Reservas de Brasilidade** — Edição ilustrada.
195 — **CEL. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES: Pelos Sertões do Brasil** 2.ª edição ilustrada.
197 — **RICHARD F. BURTON: Viagens aos Planaltos do Brasil (1868)** — 1.º Tomo — Do Rio de Janeiro a Morro Velho — Tradução de Américo Jacobina Lacombe — Edição ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da Companhia Editora Nacional

RUA DOS GUSMÕES, 639 — SÃO PAULO

O BRASIL NA LENDA
E NA
CARTOGRAFIA ANTIGA

"Brasilia autem praestantissima facile totius Americae pars penitius introspecta, jucunda in primis salubrique temperie excellit usque adeo, ut merito cum Europa atque Asia de clementia Aeris, et Aquarum certet. Quippe cum neque Solis calore haec terra torreatur, nec squalore vel aquarum penuria resiecetur, nere frigore violetur, sed rose perpetuo et imbibus multis atque frontibus irrigetur, feracissimam esse, multaque illic tempestive nascantur oportet".

GUILHERME PINZON

I

O nome do Brasil

OS brasileiros aprendem, em geral, que o nome de sua pátria, primeiramente chamada VERA CRUZ, e, logo depois, SANTA CRUZ, foi mudado no de BRASIL por causa da madeira de tinturaria assim chamada, madeira côr de *brasa*, cujo comercio atraíu de inicio, às suas plagas, aventureiros lusos, franceses, anglos e flamengos, sob a batuta da judiaria de Lisbôa e Amsterdão.

A tradição e o hábito moldaram em bronze essa fácil explicação, de maneira que hoje é muito dificil, senão impossivel, destrui-la.

Varnhagen quer que, comemorando a festa que, no principio do mês imediato, devia celebrar a Santa Madre Igreja, Pedro Alvares Cabral tivesse dado o apelido de VERA CRUZ à ilha onde desembarcou.

Não longe de Porto Seguro, a primeira feitoria lusitana se denominou SANTA CRUZ: "desta primeira

colonia proveio o começar-se a chamar de SANTA CRUZ toda a terra descoberta".

Na verdade, antes de ser dado à terra, o nome BRASIL era dado a um rio que nela corria, como se vê em diversas cartas antigas. No planisferio de Canerio, de 1502, por exemplo.

No mapa de Waldseemüller, que é o primeiro em que surge o nome de America, está o RIO DE BRAZIL. Sua data é 1507. Repete-o, em 1508, a edição do Ptolomeu de Ruysch : RIO DE BRASIL. O primeiro com Z ; o segundo com S. Note-se bem que não é DO que está escrito, mas DE. A mêsma cousa no Waldseemüller de 1516, com identica grafia ao de 1507.

E' de presumir seja o rio em cujas margens se achou a primeira madeira vermelha — LIGNI BRESILLI — como consta do mapa anónimo de Kunstmann II, de 1505-1506. O rio Ibirapitanga, na opinião de Gomes Ribeiro ; o Pitanga, na de outros.

O tráfico da madeira tintorica começou quasi que imediatamente após o descobrimento. Depois de haver pertencido a um consorcio de cristãos-novos encabeçado por Fernando de Noronha ou, melhor, Fernão de Loronha, diz Damião de Góis, cronista e tambem agente dos judeus alemães Fugger, monopolistas do cobre e outros produtos, em Lisbôa, foi concedido em 1513 a George Lopes Bixorda, que pelo nome se não perca entre cristãos-velhos. Principiou-se nessa época a dizer : TERRA DE SANTA CRUZ DO BRASIL.

Fernando de Noronha, seja dito entre parentesis, era grande homem de negocios. Armava náus que acompanhavam as frotas da India, colhendo os frutos da mercancia à sombra de navegadores e guerreiros. Tinha ligações internacionais, tanto que, antes de D. João III lhe dar fôro de fidalgo e carta de brazão d'armas, o Rei da Inglaterra lhe concedera o uso de meias-rosas heraldicas.

Em 1505, D. Manuel o Venturoso ainda não aplica a palavra BRASIL. Em carta ao Rei de Espanha, datada de março, dizia que outros chamavam à TERRA DE SANTA CRUZ — TERRA NOVA OU NOVO MUNDO. A edição do Ptolomeu de Roma, de 1508, marcava: TERRA SANCTAE CRUCIS SIVE MUNDUS NOVUS, TERRA SANCTE CRUCIS é ainda a legenda do portulano Egerton, de 1510.

Até meados do século XVI, a cartografia repete em relação ao Brasil, ou, melhor, à parte meridional da America as designações de MUNDUS NOVUS, NOVIS ORBIS e TERRA SANTAE CRUCIS. Alguns mapas rotulam a parte septentrional como HISPANIA MAJOR. Outros apontam a parte sul como REGIO BRAZILIS. Outros, mais raros, ostentam: TERRA INCOGNITA.

A palavra BRASIL amiuda-se ao aproximar-se a metade do século: no mapa de Baptista Agnese, de Veneza, de 1536 — BRAZIL; no mapa de Sebastião Munster, de 1540, BRAZIL SIVE NOVUS ORBIS.

Na citada edição do Ptolomeu de Roma, de 1508, é muito curiosa a adulteração latina da toponimia da então pouco conhecida região brasilica, o que serve bem para mostrar a que metáteses e deformações póde estar sujeito um nome geografico que venha dos tempos antigos até nossos dias, ora pela grafia, ora pela aproximação ou similitude com outras denominações, embora de terras as mais afastadas, ora pelas modificações através da tradição oral.

Cananéa, por exemplo, figura ali como CANANOR, porque havia Cananor, que se parecia com Cananéa, nas Indias Orientais, e era mais conhecido. A baía do Rio de Janeiro é o RIVULUS DE OREFERIS, talvez confusão prosodica da terminação de *Januarius* com *aurus*, dando a idéa de ouro, bastante para deslumbrar as mentes ambiciosas naquela época de aventuras. O cabo de Santo Agostinho é o CABO DE SANTA CRUZ. A Baía de Todos os Santos transforma-se em ABATIA OMNIUM SANCTORUM ou Abadia de Todos os Santos. Outra confusão memoravel !

Pois bem : nessa tábula do Ptolomeu de Roma está o RIO DE BRASIL e nêle Silvestre Rebelo vê uma prova de terem os portuguêses das primeiras frotas, senão os da propria esquadra de Cabral, levado de retorno o páu-brasil.

Sabe-se que Pedr'Alvares trazia na Armada, como lingua e conhecedor das cousas do Oriente, o judeu levantino-polonio, convertido por mera con-

veniencia ao cristianismo, Gaspar da Gama, mais tarde Gaspar de Almeida, vulgo Gaspar da India. Levado ao Reino por Vasco da Gama era conselheiro e informador de D. Manuel. Vinha recomendado de modo especial no Regimento dado a Cabral e pago a dez escudos por mês.

Sabe-se mais que os descobridores, naturalmente em companhia dêle, que procurou entender a fala da indiada, desembarcaram à margem dum rio, onde cortaram lenha. E' provavel que, então, tenham encontrado a madeira de precioso âmago rubro, possivelmente logo identificada por êsse técnico judaico em assuntos do Oriente. O certo é que, já em 1501, na volta de Cabral de sua viagem redonda à India, se formou o consorcio ou *trust* dos cristãos-novos, destinado a explorar o monopólio da anilina vegetal.

Na sua legenda pinturesca, ao gosto da cartografia coéva, a tábula mostrava claramente que o nome BRASIL era dado ao tal rio por causa do páu de tinta : INSUNT MARGARITAE, ATQUE AURI MAXIMA COPIA. ARCHUNTUR A LUSITANIS LIGNA BRASIL, ALIAS VERZINI, ET CASSIAE, — Aqui ha perolas ; ali, grande abundancia de ouro. Os lusitanos acharam o páu-brasil ou verzino e a canafistula. Pedro Mártir de Angleria grafa CASSIAFISTULA.

Antes do Ptolomeu de Roma, antes portanto de 1508, não se via a denominação SANTA CRUZ, mas a de VERA CRUZ, *verbi gratia* nos planisferios de Can-

tino e de Canerio, em 1502 e 1505. Cantino foi embaixador do duque de Ferrara, Hercules d'Este, em Lisbôa. Seu planisferio, achado por acaso na loja dum salchicheiro, foi salvo da destruição.

Em 1511, pela primeira vez a America do Sul se ostenta num mapa com o nome de Brasil : o planisferio de Jerónimo Marini, conservado na Biblioteca do Itamarati.

O Waldseemüller de 1516 diz : BRASILIA SIVE TERRA PAPAGALLI. O nome de TERRA DOS PAPAGAIOS teve gramde voga. Menos belo do que o que se atribúe, com ou sem razão, ao indigena : PINDORAMA, Terra das Palmeiras. LA TERRA DEI PAPAGÁ, diz uma carta de Pascuáligo, escrita de Lisbôa. Quem primeiro deu êsse nome ao Brasil parece que foi Pixani : LA TERRA DE LI PAPAGÁ. Muitos portulanos traziam sobre o Brasil araras e papagaios coloridos.

Em 1519, o mapa de Vesconte di Maiollo ainda não tinha BRASIL e somente SANTA CRUZ ; mas o de 1527 já o traz : TERRA SANCTE CRUCIS DE LO BRASILE, Terra de Santa Cruz DO BRASIL, naturalmente onde dá o brasil.

E' quasi certo que o primeiro documento oficial em que se vê escrito o nome BRASIL dado ao nosso país seja o alvará de 1530, mandando Martim Afonso de Souza achar ou descobrir *na* TERRA DO BRASIL. A palavra BRASIL aparece isolada, distinta, na diplomatica e na cartografia entre 1513 e 1530.

O patronimico BRASILEIRO, ao invés de BRASILIENSE, fórma corréta, indica o que se ocupava na extração ou trato da madeira, não o que nascera na terra. Esta tradição ainda se conserva no sentido com que se continúa a aplicar em Portugal o nome de BRASILEIROS aos portuguêses que regressam do Brasil, onde trabalharam e se enriqueceram. Em 1551, quando os primeiros indios se fizeram admirar na Europa, os franceses lhes chamaram com propriedade BRISILIANS, de onde, mais tarde, BRÉSILIENS.

Já em meados do século XVI, a palavra BRASIL se tornara de uso corrente para designar nossa terra, tendo-se perdido de todo o da expressão primitiva — SANTA CRUZ. O de VERA CRUZ quasi morrera ao nascer. Antonio Galvão escrevia em 1563: "No ano de 1500, à entrada de março, partiu Pedralvares com treze velas, com regimento que se afastasse da Costa d'Africa para encurtar a via. E, tendo uma náu perdida, em sua busca perdeu a derrota, e indo fóra dela toparam sinais de terra, por onde o capitão-mór foi em sua busca tantos dias que os da Armada lhe requereram que deixasse aquela porfia, mas ao outro dia viu a costa do BRASIL".

O documento é interessante pela expressão COSTA DO BRASIL, a mêsma que se lê na carta de marear de Pedro de Medina, de Sevilha, datada de 1552. COSTA DO BRASIL e RIO DE BRASIL surgem muito antes da palavra isolada BRASIL, como deixando clara

a relação entre o acidente geografico e a existencia nêle da madeira de côr.

Outras cartas da mêsma época mostram : BRASILLIE REGIO. Umas até o separam do continente sul-americano e formam com êle como que um continente antartico. Afinal, o atlas de Lazaro Luiz, de 1563, marca isoladamente : BRASILL.

Nada mais curioso e interessante, portanto, do que estudar detidamente, através da abundante documentação que existe, a vida dessa palavra BRASIL, anterior, como veremos circunstanciadamente, ao descobrimento da costa brasileira por Pedro Alvares Cabral e talvez provinda tambem de outra fonte que não só a madeira do miolo côr de brasa, a qual, de longa data, genoveses, venezianos, pisanos e amalfitanos traziam do Oriente com as especiarias e tinha, na indústria européa de tecidos, o mêsmo relevante papel das anilinas alemãs recentemente.

Era a púrpura vegetal. Arabes e persas iam-na buscar, com as monções, em Java Maior e Java Menor, nas inúmeras ilhas do antigo e esplendoroso Imperio Sumatrense de Çrivijaya, destruido no século XIII, do qual as magnificas ruinas de Bali, envoltas nas enrediças da jángala, ainda agora atestam a fortuna e a grandeza.

O encontro, em abundancia, dêste lado do Atlantico do páu de tinta transferiu seu comercio das partes do Oriente para as do Ocidente, através do anti-

go Mar Tenebroso, cujos misterios Colombo e Cabral haviam desvendado. O nome cristão de SANTA CRUZ apagou-se deante do nome prático e comercial de BRASIL, porque tambem êste envolvia, como veremos pela documentação a seguir, poderoso elemento espiritual, que representava um antigo desejo, um velho anseio da alma humana vindo dos mais remotos tempos.

Os cronistas, os cosmógrafos e os cartógrafos não podiam sentir e compreender isso, porque não dispunham do abundante conjunto de documentos de que hoje dispomos. Uns atribuiram, pois, a mudança às artes do demonio, cioso de riscar dos mapas o nome da Cruz, protestando indignados contra o fáto. A maioria, porem, como Osorius, limitou-se ao seu simples registo: IN HAC TERRA, QUAM CAPRALIS SANCTAE CRUCIS NOMINE CELEBRARI VOLUIT, QUAM NUNC BRASILIAM APPELLANT, nesta terra em que Cabral quis celebrar o nome de Santa Cruz e agora se chama Brasil.

II

As ilhas do Mar Tenebroso

Antes de verificada por Cristovam Colombo a existencia das terras americanas, antes do achado de Cabral, a imaginação dos geografos, cosmógrafos e cartógrafos, mêsmo a dos navegantes, arabes, mouros e cristãos, ajudada de antigas lendas e tradições, cujas raizes mergulhavam no fundo dos séculos, povoara O MAR TENEBROSO de ilhas misteriosas.

Era necessario encher o espaço que devia medear entre a Europa e a Libia, dum lado, o Cipango e o Cataio, do outro, entre o Ocidente e o Extremo Oriente, embora muitos o calculassem muito diminuto em relação ao que realmente é.

O mar que ali se estendia era o OCEANO DEFESO de Onomácrito o Ateniense, o MARE TENEBROSUM dos latinos. As ilhas, segundo Eusebio, surgiam para alem da Bretanha, povoadas de demonios que excitavam terriveis tempestades e venciam os homens da mais rija témpera e da mais fria coragem.

Pelas cartas, mapamundos e globos do tempo se vê que a America nem era suspeitada. Ignorava-se em absoluto a chegada dos normandos à parte setentrional do continente. Nos mais antigos mapamundos, a unica cousa que de verdade se póde bem reconhecer é a configuração do Mediterraneo. O de Cosmas Indicopleustas, por exemplo.

Cosmas foi um mercador de Alexandria que acabou monje e morreu no meado do século VI. Viajou muito. Esteve na Etiopia e na Tapobrana. Escreveu a "Topographia Christiana", na qual refuta com empenho a *heresia* da esfericidade da terra e da existencia de antipodas, de acôrdo com Santo Agostinho, Lactancio, São Basilio, Santo Ambrosio, São Justino Mártir, São João Crisóstomo, São Cesario, Procopio de Gaza, Severiano de Gábala, Deodoro de Tarso, Eusebio de Cesaréa e outros luminares da ortodoxia.

Todavia, Gesenius e Wilson são de opinião que muitos doutores da Igreja admitiam a idéa dum grande continente além-mar, vinda naturalmente da influencia que deixara nos espiritos a Atlantida de Platão.

A revelação dos sacerdotes egipcios a Solon de que nove mil anos antes tinham vivido num vasto país do Oceano, para lá das Colunas de Hercules, povos felizes, de brilhante civilização, que empregavam metais preciosos e se regiam mediante sabias

leis, governados por soberanos descendentes de Atlas, filho de Clito e de Poseidon ou Netuno, fizera seu caminho pelo tempo alem. Êsses povos haviam conquistado as margens do Tirrenio e colonizado o Egito, mas recuaram batidos pelos primitivos atenienses.

Entrando num periodo de decadencia e de corrupção, os deuses os castigaram com uma catastrofe sem par, que os destruiu com a agua e o fogo. O Mar de Sargaços, na opinião de Platão, marcava o lugar onde se afundara para sempre a gloriosa Atlantida.

Segundo Teopompo de Chios pôs à bôca de Sileno, na narrativa de Eliano, no fundo do oceano, ao poente, ficava a Merópida, região feracissima, banhada pelos rios da Alegria e da Tristeza, cujas aguas envelheciam ou remoçavam os que as bebiam. Alem da Merópida, era o Anostos, o Abismo, o "Ermo que só Deus conhecia", na expressão do Anónimo de Ravena, contemporaneo de Santo Isidoro de Sevilha no século VII.

Toda a antiguidade classica acreditara na existencia dêsse continente ocidental. Os fenicios chegaram mêsmo a procurá-lo. Segundo o "De Mirabilibus Auscultationibus", atribuido a Aristoteles, e o "Periplo" de Scylax de Karyanda, os cartagineses de Gadés (Cadix), buscando essa terra para o oeste, encontraram o Mar de Sargaços, onde as vegetações marinhas e os detritos empeciam a marcha das galeras. Tiveram medo do Abismo e voltaram.

Estrabo, Deodoro Siculo e Macrobio referem que êsses mêsmos gaditanos acharam no meio do oceano, para a parte do poente, uma ilha grande, rica, fertil, de clima delicioso. E' a famosa viagem de Himilcon, contada em Rufus Festus Avienus. Atravessando o Mar de Sargaços, êsse navegador punico foi parar nas ilhas que denominou OESTRUMIDAS OU ESTRIMNIAS, sobre cuja existencia seus compatriotas guardaram o maior segredo.

Plutarco fala duma *terra ocidental* regida pelo proprio Kronos, pai dos deuses. Era a Ogigia felicissima, que demorava ao poente. Após ela, havia a terra firme. Luciano de Samosata assegurava que se podia ir de Cadix às Indias sem parar, com a condição de não vagar pelas ilhas intermediarias. E Seneca como que entrevira a propria America no fundo dêsse misterio que preocupara tantos autores da antiguidade.

Não se póde ter a menor dúvida lendo no áto II da "Medéa":

"..................Venient annis
Saecula seris quibus Oceanus
Vincula rerum laxet, et ingens
Pateat tellus, typhisque novos
Delegat orbes, nec sit terius
Ultima Thule................."

"Tempo virá, no decurso dos séculos, em que o Oceano alargará a moldura do globo para descobrir ao homem uma terra imensa e ignota ; o mar nos revelará novos mundos e Tule não será mais o limite do Universo....."

Foi ainda Seneca quem afirmou que o oceano estava semeado de terras ferazes : "Fertiles in Oceano jacere terras".

Tule, a Tuly dos geografos arabes, identificada por alguns autores com as Feroé, com a Noruega, com a Jutlandia ou com a Islandia, era a ilha ou a terra mais avançada no oceano avistada por Pitéas, o marselhês.

Adivinhavam-se outras ilhas ainda mais misteriosas. Indicavam-nas como boiando à face inquieta e imensa do Atlantico, para o ocidente, mais ao norte, mais ao sul, mais perto ou mais longe, sem pouso certo, ao sabor das imaginações e dos informes imaginosos. Creando-as, afirmando sua existencia, como que a mentalidade humana preparava as alpondras da áspera travessia do maremagno. As que mais tarde se encontraram foram servindo de escalas para as longas navegações em busca de passagem para o oriente, pelo oeste, pelo noroeste e pelo sudoeste.

Entre essas ilhas misteriosas e lendarias enumeram-se, como principais, as seguintes : ANTILIA, STOCAFIXA, ROYLLO, MAN SATANAXIO OU MANO SATANAXIO, de SALOMÃO, MARIÉNIGA, DROGEO, NÃO-ENCONTRA-

DAS, de SÃO BRANDÃO, do ORO, CABREIRA, da VENTURA, GÓRGADAS, ETERNAS, SANZORZO ou SÃO JORGE, do CORVO MARINHO, YMA, do HOMEM e da MULHER, FORTUNADAS, das SETE CIDADES, ESSORES, MONTORIO, dos POMBOS, VERDE, TIBIAS, TAUSENS, MAIDA, CERNÉ e do BRAZIL ou BRASIL, esta última com incontavel número de fórmas graficas e em tantas posições que justificam o apelido que lhe foi posto de "ilha movediça".

Não é muito fácil a identificação dessas ilhas, na maioria sem existencia real. Façamos, porem, um esforço para estudá-las uma por uma e, assim, ficaremos mais a par dos segredos da antiga geografia.

Idrisi calculava em vinte e sete mil as ilhas que deviam existir no oceano Atlantico! Ibn-el-Uardi assegurava serem tantas que só Deus as poderia contar!

ANTILIA

ANTILIA é a que mais comumente se apresenta como uma espécie de anuncio das Antilhas que Cristovam Colombo encontraria antes de atingir a costa do continente americano, que supunha ser o Cipango ou Japão, o Cataio ou China.

Seu nome, que continúa a viver ligeiramente modificado nos mapas atuais, provem da deformação do vocábulo ATL-AN-TIS, a ATLANTIDA, na autorizadissima opinião do erudito Cronau. Outros autores nêle querem vêr simplesmente a expressão *ilha*

anterior — ANTE-ILHA. Ainda outros o explicam como corruptela do arabe EL – TENNIN, a Ilha do Dragão. Egerton grafa ANTIGLIA.

As cartas antigas dão-na quasi sempre com identica configuração, quasi retangular. Tem, pois, um tipo cartografico relativamente fixo que bem a distingue de todas as outras, às quais falece êsse requisito. Vemo-la assim na Carta da Biblioteca de Weimar, de 1424; na de Andréa Bianco, de 1436; e ainda no Globo de Martin Behain, de 1492.

Não resta duvida que a ANTILIA perpetuava na cartografia medieval e do Renascimento a tradição milenaria da Atlantida, cuja história fabulosa os hierofantes egipcios contavam aos visitantes ilustres que indagavam do passado da civilização do vale do Nilo e Platão nos descreveu nos seus dialogos imortais para que sobre o assunto corressem até nossos dias rios e rios de tinta.

As lendas peninsulares diziam que, ao tempo da conquista da Iberia pelos sarracenos, nela se haviam refugiado seis bispos guiados pelo bispo da cidade do Porto. Daí a apostila do Globo de Martin Behain: "Contam que, no ano de 739 após o nascimento de Cristo, quando toda a Espanha foi conquistada pelos pagãos da Africa, um arcebispo do Porto (Portugal) e mais seis bispos e outros cristãos, homens e mulheres, fugiram embarcados e foram povoar a ilha da ANTILIA, denominada SEPTE CITADES". Daí

as palavras de Toscanelli a Fernão Martins: "ANTIL que vosotros lamais de SIETE CIUDADES".

Os geografos antigos pareciam ter a mania de defender a aproximação dum continente por meio duma cortina de ilhas ou duma grande ilha isolada. A ANTILIA antecedia as costas do Extremo Oriente, pois não se pensava na existencia da America, costas essas que eram por alguns cobertas pelas famosas ilhas SYLA, cuja existencia em face da China foi afirmada durante séculos.

Frei Gregorio Garcia é de opinião que foram os portugueses os que espalharam a história da ilha ANTILIA ou das SETE CIDADES como sendo aquela que achara, segundo narram Aldrete e outros, o piloto Alonso Sanchez de Huelva ou de Ullôa, o primeiro a dar a Colombo noticia das terras incógnitas do ocidente.

Êsse Alonso ou Afonso Sanchez carregava no seu navio açúcar da ilha da Madeira para Cascais. Com o barco desarvorado por uma tormenta, fôra dar a uma terra desconhecida ao oeste. De regresso, após mil peripécias, chegou moribundo ao Funchal. Ha muita controversia sobre a veracidade dessa história.

De fáto, as narrações sobre a existencia da ANTILIA começam a ser espalhadas na Europa no século XIV.

No seu livro "Das Grandezas e Cousas Memoraveis da Espanha", Pedro de Medina situa-a a 36°, 5

de latitude, dizendo que, às vezes, se avista de longe e outras desaparece. Junta-lhe a lenda dos sete bispos.

Em geral, a ANTILIA vem isolada do nome de SETE CIDADES, na cartografia, o qual designa uma ilha á parte.

STOCAFIXA

O nome de STOCAFIXA é simples corruptela de *Stock-fish*, o bacalháu. A ilha corresponde, pois, necessariamente à TERRA DOS BACALHÁUS ou TERRA NOVA, de que se tinha conhecimento antes do descobrimento da America e antes mêsmo do do Brasil, senão pelas viagens dos normandos, ao menos pela dos Corte Real.

Está muito claramente assinalada na Carta de Andréa Bianco.

O cronista Galvano denomina-a BACCALAOS, o que é mais do que suficiente para identificá-la. E' a Y DOS BACALHAS da Carta de Pedro Reinel, de 1505. BACALLAOS OU TERRA NOVA CORTEREALIS regista a Carta de Marear de Pedro de Medina. BACALAS lê-se na chamada Carta de Leonardo da Vinci. TERRA NOVA DOS BACALHÁUS concluem, afinal, documentos mais recentes.

ROYLLO

A ilha de ROYLLO é figurada em algumas cartas como tendo doze leguas de comprimento e dez de largura, paralela à ANTILIA, a vinte leguas para oeste. Em outras vem sem medidas e em variada posição. Na de Bartolomeo Pareto, apresenta a fórma dum escudo pintado de vermelho.

Pouquissimas são as indicações que se encontram a seu respeito.

Não será porventura ROYLLO resultado de má leitura ou adulteração da I. ROCHO que aparece na Carta de Gracioso Benincasa, de Ancona, de 1482?

MAN SATANAXIO

MAN SATANAXIO, MAN SATANAXION ou MANO SATANAXIO, da Mãe ou da Mão de Satanaz, segundo uns ou outros. Figura entre as ilhas lendarias do Atlantico setentrional, em portulanos e cartas geograficas ou maritimas antigas, uma ilha de MAN ou de MAM.

O primeiro exemplar cartografico a assinalá-la é, parece, a CARTA CATALÃ de 1375 ; e, com os dados por esta fornecidos, poderiamos fixar a situação primitiva da *ilha*, em carta moderna, como um ponto geografico que se aproximasse do cruzamento do meridiano 15° W de Greenwich com um paralelo que,

na Europa, venha a passar por Lorient, na Bretanha, e na America, nas proximidades do cabo Bretão. Ficaria, assim, a *ilha* a umas quinhentas milhas ao noroeste do cabo Finisterra.

Essa *ilha* lendaria, porem, ao correr do tempo, variou no Atlantico das cartas antigas, tanto em suas *imprecisas* coordenadas geograficas, quanto em sua toponimia, certamente para, desta fórma, prolongar o misterio de uma duvidosa existencia ou realidade, até mêsmo após o descobrimento da America por Cristovam Colombo. Atestam-no, alem dos exemplares cartograficos consultados, os estudos de Kretschmer, Nordjenskiold, Stefano Grande, Fischer, Beuchat, etc.

Pela lição de uns e de outros póde-se concluir ter sido :

— ilha (y.° de MAN ou de MAM na Carta Catalã de 1375.

— "y" de LAMAN SATANAXIO na Carta de Andréa Bianco, de 1436, toponimia que Nordjenskiold alterou para ILHA DE MAN STO. ANASTACIO. D'Avezac e Humboldt deram-lhe outro nome, mas outros não lhe desmentiram a fama : *Satan's hand*, a mão de Satanaz.

— ilha de MAN, dentre outros, nos exemplares de Bartolomeo Pareto, de 1445, e de Benincasa, de 1467, de que Fischer fez uma unica

> palavra — DEMAN e interpretou: DEMONI; e, daí, a "isola dei demoni". Em 1570, é verdade, já Abraão Ortelius dera em sua carta uma ilha — "dos Demonios", junto à costa da America setentrional, entre duas outras ilhas lendarias e ainda subsistentes na imaginação dos cartografos: — DROGEO e SAM BRANDAM!

A lenda deu-lhe sempre *existencia* caminhando para o norte e noroeste, e nunca para sul e leste, talvez no sentido de certas aventuras maritimas que a tivessem buscado e fossem revelando novas ilhas.

Encontramos uma I. DE MAM no famoso Mapa de Toscanelli, na reconstituição de Uzielli e de Peschel.

Narravam as lendas maritimas que, nessa ilha, a mão de Satanaz ou a mãe de Satanaz faziam naufragar de modo misterioso as naves aventureiras que se aproximassem de suas costas rochosas.

Essas lendas inspiraram a literatura. Ha varias peças literarias a respeito, sobretudo espanholas: contos, novelas e poesias. Uma delas pinta a mão de Satanaz alongando-se por baixo das ondas tranquilas e fazendo desaparecer os navios que a fatalidade trazia áquelas paragens malditas.

Nisto se sente a reminiscencia dum velho romance ed Cristovam o Armenio, intitulado "A peregri-

nação de tres rapazes", no qual se descreve uma região da India, onde saía do mar uma mão aberta que colhia os tripulantes dos barcos e os pescadores das praias.

Ao lado dessa e doutras reminiscencias, os desaparecimentos misteriosos de navios, que ainda hoje acontecem. No seu n.º 80, de novembro de 1938, a revista parisiense "Atlantis" insere a seguinte noticia: "Haverá alguma relação entre a atividade vulcanica recentemente assinalada nos Açores e os misteriosos desaparecimentos de navios, dêsde certo tempo, nas suas proximidades? Com efeito, o que é verdade é que o jornal "O Mensageiro de Atenas" dá noticia de naufragios inexplicaveis, dêsde algum tempo, nessas vizinhanças, tanto assim que os marinheiros declaram haver ali um *caça-navios*. A 14 de março dêste ano (1938), o transatlantico "Anglo-Australiano" transmitiu esta mensagem radiografica: "Vai tudo bem. Tempo ótimo. Navegamos perto dos Açores". O radiograma indicava mais as coordenadas exátas do ponto em que se achava o navio. Foi a última noticia que se teve do grande barco. Desapareceu sem deixar vestigios. Tres semanas depois, no mêsmo local, o cargueiro grego "Oros Kyllini", com mar calmo, foi de súbito levantado por uma alta vaga que o partiu pelo meio. Meia hora depois reinava de novo a calmaria. Varios outros navios têm se sumido na mêsma vizinhança dos Aço-

res, o que vem reforçar a antiga hipótese do famoso cemiterio dos navios desaparecidos".

Se no nosso tempo não deixa de ser impressionante nova tão misteriosa, imagine-se o alarme quando nos portos antigos, sobretudo na época das grandes aventuras tragico-maritimas, corriam noticias identicas! A ilha da Mãe ou da Mão de Satanaz exprimia simplesmente, de modo um tanto fantasioso, o perigo dum *caça-navios*, dum "cemiterio de navios".

Releva notar que, em lingua celta, MAN quer dizer *pedra*. Teriamos, então, nova interpretação: a ilha da PEDRA DE SATANAZ, que poderia indicar um cachopo perigoso, cousa inteiramente plausivel, originando-se a lenda da confusão de MAN com MÃE e MÃO.

A ilha lendaria de MAN nada tem a vêr, alem do nome, com a ilha inglesa atual de MAN.

Depois de estudarmos com certo cuidado o assunto, somos de opinião que todos êsses elementos lendarios, ou não, convergiram para um resultado unico, mas que o verdadeiro nome da ilha em questão é S. ATANAXIO OU S. ATANAGIO, isto é, SANTO ATANASIO e não SANTO ANASTACIO, como queria Nordjenskiold. A péssima grafia das velhas cartas foi que se prestou ás varias transformações.

Na Carta de Becaria, se lê tudo ligado: SATANAGIO, de onde para Satanaz é um pulo. Ha outras leituras como SARASTAGIO e SARAVAGIO. Foi o sabio livreiro Formaleoni quem, consultando as cartas da

Biblioteca de São Marcos, leu em primeiro lugar: DE LA MAN SATANAXIO, e traduziu: ILHA DA MÃO DE SATANAZ. E' que, vizinha, sem dúvida, figurava a ILHA DE MANA do veneziano Domenico de Mauro Negro, sob o titulo DE LA MAN, como se vê distintamente na Carta de Andréa Bianco.

Ora, Formaleoni ligou a ilha DE LA MAN à ilha de S. ATANAGIO e nos deu a legenda para uma ilha só DE LA MAN SATANAGIO, transformando a ilha de SANTO ATANASIO em ilha da MÃO DE SATANAZ.

SALOMÃO

Na ilha de SALOMÃO, segundo diziam outras lendas, jazia milagrosamente conservado, tal qual como se fôra vivo, o corpo do grande e sabio rei de Judá, dentro dum esquife de vidro guardado num castelo maravilhoso, cujas altas torres dominavam o oceano.

Êsse relato provinha dos geografos e navegadores arabes que a miude se referiam ás ilhas de Suleyman ou Salomão, espalhando-as pelo oriente, ao sabor de sua fantasia.

Era talvez ainda um derradeiro éco da miragem aurea da antiga Ofir, tão decantada pelos poetas, a TERRA AUREA de Flavio Josefo, a CHERSONESO AUREA de Ptolomeu.

A ilha de SALOMÃO aparece em reduzidissimo numero de cartas antigas e são bastante raras as referencias que se podem encontrar a seu respeito.

MARIÉNIGA

A ilha de MARIÉNIGA surge em diversos mapas antigos sem a menor legenda ou referencia explicativa. Nenhuma tambem se encontra na vasta bibliografia do assunto.

O nome MARIÉNIGA deve ser uma adulteração. E' incrivel a maneira como se modificava a toponimia na cartografia antiga, ao sabor dos descuidos dos copistas, das lições erradas e das mais absurdas interpretações. Alem disso, os cursivos, unciais, góticos e semi-goticos dos portulanos manuscritos, das pomas ou globos, prestavam-se a todas as hermeneuticas.

Vejamos alguns exemplos curiosissimos:

Na Carta de Johannes Schöner, a Baía de Todos os Santos passa em máu latim, — ABATIA OMNIUM SANCTORUM, a ser a Abadia de Todos os Santos, associação da idéa dos santos com a de abadia através da grafia de alguns mapas antigos: A BAIA DE TODOS OS SANTOS ou ABAIA DE TODOS OS SANTOS, como no de Juan de la Cosa.

A ilha de Fernando de Noronha chamou-se antes ilha de São João e, ao principio, ilha da Quaresma. Pois bem, da palavra QUARESMA, manuscrita em cartas e portulanos, Harrisse e Stevenson deduziram esta incrivel lição: ANARESMA.

Encontra-se no Mapa de Kunstmann II a ilha de S. MARIA DAGOODIA e, no de Vesconte di Maiollo, S. MARIA DE GOARDIA. Pergunta-se: será Santa Maria da GUARDA, da AGUADA ou da AGONIA? Pois Sta. MARIA DE GRATIA, isto é, da Graça, não acabou na cartografia como S. MADHNA DE GRATIA?

O nosso cabo de Santo Agostinho tem em alguns mapas antigos o nome de cabo de Santa Cruz, grafado dêste jeito: C. STE. CRUCIS. No Ptolomeu de 1520, a má leitura e a má cópia o transformaram em cabo das SETE CRUZES!

A MARINA TUBARO OU MARINA TUBALO de Pinzon se transmudou em MARINATAMBAL e MARIATAMBAL, em Martin Behain e Waldseemüller, o Ilacomylus. TRINIDAD tornou-se RINDAT em Egerton. PERNAMBUCO acabou FERNAMBOUC e FERNAMBOURG para os franceses.

Quem, sem o socorro da história, será capaz de reconhecer no grego KARCHÉDON o nome punico KARTHU-HADATH, deformado em CARTAGO pelos romanos?

O exemplo do que se passou com a ilha de SANTO ATANASIO que acabou sendo de SATANAZ é concludente.

Podia-se escrever uma obra especial sobre as adulterações de nomes geograficos. Encontrar-se-iam cousas interessantissimas. Atente-se para isto: a ilha ONDRION de Ptolomeu, a PLUVIALIA de Sebosus, foi-se transformando desta maneira: — ONDRION,

NORION, EMBRIONA, UMBRIONA, MEMBRIONA e BEION! A NINGUARIA do mêsmo Sebosus, desta: — NINGUARIA, NINCARIA, NIMBORALIA, NIVALLIS, INVALLIS e VINARIA

Deante disso, fica no ar a pergunta: que avatar de que nome será MARIÉNIGA?

DROGEO

Esta ilha assinalada em alguns autores tambem é de dificil identificação.

O veneziano Antonio Zeno é o primeiro a referi-la, situando-a ao norte. Diz que era povoada por selvagens de alta estatura, nus e antropófagos, que tinha templos ornados de ouro e prata, o que contrasta com os tais selvagens, e que um pescador frislandês (islandês) nela fôra ter por acaso, passando lá treze anos.

No célebre mapa existente na Biblioteca Real do castelo de Windsor, atribuido a Leonardo da Vinci, a America é apresentada como uma grande ilha no meio do Oceano Ocidental. Entre a America e as costas do Cataio, está a ilha DROGEO.

No Atlas do Ptolomeu de Roscalli, de 1561, surge a sudoeste das Antilhas, mais como uma ponta do litoral sul-americano do que propriamente como uma ilha. Como nessa região algumas cartas assinalavam, nos pántanos de Pária, a BOCA DEL DRAGO, é muito

possivel vir o nome DROGEO, tão abstruso e inexplicavel, da má leitura, má cópia, confusão ou adulteração da palavra DRAGO.

Tambem é possivel que provenha, em primeira mão, de má leitura da palavra EUGÉA, a ILHA BOA dos gregos. Póde ainda ser a ILHA DO DRAGÃO a que se referem os geografos arabes sob os nomes de EL MOSTASCHKIN OU EL TENNIN.

E' quasi impossivel sair do âmbito estreito dessas suposições.

NÃO-ENCONTRADAS

As NÃO-ENCONTRADAS OU NUNCA-ENCONTRADAS fugiam á aproximação dos nautas, que somente percebiam no recúo do horizonte seus vultos enfumaçados.

Eram as Ilhas Errantes ou Invisiveis da antiguidade classica, nascidas da contemplação das miragens, ou reminiscencia, sem dúvida, daquelas Simplégadas movediças e entrechocantes, ora aqui, ora ali, no meio das quais passou audaciosamente, empunhando o leme e animando os argonautas, o herói Jasão, quando, no navio "Argus", feito dos carvalhos de Dódona, que falava e profetizava o futuro, andou desafiando perigos em busca do Velocinio de Ouro.

Entre as ilhas NÃO-ENCONTRADAS, enumeravam a de SÃO BRANDÃO, porque muitos já a haviam pro-

curado sem conseguir ao menos avistá-la. Dêsde 1526, os navegadores peninsulares a buscavam pela vastidão ignota do Atlantico.

Os primeiros foram Fernando Fraga e Fernando Alvarez. Depois, Perez de Grado, Fray Lorenzo Pinedo e Gaspar Perez de Alcorta. Em 1721, ainda Gaspar Dominguez. No tratado de Evora, pelo qual Portugal cedeu á Espanha os direitos que porventura tivesse sobre as Canarias, a ilha de SÃO BRANDÃO é denominada textualmente: NÃO-ENCONTRADA.

Por que essa referencia?

Porque no século XVI o rei de Portugal cedera ao piloto Perdigão a ilha de SÃO BRANDÃO, *se a encontrasse.*

A lenda dessas ilhas NÃO-ENCONTRADAS era antiquissima. Já no século XII, Honorio de Autun contava, no seu famoso "Imago Mundi", que precedeu de tanto tempo o de Pedro de Aliaco, da existencia, no seio do oceano, duma ilha agradavel e fertil, descoberta por acaso e, depois, procurada infatigavelmente sem o menor resultado. Mergulhara novamente no misterio de que um predestinado a tirara um dia. Parecia para sempre sumida, tanto assim que o venerando bispo lhe dava o nome de ILHA PERDIDA. E' curioso tambem que a identificasse com a ilha de SÃO BRANDÃO.

SÃO BRANDÃO

A ilha de SÃO BRANDÃO recordava aquela "ressoante de sinos sobre o velho mar" que o santo fôra evangelizar, partindo da Verde Irlanda, na época heroica da conquista espiritual do Ocidente pelos monjes cristãos.

Ha todo um vasto ciclo de lendas a seu respeito. E' uma das ilhas da Fortuna, da Felicidade, do Paraiso Terreal.

Estuda-la-emos especialmente em capitulo á parte.

ORO

A ilha do ORO seguramente resulta duma confusão toponimica e duma intercorrencia de lendas.

Da confusão provieram as ilhas de HUEVO, isto é, do ovo, depois do ORO. Decerto da má leitura do V pelo R e vice-versa. Como em geral nas pequenas ilhas ha abundancia de ovos de aves marinhas, o nome nada tem fóra do comum.

No Mapa de Andréa Bianco, a adulteração se fez noutro sentido, ainda mais explicavel: ILHA DO LOBO, de que proveio ILHA DE L'OVO. Troca natural do V pelo B.

Quando João de Bethencourt conquistou as Canarias, em 1402, deu a uma das ilhas o nome de ILHA

DOS LOBOS, "Ilha de Loupes", porque a achou coberta de lobos marinhos que seus companheiros exterminaram em consecutivas caçadas. Naquela época, encontravam-se focas em abundancia em tal latitude, como se pescavam baleias dentro da baía do Rio de Janeiro ainda no começo do século XIX.

E' até possivel que o proprio nome de Canarias se origine dêsses animais. Diz Bergeron que provem de grande cópia de canas venenosas encontrada no interior das terras. Mas Plinio declara que lhe foi dado por ter imensa quantidade de cães. Nada mais fácil do que terem os antigos confundido cães com lobos marinhos ou dado a êstes o nome de cães. Basta lêr o que Ctesias, por exemplo, diz dos animais da India para se compreender essa facilidade. Êles fizeram do antilope unicornio, descreveram o tragelafo, o martichoras e o catopléas.

Aliás, os mais antigos geografos dão o nome de Canaria a uma só das ilhas do grupo, talvez a que estava cheia de cães. Dela o nome se estendeu às outras.

Essa mudança de ILHA DOS LOBOS OU DO LOBO em ILHA DO OVO e ILHA DO ORO, do OURO, é muito interessante, sobretudo quanto à intercorrencia de lendas que ocorre no caso.

Como diz Gabriel Ferrand, no tempo das navegações e das conquistas, a humanidade viveu com a "hantise des iles d'or". O ouro era a preocupação

máxima. Os hermeticos e os quintessenciadores do elixir da longa vida procuravam-no nos cadinhos e retortas dos seus laboratorios ocultos. A mêsma longa vida e o mêsmo ouro buscavam os aventureiros heroicos pelos mares desconhecidos.

A maior parte do ouro que, então, chegava à Europa, senão todo, vinha da parte meridional de Sumatra, país aurifero por excelencia, que se supunha ser a Chersoneso Aurea de Ptolomeu, tão falada, tão discutida e tão almejada.

Arabes, indús, persas, chins e malaios guardaram durante séculos o segredo dessa provincia aurifera que toda a gente procurava. Falava-se vagamente duma ILHA DO OURO, com uma Montanha de Ouro, perdida no misterio dos mares meridionais, onde esvoaçava o passaro Roka, o grande Simurgh, afundando navios com as pedras que largava das garras colossais.

Era a famosa cidade de YAVAKOTI (Java – Coti), de muralhas, tetos e portas de ouro macisso, que, no século V de nossa era, já descrevia o SARYA SIDDANTHA. Dêsde o século IV, a essa terra onde tudo era ouro se referiam monjes, peregrinos e embaixadores chineses nas suas relações ; navegadores, aventureiros e mercadores arabes em seus roteiros : Huei-je, Fa-hien, Masudi, Sidi-Ali, Biruni, Abu-Zayd, Ibn Majid e Suleyman al Mahari. Era a LUCA VEACH, a ILHA DO OURO dos indonésios, infrutuosamente

buscada por Diogo Pacheco, descrita por Godinho de Eredia e Pedro de Carvalhais.

Odorico de Pordenone, que frei Gregorio Garcia chama Odorico de Fôrojulio, nome latino de sua cidade natal, transmitira aos ocidentais, antes dos portugueses chegarem à India, o éco dêsses fabulosos racontos de chins, persas, arabes e turcos. Mais tarde, lusos e holandêses trouxeram maiores noticias dessa ilha de "ouro puro", como a qualificava Odorico. Figurou muito tempo com pouso incerto nos mapas da Insulindia. Ainda na carta nº 32 do "Oriental Pilot" se vê marcada com esta legenda: "OURO, according the Dutch. Uncertain".

Através das imaginações, êsse primeiro Eldorado veio ter ao Atlantico, confundindo-se com a ILHA DO LOBO, DO OVO e DO ORO, do mêsmo modo que nos mares indonésios acabou indo morrer a ilha atlantica de SÃO BRANDÃO.

CABREIRA

CAPRAIAM do Geografo Ravenense anónimo.

Designação comunissima para ilhas e lugares onde se encontrou abundancia de cabras selvagens: Capri, Capréa em Napoles, Cabrera nas Baleares.

Nos proprios mares orientais, que é a Pulo-Cambin senão em lingua malaiala Pulaw-Kambin, a Ilha das Cabras?

Ptolomeu denomina uma das Canarias — Capraria.

Statius Sebosus coloca uma ilha Capraria a 750 milhas de Cadix. Uma das Afortunadas, como em Ptolomeu. Alguns mapas antigos a rotulam como CHAPRERA e outros já adulteraram isso em CHAPESA.

VENTURA

A ilha da VENTURA repisava as lendas das ilhas AFORTUNADAS do Oeste, que estudaremos com todas as minudencias e com todo o vagar mais adeante.

As AFORTUNADAS são geralmente identificadas como sendo as Canarias atuais. Apostilando seu exemplar do "Ymago Mundi" de Pedro de Aliaco, o proprio Cristovam Colombo escreveu que "os gentios punham o Paraiso nas AFORTUNADAS por causa da fertilidade do sólo".

Pedro Reinel, na sua Carta de 1505, dá uma Y. DA BOAVENTURA perto da Terra Nova, na altura da costa setentrional americana, de parceria com uma Y. DA FORTUNA, como exprimindo cartograficamente o que haviam espalhado os navegadores escandinavos sobre a felicidade das terras nordicas.

Encontra-se ainda em 1528 a ilha da VENTURA no Portulano de Pietro Coppo de Isola.

Apresenta-se, às vezes, com a grafia de L'AVENTURE, o que importa numa quasi confusão de Ventura com Aventura. A aventura era o gosto da época ; a ventura, anseio quasi igual ao do ouro, enchendo as almas.

Ha tambem a grafia esdruxula : BENTUFLA.

Alguns autores querem que essa ilha da VENTURA seja a do Faial. Porque não a FUERTEVENTURA canarina ?

GÓRGADAS

Gorgonum insulis é como lhes chamam os autores latinos.

Ali, segundo Proclés de Cartago, citado em Pausanias, Teseu cortou a horrenda cabeça da Medusa. Infelizmente se perdeu toda a história dêsse mui alto feito narrado por Statius Sebosus, que somente conhecemos através de Plinio.

Nas suas notas ao "Ymago Mundi", Cristovam Colombo declara que essas ilhas eram povoadas pelas Górgonas, os vorazes monstros femininos da antiga fábula.

Alguns autores as identificam como sendo as ilhas de Cabo-Verde.

Uns as denominam GÓRGADAS e outros, GÓRGONAS. Diz Deodoro Siculo que, na sua grande expedição ao Ocidente, onde cometeu tão notaveis tra-

balhos, Hercules destruiu tanto as AMAZONAS como as GÓRGONAS, que habitavam em ilhas.

No seu "Périplo", Hanon o cartaginês põe as GÓRGADAS ao sul do litoral africano. E' o mais antigo viajante que delas fala. Achou-as povoadas de mulheres peludas ou GORILAS, das quais, com inaudita dificuldade, conseguiu apanhar tres vivas. Todas as citações e lendas a respeito das GÓRGONAS ou GÓRGADAS se originam da narração cartaginesa combinada com a fábula grega dos monstros femininos.

Enquanto Hanon localiza as GÓRGADAS ao sul do litoral da Africa sobre o Atlantico, Xenofonte de Lampsaca põe-nas a oeste. Statius Sebosus leva-as muito para alem das HESPÉRIDAS OU AFORTUNADAS.

ETERNAS

As ETERNAS representam, sob outra designação, o mito da felicidade paradisiaca tão procurado à face da Terra. Ali não se morria e uma fonte maravilhosa jorrava com suas limpidas aguas a eterna mocidade.

Quando, em plena era dos descobrimentos, o fidalgo Ponce de Leon procurou na Flórida a Fonte de Juventa, se inspirava na lenda das ilhas da VENTURA e ETERNAS, maravilhado pelo aspéto deliciosamente incomparavel do país que descobrira.

A primeira noticia das ilhas ETERNAS vem nos geografos arabes. O "Takwin-al-Boldan" de Abul-

féda nomêa-as DJEZAIR-EL-KHALIDAT e quer que sejam os Açores. Ibn Fátima e Ibn Sayd distinguiam as ETERNAS das AFORTUNADAS OU DJEZAIR-AL-SEADA, situadas em número de vinte e quatro entre aquelas e o continente.

Abulféda põe as ETERNAS a 10° da costa africana para o oeste. Eram seis. Estavam cobertas de faróis e estatuas de bronze que indicavam ser ali o termo de todas as navegações. *Sta, viator !* Nem um passo adeante ! As estatuas eram obra do grande Dzu-el-Qarnain, o famigerado *herói dos dois cornos*, o Iskender Cornudo, que o mundo muçulmano identificou sempre com Alexandre Magno e certos autores afirmam ser Ram, o Aries, o Carneiro, o Chefe dos Arias, o creador de todas as civilizações.

SANZORZO

SANZORZI, SANZORZO OU SÃO JORGE está identificada como sendo uma das ilhas do grupo dos Açores. Deve seu nome a ter sido descoberta na data dêsse santo.

Um atlas hidrografico manuscrito executado por Cristofalo Solego, em Veneza, no século XV, e conservado no Museu Britanico traz a lição : SAN JORTE.

No Renascimento, ainda estava fresca a memória do hermetismo medieval em que as imagens de

São Miguel dominando o demonio e de São Jorge matando o dragão tinham profundo sentido simbolico.

E' possivel que a designação dessa ilha atlantica tenha obedecido em alguma cousa a êsse simbolismo.

CORVO MARINHO

O nome da antiga ilha do CORVO MARINHO conservou-se na geografia moderna diminuido do qualificativo : todos conhecem a ILHA DO CORVO.

Y M A

A YMA é uma ilha a que se fazem pouquissimas referencias. Aparece nas lendas referentes ás viagens de São Macuto, semelhantes às de São Brandão.

Intitula-se, às vezes, YMA DE SÃO MACUTO.

São Macuto identifica-se com o Saint-Malô francês ou, melhor, Saint-Maclou, que deu o nome a um porto bretão. E' o São Machutes de frei Gregorio Garcia, o São Maclovius latino, simplesmente São Maclovio, bispo de Aleta, na Bretanha, no ano de 560. Em algumas versões da "Peregrinatio" de São Brandão, São Macuto aparece como seu companheiro.

Foi Sigeberto de Gemblours, no século VII, quem redigiu a lenda de São Malô ou Macuto, o qual encontrou no mar a ilha IMA OU YMA, onde re-

suscitou um gigante, o batizou e o tornou a adormecer na morte. Êsse gigante recebeu o nome de Mildus. Foi essa lenda que, decerto, influenciou o espirito do piloto lusitano, Pero Velho, que declarou ter achado rastos de gigantes na ihla de São Brandão, onde julgava haver desembarcado no último quartel do século XVI.

A IMA, no dizer de Sigeberto, era "semelhante ao Paraiso". São Macuto alcançara-a após sete anos de navegação e o gigante Mildus, Milduo ou Milduno disse-lhe, ao ressuscitar, que, quando era vivo, vira, "vagando pelo oceano", uma ilha que excedia a todas as outras em delicia e formosura, rodeada de muralhas de ouro que resplandeciam como espelhos!

Temos, assim, reunidos aqui dois grandes elementos miticos que a miude se repetem nas lendas das ilhas atlanticas: o do Paraiso Perdido e procurado, e o da Terra Aurea, da Ofir de Salomão.

Talvez, no caso, estejamos em face de mais uma intercorrencia da lenda da ilha oriental do OURO, a Pulaw-Mas que os geografos e navegantes arabes chamavam ÊMAS OU YMAS.

DO HOMEM E DA MULHER

As ilhas DO HOMEM e DA MULHER indicavam, com toda a certeza, duas terras semelhantes e próximas, quer existentes realmente, quer fantasiosas. O fenó-

meno repete-se constantemente, designando acidentes geograficos — lagos, morros, montes, ilhas, pontas de terra: Dois Amigos, Dois Irmãos, Macho e Femea, a Freira e o Frade, etc.

Não vemos à entrada da baía de Guanabara as ilhas do Pai e da Mãe, em obediencia simplesmente a essa razão de proximidade? Não ha as ilhas Macho e Femea, no estreito de Magalhães, unicamente pelo mêsmo motivo?

Dois Irmãos é como Andréa Bianco marca duas ilhas oceanicas em seu mapa. Sete Irmãos chamavam outróra a um grupo de sete ilhéus no mar das Indias.

Não teve, seguramente, outra razão, senão essa comunissima, a designação ptolemaica — DIDYMÉ, as Gémeas.

E' bem provavel que, pelo mêsmo motivo, os arabes hajam dado à ilha canaria de LANZAROTE o apelido de DOIS IRMÃOS FEITICEIROS, porque nela se vêem dois picos fronteiros e semelhantes que a lenda considera dois famosos bruxos transformados em pedra.

FORTUNADAS

A propósito das FORTUNADAS OU AFORTUNADAS, e que representam uma das mais antigas, formosas e vivazes lendas da humanidade, ocupar-nos-emos mais adeante, de modo muito particular, em virtude de

sua intima conexão, em significado, com a ilha BRASIL OU DO BRASIL, que é a que verdadeiramente nos preocupa no presente estudo.

SETE CIDADES

Na ilha das SETE CIDADES repetia-se o derradeiro éco das famosas tradições atlantes. Ainda hoje, vive na ilha açoriana de São Miguel o nome de SETE CIDADES, indicando uma aldeia à beira de pequeno lago, que é tudo quanto resta de antiquissima cratera vulcanica.

Conta-se que ali foram destruidas por uma horrenda catástrofe sete maravilhosas cidades pertencentes ao último rei da perdida Atlantida, da fabulosa Possidonia que o fogo do céu e as aguas do oceano para sempre subverteram, de modo que dela não ficasse pedra sobre pedra.

A ilha das SETE CIDADES foi uma das mais procuradas pelo oceano afóra e uma das NUNCA-ENCONTRADAS. Deante dessa procura e das afirmações de ser, às vezes, até avistada, tem-se a impressão de que os que asseguravam sua existencia se deixavam enganar pelas *vigias* ou rochas que se erguem à superficie do Atlantico e desaparecem dentro de pouco tempo, o que motivou magnifico estudo do almirante francês Fleuriot de Lange.

Buscaram-na com afinco os portugueses, no século XV, bem antes que Cristovam Colombo aportasse às terras insulares da America, crente de que esbarrara na ANTILHA, cobertura da Asia Oriental, que os portulanos da época punham entre 30° e 35° a oeste de Lisbôa. Os portugueses confundiam a ilha das SETE CIDADES com a ANTILIA, como, entre outros, testemunha Toscanelli. Procuravam, pois, sob outro nome a mêsma cousa que Colombo, o qual nada teria feito se não fôra o impulso português dado às navegações de descoberta do mundo.

Uma Carta Régia de 1475, em que o Rei de Portugal concede licença para navegar e descobrir a Fernão Teles, prevê o achamento da ilha das SETE CIDADES. Outra Carta Regia de 1486 firma contrato com Fernão Dulce, que ia a descobrir a ilha das SETE CIDADES.

Entretanto, não se poderá dizer que os portugueses fossem fantasiosos nas sùas correrias maritimas. Um espirito prático os dirigia. Tanto assim que os vemos de posse do conhecimento da continuidade do continente americano muito antes que os espanhóis e outros disso se dessem conta. Quando Colombo acreditava ter chegado ao Cataio ou ao Cipango, quando se deixava levar pela idéa de haver achado no oeste o Paraiso Terreal, quando julgava achar povos cristãos na India, evangelizados por São Tomé, último éco da noticia dos Estados Nestorianos da

Asia Central, os lusos, devidamente informados por suas múltiplas viagens clandestinas, já sabiam que a parte setentrional da America se ligava à parte meridional, a TERRA DOS PAPAGAIOS, como diz a carta de Pascuáligo.

Essa carta de Pascuáligo é uma das revelações comprovadas do que acima se afirma. Escrita de Lisboa em 18 de outubro de 1501, relata a chegada de um navio de Côrte Real, de regresso da Terra Nova, e se refere a essa ligação continental como cousa perfeitamente sabida. Ranke encontrou-a na Biblioteca Marciana.

Como já vimos pela noticia do Globo de Martin Behain a ilha das SETE CIDADES confundia-se muitas vezes com a ANTILIA. Tambem se confundia, intercorrentemente, com a de SÃO BRANDÃO, pois muitos afirmavam que para esta é que tinham fugido os tais Sete Bispos perseguidos pelos mouros.

Do mêsmo modo que se dizia estar na ilha de SALOMÃO o corpo do grande e sabio Rei de Judá, na de SÃO BRANDÃO os espanhóis diziam ter-se refugiado o Rei visigodo Rodrigo, após a derrota do Guadalete, que entregou a Espanha aos Infieis, e os portuguêses, se ter ocultado D. Sebastião, o Encoberto das profecias do Bandarra, depois de perdida a batalha de Alcácer-Quebir.

Morta de vez a ilha das SETE CIDADES pela cartografia moderna, a lenda continuou a viver e passou

para o continente americano. Lá estão, no município piauiense de Piracuruca, sete monstruosos amontoados de pedras, singularmente mordidos pelas erosões e desgastes, que, no dizer de muitos, nada mais são do que as desaparecidas Sete Cidades da Atlantida.

Em algumas cartas antigas, ao invés da ilha das SETE CIDADES, aparece com êsse nome um grupo de sete ilhas.

ESSORES

Não resta a menor dúvida que as ilhas ESSORES são simplesmente as dos AÇORES, descobertas em 1432 por Gonçalo Velho Cabral.

Veio-lhes o nome da grande quantidade de açores (*astur palumbarius*) ou falcões nelas encontrados pelos seus primeiros povoadores.

Segundo Peschel, os AÇORES são as mêsmas ilhas CABRERAS, pois o nome de CABREIRA tambem aparece no plural em antigos documentos cosmograficos. Outros autores as consideram as TERCEIRAS e colocam como "uma das TERCEIRAS" a ilha BRASIL ou DO BRASIL.

MONTORIO

Quanto a MONTORIO, MONTORIUS ou MONS ORIUS, estamos em presença de uma adulteração toponimica com uma intercorrencia de lendas, como no caso da ilha de ORO.

MONTORIUS é, decerto, corruptela de MONTONIS, por sua vez corruptela de MOLTONIS, latinização bárbara, de acôrdo com o hábito da época, de MOUTONS, carneiros. Representa a ILHA DOS CARNEIROS de algumas versões da mirifica viagem de São Brandão. O grande santo evangelizador, antes de chegar à ilha que, depois, tomaria seu nome e era a TERRA DA PROMISSÃO DOS SANTOS, encontrou, segundo algumas versões de sua lenda, essa ILHA DOS CARNEIROS.

O geografo arabe Idrisi e os chamados irmãos Magrurin falam da ILHA DOS CARNEIROS como se tivesse existencia real. E' a EL CHANAM, onde a carne dos rebanhos era amarga como fel.

A lenda que intercorreu foi a do Monte de Ouro na ilha do Ouro, do Oriente, — a Luca Veach, a Pulo-Mas refulgente, que cegava os navegadores batida pelo sol a pino, MONS ORIUS, o Monte Aureo, o Eldorado, Ofir !

DOS POMBOS

A ILHA DOS POMBOS consta das cartas antigas como ISOLA DEI COLOMBI ou simplesmente COLOMBI. Pietro Coppo de Isola grafa COLUMBO.

E' mais do que provavel que o nome tenha vindo da abundancia em alguma ilha vagamente referida dessas aves, ou da confusão de aves marinhas com elas.

Talvez a ILHA DOS PASSAROS a que se refere Idrisi, — RAÇA OU DJEZAIR-EL-TOIUR.

Alguns geografos vêem nela a ilha do Pico, notavel pela sua abundancia de pombos selvagens.

VERDE

A VERDE é outro éco da existencia de uma *Terra Feliz ao Ocidente*: a VERDE ERIN dos irlandêses, a VERDE VINLANDIA das Sagas, GROENLANDIA, a TERRA VERDE gabada pelos normandos colonizadores. Êsse pensamento se perpetuou geograficamente no nome da ILHA VERDE, na costa da peninsula do Labrador.

A chamada ILHA VERDE DAS CORRENTES sempre preocupou a imaginação dos celtas.

E' curioso que o arabe Masudi chame textualmente ao Atlantico MAR VERDE TENEBROSO. A interferencia do qualificativo *verde* como que é um reflexo da existencia real ou imaginosa das ilhas ou terras VERDES boiando à sua face coberta de trevas e de misterios. Tanto assim que todos os outros geografos muçulmanos chamam ao Atlantico — EL-BAHR-MOZALAM, Mar Tenebroso, ou EL-BAHR-EL-ZOLMAT, Mar das Trevas.

TIBIAS E TAUSENS

As ilhas TIBIAS e TAUSENS são absolutamente fantasticas.

Figuram na conhecida Carta de Juan de la Cosa, de 1500, ano do descobrimento do Brasil.

E' tudo o que existe a seu respeito.

Seus nomes talvez venham da adulteração de topónimos arabes como MOS-TASCHKIN ou TENNIN.

E' possivel ainda que TAUSENS seja mera corruptela de Tarsis, um dos lugares misteriosos aonde iam em busca de riquezas para Salomão as frotas de Hiram, Rei de Tiro, seu aliado.

MAIDA

E a MAIDA?

Sua grafia é bem variavel. Derivam-na alguns de MAN SATANAXIO através de MOUMAINN (mal grafada), na Carta de Freducci d'Ancona, de 1497, exemplar da Biblioteca de Wolfenbuttel; outros da ILLE NEOME (demoni?), na Carta de Mateus Prunes, de 1553, no Atlas Kretschmer, tab. IV; das NAIDAS, na "Tabula Oceani Occidentalis sive Terrae Novae", de 1513, Ptolomeus, no Atlas de Nordjenskiold; e MAIDA, MAYDA, MAYDE e MOIDI, em varias cartas e lições de certos historiografos. Na obra Gas-

taldiana, porem, constantemente aparecerá sob as fórmas de MAYDA e MAIDA.

A fórma MOIDI lembra o famoso AMOY OU AMOYE, cuja riqueza e civilização buscavam outróra, como as duma Atlantida perdida, os peregrinos budistas da velha China. E' notavel em toda a parte do mundo essa procura duma região feliz, dum país ideal, dum lugar paradisiaco.

As fórmas MAIDA e MAYDA lembram a MADJIDAL dos arabes e persas, a ILHA DO CASTELO, que, com a célebre LANKA, era um dos marcos dos grandes meridianos que dividiam a Terra e serviam para os cálculos das longitudes e ladezas. Gnomon chamar-lhes-iam os gregos.

Sobre a origem da ilha MAIDA somente se podem fazer suposições.

Não será talvez a mêsma Y DE MAYA, uma das Cabo Verde no Mapa de Juan de la Cosa, piloto de Cristovam Colombo?

Não provirá do inglês MAIDEN, donzela, virgem, nome que ficou num cabo e num grupo de ilhas, por causa da agiografia cristã?

Não será a ilha de MAYO do portulano Egerton transformada pela má interpretação da letra final manuscrita em MAYD?

CERNE'

O primeiro autor que se refere a CERNÉ é o cartaginês Hanon, no seu Périplo depositado no templo de Baal. Dá-lhe cinco estadios de contorno, o que equivale a cerca de 160 metros, situando-a perto da costa da Libia.

A dc Cerné ou Kerné surge em algumas cartas à face do Atlantico. Os antigos contavam que fôra devastada pelos Farusios, povos bárbaros da Africa. Isidoro e Dicuil chamam-lhe GAULEA, o que denota sua origem gaulesa. Outros autores a denominam ILHA DOS NAVIOS.

E' muito curioso que, tendo vindo da antiguidade classica, acompanhe fielmente, do fim da Idade Média ao Renascimento, a ilha de SÃO BRANDÃO, até mêsmo em sua derradeira migração, indo parar com ela no mar das Indias.

DO BRASIL

No meio de todas essas ilhas que pontilhavam o Mar Tenebroso, a do BRASIL é das que aparecem nos mais antigos documentos cartograficos.

Começa a figurar em cartas e portulanos do século XIV, mais ou menos cento e cincoenta anos antes de se descobrir a parte da America meridional

destinada a receber êsse nome. Era como que uma ilha caprichosa, "movediça", que se deixava vêr algumas vezes e logo maliciosamente se sumia no horizonte, se escondia nas brumas, se afundava nos misterios do mar, a ilha APRÓFITAS OU INACESSIVEL a que aludiam certos geografos antigos.

Às vezes, desdobrava-se em mais de uma. Apareciam nos mapas duas e até tres ilhas BRASIL. "Ad brasilarias insulas", diz um velho documento: para as ilhas do BRASIL.

III

O Brasil de São Brandão

Dêsde remotas eras, os bardos gaelicos cantavam as delicias de uma Terra Venturosa no meio do Oceano, para o Oeste, que apelidavam o MACMELD, O PAIS DA ETERNIDADE, o qual havia sido visitado por varios heróis do seu ciclo de gestas : Condlé, Maldwin e Bran, filho de Tebal.

Alguns bardos denominavam essa terra — as ILHAS VERDES DAS CORRENTES, dizendo que o bravo Gafran, filho de Aeddan, fôra em sua busca e nunca mais voltára.

O último dos heróis que havia alcançado essas ilhas lendarias e regressado deslumbrado por suas maravilhas fôra o mêsmo Bran, filho de Tebal. Não se póde fugir a um confronto, embora rápido, do nome de Bran com o do santo evangelizador cristão-celta Bran-dan, Bran-donius, Bran-danis ou São Brandão. Êle deu nome à ilha ignota, apostilada desta fórma no Globo de Martin Behain : "No ano de 565

depois do nascimento de Cristo, São Brandão chegou a essa ilha, que observou maravilhado ; ali ficou sete anos e, após, tornou ao seu país". Behain designa a ilha textualmente como SAND BRANDEN. A designação se corromperia mais tarde até êste ponto : ZAMBORONDON !

Até a época de Cristovam Colombo, a ilha de SÃO BRANDÃO se mantem nas cartas. Depois, começa a desaparecer a pouco e pouco. Todavia, ainda se vê no Mapa de Ortelius, no século XVI. De então por deante, some-se ou passa a surgir no Mar das Indias, em companhia da antiga Cerné.

A crença em sua existencia foi tal que a procuraram mar adentro ou a identificaram com as verdadeiras. Em pleno século XVI, Thomas Nicholls declarava que a ilha de SÃO BRANDÃO era a mêsma ilha da MADEIRA. No derradeiro quartel dêsse século, Alonso de Espinosa, governador da ilha do Ferro, nas Canarias, ouviu mais de cem testemunhas que tinham avistado a ilha de SÃO BRANDÃO. Nessa mêsma época, declarou, não somente tê-la visto, mas nela haver desembarcado, o piloto português Pero Velho, afirmando ainda ter encontrado no seu sólo pegádas de gigante, o que nos traz á lembrança a YMA de SÃO Macuto com seu gigante ressuscitado, batizado pelo santo e, de novo, adormecido na morte.

Por causa de afirmações do teor da de Pero Velho, Fernão de Vila Lobos, governador da ilha da Palma, andou a procurá-la em vão.

O desejo de encontrar a ilha de SÃO BRANDÃO só esfriou após a expedição enviada em sua busca no ano de 1604, sob o comando do piloto espanhol Gaspar Perez de Acosta.

Contudo, ainda no século XVIII, em 1721, ouvindo de alguns habitantes da ilha da Palma que se avistava uma terra para oeste, provavelmente a ilha de São BRANDÃO, D. Juan de Mur y Aguirre, capitão general das Canarias, equipou uma expedição sob as ordens do capitão Gaspar Dominguez, que a procurou sem resultado. Foi a última tentativa de que se tem noticia.

A "Peregrinatio Sancti Brandani" é uma lenda celta em latim do século IX, da qual chegaram aos nossos dias varias versões. Essa lenda teve a maior voga na Europa durante mais de quinhentos anos, sendo traduzida em prosa e verso em quasi todas as linguas.

Segundo os Bolandistas, São Brandão nasceu na Irlanda, no ano de 460 da era cristã. Tinha, pois, em 565, quando a lenda narra o empreendimento de sua viagem para o Ocidente, a bagatela de 105 anos! Era filho de Finloch e descendente do grande Eugenio, um dos heróis epónimos dos galeses. Fôra educado no célebre mosteiro de Cuainschedriul. Aos 98 anos, fundou a cidade de Clonfert. Morreu aos 118, em 578!

Sua viagem aventurosa é absolutamente diversa nos propósitos e finalidades da dos heróis celtas que o precederam. Bran, filho de Tebal ou Febal, por exemplo, foi convidado por uma linda mulher desconhecida a visitar o país de SIDE, isto é, o país das Fadas. Levou consigo trinta companheiros e foi dar a uma ilha povoada de mulheres, onde demorou muito tempo.

São Brandão, não. Seu ilimitado amor ao Cristo é que o impele a ir pregar a Bôa Nova aos povos ignotos.

Pensava já em procurá-los através do Oceano Tenebroso, alem do qual acreditavam os antigos irlandeses jazer a Planicie Agradavel da Morte, o Mag Meld, quando seu mestre e amigo dedicado, o abade Barintus, filho do rei Neil, lhe contou a história do monje Mernoc, o qual procurara as lendarias ILHAS VERDES DAS CORRENTES e acabara permanecendo na ILHA DELICIOSA, a TERRA FELIZ DO OCIDENTE.

Barintus fizera longa e áspera viagem afim de visitá-lo. Depois, navegara ainda mais para o poente e dera com a TERRA DA PROMISSÃO, destinada por Deus aos seus santos — TERRA REPROMISSIONIS SANCTORUM. Esta narrativa decidiu São Brandão a tentar tambem a aventura.

Por que não chegaria até aonde Barintus chegara? era a pergunta que, meditando, não podia deixar de fazer a si proprio.

Escolheu quatorze monjes para acompanhá-lo entre os mais virtuosos e intrépidos. Após longos dias em que se prepararam com jejuns e preces, embarcaram, segundo algumas versões, em pequena náu de bôa madeira, segundo outras, num barco de vime, coberto de couros curtidos. Fizeram-se de vela, afrontando a imensidão desconhecida do Atlantico, onde se guiaram pela Estrela Polar. Entre os quatorze monjes selectos, ia São Malô ou São Macuto, então rapazinho.

A primeira cousa que os peregrinos encontraram foi a Grande Serpente do Mar, que, mais tarde, os relatos de Olaus Magnus popularizariam. Suscitada pelo demonio, a Grande Serpente ia tragar a náu com todos os frades, quando os anjos que os protegiam fizeram surgir das ondas outra serpe maior que matou e devorou a primeira.

Não é de admirar êsse encontro em tão priscas eras, quando lemos de vez em quando nos jornais contemporaneos noticias de monstros marinhos aqui e ali avistados pelos capitães dos barcos a vapor!

O segundo encontro foi o de um castelo roqueiro edificado sobre um rochedo isolado, lembrando, ao mêsmo tempo, o MADJIDAL dos orientais e aquela famosa TORRE DE CONAM da mitologia celta.

Mais adeante, viram a ILHA DOS CARNEIROS, como que anunciando o anho pascal. Com efeito, a Páscoa colheu-os em pleno mar. Ficaram bastante

pesarosos. Como celebrá-la condignamente no estreito e movediço taboado da náu? Não lhes ofereceria Deus o abrigo de uma ilha para que o pudessem louvar na data de Sua Paixão e Morte na Cruz?

Então, a Providencia Divina se amerceou dêles e fez com que lhes surgisse pela prôa, no verde deserto do mar, o escuro ilhéu JASCONIUS, sobre cujo dorso realizaram as ceremonias do culto. Mas, ó milagre magnifico! o ilhéu nada mais era do que uma baleia giganteșca, como a das viagens de Sindbad o Maritimo, que ficara boiando quietinha para não perturbar a liturgia dos monjes.

Longos dias e longas noites de navegação levaram o santo à ILHA DOS POMBOS OU DOS PÁSSAROS, os quais não passavam de anjos decaídos e castigados em tão humilde condição. Os pássaros tiveram sempre notavel papel nos ciclos de lendas guerreiras e mitologicas dos celtas dêsde a mais alta antiguidade. Sob a fórma de pássaros unidos por uma canga de ouro ou prata, fugiam os amantes perseguidos que os deuses protegiam. Em pássaros se metamorfoseavam as bruxas e bruxos poderosos. Os proprios deuses nêles se encarnavam e eram os núncios dos prodigios.

Depois da ILHA DOS PÁSSAROS, abordaram os peregrinos com espanto à ILHA DOS FRUTOS OU DOS POMOS, povoada de grifos e gigantes. Sente-se claramente no episodio a reminiscencià da lenda pagã do Jardim das Hespéridas, com seus pomos de ouro, guar-

dado pelo dragão e violado por Hercules. Os elementos miticos são, positivamente, os mêsmos.

A viagem de São Brandão é muito interessante, sobretudo porque recapitula um a um diversos mitos antigos. Na ILHA DA ABADIA DA ETERNA MOCIDADE E DO SILENCIO, onde se demorou algum tempo, se vê bem a lenda da Fonte de Juventa que os aventureiros do século XVI ainda haveriam de procurar. Vinha de longe, da ILHA JUNONIA, de Juno e dos Jovens, ao largo da Africa, citada em Statius Sebosus. O silencio era o mêsmo silencio a que se referem todos os cantos, lendas e mabinogion celtas como pairando nos lugares paradisiacos onde repousam os mortos na eterna mocidade da vida imortal.

Noutro dia, em outra ilhota, São Brandão deparou Judas, amarrado a um rochedo, como Prometeu, açoitado cruelmente pelas ondas furiosas e guardado pelo demonio Leviatan.

Noutro, contemplou a ILHA DA FORJA DO DIABO, crepitando em fogo, alanceando o espaço com as suas labaredas, borrando de longe o céu com o rubro de sua ignição. A ILHA DO INFERNO de certas cartas medievais. Alguns julgam vêr nela a ilha de Tenerife com seu vulcão.

Noutro ainda, de longe lhe apareceu, boiando calmamente sobre a vastidão do mar, uma igreja de cristal. Era uma grande fórma branca, coroada de

rendilhamentos, que deslisava sobre a liquida planicie levemente ondulada, sem o menor rumor. Um *ice-berg?*

São Brandão e seus companheiros navegaram muito tempo mar afóra, rumo a oeste, alimentando-se de orações, como em verdadeiro *Laus Perennis*, até topar a ILHA DELICIOSA, habitada pelo eremita Paulo, talvez o mêsmo monje Mernoc, que contava 140 anos de idade e só se alimentava de peixe e agua pura. Era a última etapa para se atingir a TERRA DA PROMISSÃO.

O monstro JASCONIUS, talvez a mêsma baleia que guardara o profeta Jonas em seu seio, reapareceu á face do mar e guiou-os até a maravilhosa TERRA DA PROMISSÃO DOS SANTOS. Maravilhosa de fáto! "Grandes bosques, rios, prados floridos para todos os lados. Bosques cheios de pássaros. Rios cheios de peixes. Prados cheios de animais isentos do pecado. Gamos brincando com lobos. Leôas amamentando cordeiros. Ar suave e perfumado. Nem uma nuvem velando a dôce claridade do sol. Macieiras sempre cobertas de flôres, como se fôsse abril; sempre cobertas de frutos, como se fôsse setembro".

Demoraram oito anos felicissimos na TERRA DA PROMISSÃO e voltaram, não mais guiados pelo monstro JASCONIUS, mas por um pássaro lindo e amavel. Contaram aos povos da Irlanda as maravilhas que os tinham deixado extasiados. A grande aventura de São Brandão, do IMMRAM BRENAM, seduziu todas

as imaginações. Houve quem tentasse imitá-lo sem proveito e mêsmo quem pretendesse ir viver na dadivosa região de que falava. Mas, como se após o regresso do glorioso santo e de seus companheiros o mar a houvesse tragado, nunca mais foi possivel encontrá-la.

Assim, nasceu em meados da Idade Média a lenda atlantica da ILHA NÃO-ENCONTRADA, NUNCA-ENCONTRADA OU PERDIDA.

Nessa velha lenda celta, enfartada de paganismo no seu cristianismo nascente, sente-se de modo admiravel, ao par das reminiscencias de mitos antiquissimos como os de Prometeu e do Jardim das Hespéridas, todos os elementos das arriscadas navegações boreais dos antigos vikings e galeses: no fundo do horizonte até aonde se estende a translucidez do mar, o espectro alvissimo do banco de gelos eternos, murando o caminho do Polo e desafiando no misterio de seu eterno silencio a curiosidade humana; as linhas denteadas e rendilhadas de gelo dos altos e brancos *icebergs* que deslisam sobre o espelho do oceano, como catedrais que se vão silenciosamente derretendo; os cetáceos monstruosos que acompanham as embarcações na sua derrota dias inteiros e cujo lombo lustroso e escuro surge por vezes à flôr das aguas como uma ilha miraculosa que emerge; as cortinas impenetraveis dos nevoeiros que impedem a visão e estorvam a marcha, porque não se sabe mais para onde se caminha; e, sempre, no fundo de tudo, no âmago,

a eterna visão de "cette Atlantide qui s'étend, coupée par un large fleuve, quelque part au delà des mers du couchant".

Êste rio cortava tambem a ANTILIA nos antigos planisferios e portulanos. Em alguns, mais recentes, aparece cortando a nossa terra sob o nome de RIO DE BRASIL, nos 17° de latitude, defrontando Porto Seguro, como, por exemplo, no planisferio de Cantino.

A lenda de São Brandão chegou a Portugal no século XVI, quando se refere o curioso achado duma terra chamada ILHA DO BRASIL DE BRANDAM. A expressão BRASIL DE BRANDAM traduz origem diréta celtica. Não póde haver dúvida a êsse respeito.

Na lingua celta, a TERRA REPROMISSIONIS SANCTORUM das versões latinas da "Peregrinatio Sancti Brandani", se chama textualmente HO BRASILE, o que significa tão somente: TERRA FELIZ, TERRA DA FELICIDADE, TERRA DA PROMISSÃO. Essa terra ou ilha de nome HO BRASILE foi achada por BRENNAM OU BRANDÃO. Naturalmente, pois, HO BRASILE DE BRENNAM teria de ficar sendo para todos os efeitos — o BRASIL DE BRANDÃO.

Não sabemos do que possa ser mais claro e mais logico do que isso.

Daí talvez aquele trecho que muitos autores e de peso consideram lendario ou fantasioso, porem outros citam como verdadeiro, da pretensa carta de Pedro Alvares Cabral a El Rei D. Manuel o Ventu-

roso, que se afirma ter sido encontrada entre os papeis de Lord Stuart e em que o capitão-mór da Armada se refere à Terra Nova onde chantara a Cruz como aquela "que os antigos chamavam S. Brandam ou Brasil".

Verdade ou não, não deixa a aproximação da palavra Brasil com a idéa de Terra da Promissão e de Terra da Felicidade de ser bastante curiosa, sobretudo através da lingua celta. Veremos bem por que, no desenrolar dêstes estudos sobre o batismo do nosso país.

IV

O Páu-Brasil

Sabe-se de fonte limpa que as propriedades tintóricas do páu-brasil, o *utile lignum* de José Rodrigues de Melo,e tambem o nome de uma terra em lugar incerto, como se verá, eram perfeitamente conhecidos muitos séculos antes do descobrimento efetuado por Pedro Alvares Cabral.

Na Espanha, dêsde recuados tempos, chamava-se *brasil* ao carmim com que as damas se pintavam. O nome estendia-se tambem ao kermes e á cochonilha. Talvez até à garance. O kermes (*Quercus coccifera*) era o mêsmo escaravelho produtor de tinta rubra como o cinabrio de que já falava Ctesias, tido outróra pelo mais mentiroso dos viajantes.

O *ouraboutan* a que alude singelamente Thevet nas "Singularitez de la France Antarctique" era identico ao *sapang* que os levantinos vendiam aos venezianos como proveniente das ilhas Malaias: Java Maior e Java Menor. O *páu-rôxo de Sumatra*, já re-

ferido nos Itinerarios dos arabes Abu-Zeir e El-Hacem, no século IX de nossa era. Kazwini declara-o procedente de Serendib ou Ceilão e Ibn Batuta a êle abundantemente se refere.

A "História da Segunda Dinastia Song", que reinou na China de 960 a 1279 da era cristã, compilada no século XV, segundo Gabriel Ferrand, enumera desta sorte a produção do país de Cho-pô, a ilha de Java: "ouro, prata, unicornio, marfim, aloés, sándalo, aniz, pimenta, areca, enxofre e *sappan*". SAPPAN ou SAPANG era o nome malaio por que se conhecia em quasi todo o Oriente o páu-brasil.

Antes de o acharem os portugueses em nossa terra, os castelhanos o tinham encontrado em suas conquistas. Referindo-se à segunda viagem de Cristovam Colombo, em 1495, Pedro Mártir d'Anghiera ou d'Angleria fala de bosques de BRASIL ou VERZINO na ilha Hispaniola, o Haiti. Êsse brasil se tornou afamado por sua ótima qualidade e o porto por onde se fazia seu tráfico naquela ilha, Yaquimo dos indigenas e espanhóis, Jacquemel dos franceses, ficou se chamando PORTO BRASIL, conforme relata o proprio Fernando Colombo, filho do almirante.

Dêsde o século XV, conheciam os portugueses o páu de tinta com o nome de *brasil*, o que consta da relação de drogas da Carta Régia de D. Afonso V, datada de 1470 e que faz parte de seu famigerado Livro Vermelho: "guatos d'algallea, malagueta, ali-

cornes, alácar e brasil". Isto é: gatos de algalía, o almiscar; malagueta, a pimenta; alicorne, o unicornio; alácar, o nácar, a madrepérola; brasil, o páu de tinta.

Nas suas "Décadas", João de Barros reporta-se ao conhecimento, anterior ao descobrimento, dessa madeira e atribúe com toda a seriedade às sugestões do demonio a mudança do nome de SANTA CRUZ para o dela: "per o qual nome Santa Cruz foi aquela terra nomeada os primeiros anos e a Cruz arvorada alguns durou naquele lugar. Porem como ao demonio fez o sinal da Cruz perder o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Christo Jesus consummada nella, tanto que daquella terra começou de vir o páu vermelho chamado Brasil, trabalhou que este nome ficasse na bôca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um páu que tinge panos que daquelle páu que deu tintura a todos os Sacramentos per que somos salvos, por o sangue de Christo Jesus que nelle foi derramado: e pois em outra cousa nesta parte me não posso vingar do demonio amoesto da parte da Cruz de Christo Jesus a todos los que este lugar lerem, que dêem a esta terra o nome que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de, a mesma, que nos ha de ser mostrada no dia final, os acusar de mais devotos do páu-brasil, que della: e por honra de tão grande terra chamemos-lhe Provincia, e digamos a Provincia

de Santa Cruz, que sôa melhor entre prudentes, que Brasil posto per vulgo, sem consideração, e não habilitado para dar nome às propriedades da Real Corôa".

Do que diz o autor das "Décadas" se infere que já se chamava BRASIL à madeira quando se descobriu o país em que ela tambem abundava e que ao vulgo se deve ter pegado êsse nome de preferencia ao de Santa Cruz.

Identico protesto cristão brota da pena de Pero de Magalhães Gandavo: "Por onde não parece razão que lhe neguemos este nome (*Terra de Santa Cruz*) nem que nos esqueçamos delle tão indevidamente por outro, que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o páu brasil começou a vir destes reynos".

Tambem Castanheda achou, com o mêsmo espirito cristão, que "o nome de Santa Cruz se perdeu e ficou o de Brasil *por amor* do páu-brasil......".

De tais protestos se fez éco, mais tarde, frei Vicente do Salvador. Nada adeantaram. O nome Brasil, comercial e simples, acabou prevalecendo pelo apoio do vulgo, depois de algum tempo em que viveu confundido no todo continental americano e não somente limitado à região verdadeiramente brasileira, à America Portuguesa, o que é por demais curioso. Nas cartas da edição de Ptolomeu de 1508, feita em Roma, a designação Santa Cruz é dada a toda a America: TERRA SANCTAE CRUCIS SIVE MUN-

BUS NOVUS; em Thevet e Léry se lê: TERRE DU BRÉSIL AUTREMENT DICTE DE L'AMÉRIQUE.

Os nomes de Vera Cruz e Santa Cruz eram comumente dados às novas terras descobertas, quer se inspirassem os descobridores na propria fé cristã, quer na visão das cruzes sanguineas que avermelhavam o velame das náus aventureiras, quer ainda nas mêsmas cruzes de madeira que, segundo o costume da época, se chantavam nas praias ignotas como padrões que assinalavam a posse dos soberanos católicos da Peninsula, denominada por Estrabo com a maior propriedade a "Espectadora dos Oceanos".

Cristovam Colombo, por exemplo, batizou com o nome de Santa Cruz a ilha de Hyay, no arquipélago Caraíba. Santa Cruz é uma ilha que se apresenta a sueste da Terra Nova, perto da costa americana, no Atlas Português da Biblioteca Ricardiana de Florença. O grande Afonso de Albuquerque chamou Vera Cruz a uma ilhota à entrada do Bab-el-Mandeb, quando andou assegurando para El Rei de Portugal o caminho da navegação e comercio da Etiopia, Arabia, Persia e India. No Canadá, Jacques Cartier, chegando ao rio de São Carlos no dia da Santa Cruz, deu-lhe êste nome. Vera Cruz continua a viver numa cidade do Mexico; Santa Cruz, em inúmeros lugares pela America cristã afóra.

Alem de outras vantagens para o vulgo sem consideração, como diria João de Barros, o nome Brasil tinha de sair duma craveira comum.

Era um nome que vinha de muito longe fazendo seu caminho pelo mundo.

Marco Polo que viajou as partes do Oriente sob o reinado de Kubilai Kan, no século XIII, portanto uns dois séculos antes da viagem de Pedro Alvares Cabral, fala constantemente no páu-brasil. A obra de Marco Polo era das mais lidas e comentadas pelo cosmógrafos, cartógrafos e pilotos da época dos descobrimentos.

A primeira referencia vem no capitulo VI do livro III, quando descreve a ilha de Sóndur ou Cóndur, a atual Pulo-Cóndor ou Pulaw-Kóndor. Ali crescia abundantemente o brasil. Anotando com sabedoria e proficiencia a obra do aventureiro veneziano, na sua magnifica edição inglêsa, Yule e Henri Cordier dizem, de acôrdo com o livro de G. Philips sobre a China, que essa madeira já constava em grande quantidade das listas de presentes trocados entre as côrtes da China e do Sião.

A segunda referencia de Marco Polo está no capitulo IX do mêsmo livro. Êle aponta grandes quantidades de brasil nos reinos de Lémbri e Fansur, hoje admitidos como sendo regiões da ilha de Sumatra. E' o célebre páu brasil de Ámeri, de que tanto se falava na Idade Média e a que se reporta Pegolotti, não passando Ameri de corruptela de Lámbri.

A terceira acha-se no inicio do capitulo XII : a existencia do brasil na ilha de Necuveran, arquipélago das Nicobar.

A quarta, finalmente, no capitulo XXII, tratando do brasil-coilumin, produzido pelo reino de Cóilum, o Káulam de agora, que os mapas ingleses acabaram transformando em Colombo, capital de Ceilão.

A primeira edição das Viagens de Marco Polo, o Livro das Maravilhas, foi, como se sabe, publicada em francês. Nela a redação que sempre se encontra para designar o páu-brasil é BERZI.

O páu-brasil de Coilum ou Káulam aparece em Pegolotti nas imediações de 1340, com o titulo de VERZINO COLOMBINO. Um século depois, Giovanni d'Uzzano repetia a mêsma designação. O comercio italiano medieval distinguia tres espécies dessa madeira tintorica: VERZINO SALVATICO, VERZINO DIMESTICO e VERZINO COLOMBINO, o selvagem, o domestico e o de Coilum. Tambem as denominava doutra sorte: VERZINO COLOMNI, VERZINO ÁMERI e VERZINO SENI, conforme sua procedencia de Káulam, de Lambri e do Sião através da China. Parece que êste último ia para o Sião da costa do Coromandel e era uma variedade especial, segundo o padre Loureiro na sua "Flora Cochinchinensis".

A História Natural tambem classifica tres espécies de páu-brasil: *Caesalpina Echinata*, *Caesalpina Brasileto* e *Caesalpina Sappan*. O nome cientifico *Caesalpina* é uma homenagem prestada ao célebre naturalista do século XVI, Cesalpino, de Florença, medico de Sua Santidade o Papa Clemente VIII.

Póde-se dizer com toda a segurança que, dêsde o século XI se comerciava com o páu-brasil do Oriente na Europa ocidental. Ha quem afirme que dêsde o século IX. O páu vinha em tóros. A materia corante jazia no miolo vermelho. Os molinheiros reduziam os tóros, convenientemente descascados e raspados, a lascas e hastilhas, as quais, bem moídas, davam a pasta de que se tirava a linda tinta rubra para os panos e as miniaturas sobre pergaminho.

No famoso edificio conhecido pelo nome de Hotel du Brésil, na cidade de Ruão, outróra entreposto do comercio da madeira tintorica, existem varios baixos relevos mostrando todas as fases da indústria extrativa, do comercio e da aplicação industrial do páu-brasil, dêsde o momento em que era arrancado à mata nativa e embarcado nos veleiros até o em que a tinturaria o empregava nos panos e o iluminista nos missais e códices.

Em geral, as pautas aduaneiras estabeleciam o preço de entrada do páu em tóros por carga muar, como a lenha, segundo se lê em inúmeros documentos. Vê-se que a quantidade, sempre transportada por terra em lombo de burro, não podia ser muito grande. Daí a raridade e careza da droga. Depois de desenvolvido o tráfico com a exploração do brasil americano pelo consorcio judaico de Lisbôa, a avaliação passou a ser feita por quintais.

Numerosas são as pautas alfandegarias em que essa substancia vem referida com o direito de entrada que devia pagar. A mais antiga que se conhece é a da alfandega de Saint-Omer, em França, com a data de 1085: "Kerka Bersil", textualmente.

Essa cidade bretã possuía famosas manufacturas de panos que exportava para toda a Europa. Fabricava uma fazenda vermelha, colorida de brasil, que os vetustos forais e documentos portugueses denominam: SANTAOME OU SANCTOMERI, conforme se vê em Viterbo.

Um documento de 1198 denomina a côr vermelha BRAXILIS. E' uma das fórmas mais velhas que se conhecem da palavra BRASIL. Fica bem longe de VERZINO. A fórma BERSIL da pauta de Saint-Omer é das mais antigas. Os traficantes judeus do tempo empregavam-na tambem. O "Sépher Scorasaim" grafa BERZIL.. Mas, entre êles, os judeus chamavam ao páu de tinta que os enriquecia LAGAM.

A propósito da fórma VERZINO, que se encontra mêsmo em antigos manuscritos de Marco Polo, Cordier escreve: "Supõe-se geralmente que o páu-brasil de comercio tomou o nome do grande país que assim se chama; porem o VERZINO dos antigos escritores italianos é simplesmente uma fórma do mêsmo vocábulo, e BRASIL é, de fáto, a palavra usada por Polo. Do mêsmo modo, Chaucer:

"Him nedeth not his colour for to dien
With BRAZYL, ne with grain of Portingale".

O poeta Chaucer, que publicou êstes versos nos "Canterbury Tales", em 1390, fôra inspetor da alfandega de Londres. Devia, portanto, como alto funcionario aduaneiro, conhecer bem a droga em questão. Eis como Joaquim Caetano verte seus versos para o nosso idioma:

Não havia mister botar-lhes tinta
Com BRAZYL nem com grã de Portugal".

Com efeito, a palavra BRASIL, nas suas variadissimas fórmas, é encontrada muito tempo antes da palavra VERZINO, quer referindo-se à madeira tintorica oriental, quer à sua côr vermelha.

No tomo II das "Antiquités Italiennes", diz Muratori que, dêsde o século XII, se tingiam tecidos na Italia com a madeira BRESSIL, BRASILLY, BRESILSI OU BRAXILIS. Refere-se até a mercadorias a *grana de brazile*, como Chaucer *á grã de Portugal*, num documento de 1128 e no tratado entre Bolonha e Ferrara, de 1194.

O documento de Saint Omer de 1085, já citado, recúa de muito a data do emprego do páu-brasil nas fábricas de tecidos da Europa ocidental. Depois dêle, cronologicamente, vem a tarifa de Genova, de 1151: IN BRAZILEM. Digamos de passagem que ha-

via somente doze anos que se fundara o reino de Portugal! Em 1163, o nome aparece num documento flamengo: a tarifa de Niewport.

Nas notas á edição de 1881 da obra de Thevet, Paulo Gaffarel afirma que o BRASIL foi introduzido na Espanha de 1221 a 1243, e em França é mencionado nas tarifas alfandegarias a partir do último quartel do século XIII.

Quanto à Espanha, Capmany cita tarifas de Barcelona de 1221 e 1252 com a rubrica textual: Cárrega muar de BRASILL......"

Quanto á França, já era mencionado no século XI, como se vê do documento de Saint-Omer e se lê no famoso "Romence de Perceval le Gallois", de Chrestien de Troyes: "meias tintas de BRESIL". Outros remontam as menções relativas à França ao século IX, ao tempo das relações diplomaticas e comerciais do Imperio Carlovingio com os Imperios Arabe e Bizantino.

Nas pautas aduaneiras de Ferrara, em 1193, e de Módena, em 1316, se lêm as variantes: BREZIL, BRASILLY, BRECILLIS, BRAZILIS e BRAZILI. BRISOLIUM, isto é, BRISOLIO, é como diz uma Carta Régia de Carlos IV, Rei de França, em 1321. BRISIACI, isto é, BRISIACO, é como diz um Aresto de Paris em 1368.

Foram os venezianos, sem a menor dúvida, que trouxeram o Brasil do Levante e o fizeram conhecido no Ocidente. Trouxeram-no para tinturaria e tam-

bem para obras de marcenaria e carpintaria. Em 1111, após o pavoroso incendio que destruiu mais de sua metade, Veneza foi reedificada sobre estacaria de páu-brasil oriental.

Todavia, sempre se preferiu o brasil para a fabricação da tinta vermelha. A côr foi em todos os tempos muito apreciada. Ainda hoje se fala da antiga púrpura, cujo segredo dizem que se perdeu. Essa côr encarnada que se destinava aos reis e se tirava dum molusco, o murex, era mercadejada pelos fenicios. Quem sabe já não vinha da madeira e a outra origem não passava duma invenção para encobrir o segredo comercial do produto, coisa comum na antiguidade?

Para chegar aos venezianos, as madeiras de tinturaria do Oriente, sobretudo as que davam a púrpura, eram trazidas a Bássora ou Alexandria pelos arabes. A Bássora sobretudo, que foi o grande Emporio do Imperio dos Califas.

Entre o Ocidente cristão e os povos que, como diz André Demaison, foram donos das florestas e das pedrarias, entre êsse Ocidente e as riquezas orientais — xarões, sêdas e louças da China, ouro de Sumatra especiarias das Molucas, gemas e marfins da India, tapetes de Bokara e da Persia, açúcar do Zingi, perfumes de Serendib —, se estendia a cortina resplandecente de alfanges desembainhados do mundo muçulmano. Cortina intransponivel aos infieis, cujas

pontas mal tinham sido levantadas por viajantes mouros como Ibn Fozslan, judeus como Benjamin de Tudela ou religiosos como João de Plano Carpino. Eram, pois, os arabes levantinos que recebiam em Ormuz, Bássora, Aden aquêles produtos, levando-os por terra aos portos mediterraneos, Alexandria ou Gaza, onde os iam buscar, primeiro os bizantinos, depois os venezianos e genoveses, por fim os pisanos e amalfitanos.

Daí a extrema necessidade em que se viram os povos mais ocidentais, onde essa produção chegava muito encarecida, de se lançarem ao mar nas jornadas das Indias ou das Molucas, buscando contornar a imensa barreira do Islam e libertar-se do monopolio de Veneza e das outras emporocracias italianas, que a todos asfixiavam : passagem para leste, pelo sul, com Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e mêsmo os que se foram à procura da *Terra Australis*, como Mascarenhas, Mendanha e Queiroz ; passagem para leste, diretamente, rumando ao oeste, com Colombo, Hojeda, Ponce de Leon e Nunez Balbôa ; passagem para leste, pelo sudoeste, com Cabral, Pinzon, Diaz de Solis e Fernão de Magalhães ; passagem para leste, pelo noroeste, com Caboto, Côrte Real, Verrazano, Cartier, Frobisher, Davis, Baffin e Hudson; passagem para leste, pelo nordeste, com David Melgueiro, Barentz, Willoughby, Chancellor e Burrough. Todos êsses esforços no mar sucediam às

tentativas feitas para romper diretamente e por terra a cortina para leste com Benjamin de Tudela, Guilherme de Rubruquis, João de Plano Carpino, Marco Polo e seus tios, tendo como continuadores Pero da Covilhã e outros.

As madeiras tintoricas que os arabes assim transportavam eram de varias espécies. Entre elas, contava-se o Bakkan ou Bukkun (*Pterocarpus Santalinus*). Bakkan, segundo Joaquim Caetano, apoiado em Caussin de Perceval, é mera corruptela de Paggan. Daí alguns autores tomarem como *brasil* o *bakkan* dos arabes ou *boquan*, na lição dos tradutores franceses da geografia de Abulféda.

Do nosso país se tiravam quatro qualidades de páu-brasil, mais uma do que do Oriente: o *Japão*, corruptela de *Sappán* (*Caesalpina Sappan*); o *Pernambuco*, do nome do lugar de sua procedencia; o *Lamon* ou *Baía*, idem; e o *Santa Maria*. A confusão entre Sapán ou Sappán e a fórma bem aportuguesada Sapão, que evoluiu até Japão, por influencia do nome conhecidissimo dêste país, é comum nos viajantes, cronistas e cosmógrafos da época. Fernão Cardim diz, por exemplo, referindo-se ás drogas da ilha de Hainão, o Hai-Nam de hoje: "Japão, que é o mêsmo brasil".

Vale a pena nos determos um instante na denominação Sapán ou Sappán, que o vulgo inconsiderado logo crismou em Japão. Na lingua Tamul, que se

fala na costa do Malabar, o páu de tinta é chamado Tsiam-pángam, de onde Siampángam, Sapángam, Sampang, Sapang, Sapán, para um lado; Pangam, Paggam, Bakkan, para outro. Yule regista a fórma Sappangi.

Os mercadores do Celeste Imperio achinesaram a designação de acordo com os sons de sua lingua em Su-Fam-Mo ou somente Su-Fam e Su-Fang. Êles receberam o brasil em primeiro lugar dos cochinchineses, que o apelidavam Cay-Vang, de Cay — árvore e Vang — vermelha. A tradução literal, segundo alguns entendidos na materia, seria páu-brasa.

As silabas chinêsas — Su-Fam-Mo, se correspondem só mais ou menos á prosodia da palavra de que fôram tiradas, correspondem inteiramente ao seu significado: Su-Fang quer dizer — páu que póde tingir de vermelho.

Sabendo-se da inexistencia de certas letras e de certos sons nas linguas orientais e da maneira como outros os substituem, compreendem-se facilmente as metáteses: Vang — Fan — Pangam — Bakkam. Sente-se bem isso no idioma inglês, segundo Watt: *Sappan* — *Bakam-wood* — *Sampfen-wood* — *Brazilian-wood*.

Em malaiala, o páu de tinta é Chappam, palavra que vem de Sappan. Monsenhor Delgado grafa — Chappamam, que singifica — *páu vermelho*. Em vernáculo, Sapanga, do sánscrito — Patanga, ver-

melho. Não deixa de vir a pelo e ser curioso comparar o *patanga* sânscrito com o *pitanga* tupi, tendo ambas a mêsma significação: vermelho. Será tão somente uma coincidencia?

Todas essas fórmas diferenciais como que brotam naturalmente duma raiz unica. A mêsma diferenciação se encontrará em relação ao nome tupi do páu-brasil: Mbira-piranga ou Mobira-pitanga, o páu vermelho; Embira-piranga e Embira-pitanga; Ibira-piranga e Ibira-pitanga; Imyra-piranga e Imyra-pitanga; Bira-piranga e Bira-pitanga; *Ouraboutan*, isto é, Urabutan, em Thevet; afinal, até Arabutan. E' longo o caminho de Mbira-pitanga a Arabutan, todavia como negar que não seja a mêsma palavra?

V

Etimologia da palavra Brasil

Provada à saciedade a existencia do conhecimento do páu-brasil, com êste nome em suas variadissimas fórmas, séculos antes do achado da terra brasileira, procuremos a razão de ser dessa palavra e, após, sua aplicação à cartografia, da qual passou para êste lado do Atlantico, onde acabou definitivamente se fixando.

Já vimos que Henri Cordier, o erudito comentador de Marco Polo, chega a pensar que foi a terra que deu o nome ao páu. Inversão absoluta de papeis. Houve quem o precedesse de séculos nêsse parecer. Era essa a opinião de Caneparío, em 1619, o qual talvez já tivera predecessores: em 1610, na designação de uma Carta Régia portuguesa — "Páu do Brasil", em lugar de páu-brasil; em 1520, com Jeronimo Pigafetta, companheiro de Vespuccio, quando usa da expressão — "Terra del Verzino".

O que se dera, naturalmente, fôra o seguinte: o nome do páu pegara na terra de tal geito que já pa-

recia que a madeira é que o recebera dela. Isto, porem, em 1520, é, sem dúvida, de admirar e faz com que pensemos que outras razões mais fortes e profundas houve para que tão bem se adaptasse ao Brasil o nome do Brasil.

A etimologia da palavra BRASIL preocupa os eruditos dêsde o século XVII até os dias que correm: Faria Souza, Carpentier, Capmany, Bossy, a Academia Espanhola, José Silvestre Rebelo, Joaquim Caetano, o visconde de Taunay, entre os mais notaveis. A questão de sua grafia com S ou com Z tambem tem preocupado a uma infinidade dêles, dêsde Capistrano de Abreu a Assis Cintra.

Para Joaquim Caetano e os etimologistas de sua escola, que são, indubitavelmente, a grande maioria, BRASIL vem de brasa, porque é vermelha côr de brasa a madeira de tinturaria e a êsse carateristico deve o seu nome.

A explicação é simples, escorreita. Para prova dêsse ponto de vista, se alinham as similitudes em múltiplas linguas do tronco latino: castelhano, catalão, provençal, galego, piemontês, milanês, veneziano e baixo-latim. Vai-se tambem ao sánscrito, no fundo do Oriente, buscar o verbo *Bhras*, que significa *luzir*, e o adjectivo *Bhradschita*, que significa *luzente*, declarando-se que o nome veio da mêsma proveniencia geografica da madeira tintorica.

Fazem-se outras suposições. As mais diversas e curiosas. Silvestre Rebelo chega a lembrar que póde vir do latim — *Brachium*. Outras apontam como sua origem o verbo francês — *briser*, quebrar, porque se quebrava o páu-brasil, reduzindo-o a hastilhas, afim de poder moer o ámago encarnado. Isto é sugerido pelas fórmas da palavra em BRI, encontradas sobretudo nos documentos franceses.

Por causa das fórmas que aparecem em VER e em BER, discute-se se BRASIL, através de BERZIL e de outras transformações semelhantes, é simples corruptela de VERZINO ou BERZINO; ou ainda se VERZINO ou BERZINO resultam da corruptela de BERZIL e BRASIL.

Em materia etimologica, tudo é possivel supor e ha facilidade de se provar quasi tudo o que se supõe, dependendo da habilidade na hermeneutica e de certa coragem em afirmar.

Intervêm ainda na intrincada questão aquêles que vão buscar a origem da palavra no verbo *brasiller*, que figura na primeira edição da "Enciclopédia Francesa", significando o brilhar das ardentias ou fosforescencias sobre o mar, cantado pelo poeta do "Navio Negreiro":

"Estamos em pleno mar. No firmamento,
Os astros pulam como espumas de ouro.
O mar, em troca, acende as *ardentias*,
Constelações do liquido tesouro".

Encontra-se, afinal, em celta a radical BRA com o significado de BELO, de ESPLENDIDO. Ela lembra o nome da ILHA BEMAVENTURADA e PROMETIDA dos ciclos de poemas e lendas irlandeses, galeses e bretões, ilha essa que trazia o apelido atraente de HO BRA-SILE OU HY BRE-SAIL, conforme os dialetos locais.

Não será mais provavel que uma tenha sido a origem do nome do páu, lá no fundo da velha India, e outra a do nome da ilha misteriosa nas terras do Ocidente?

Êsses dois nomes, no entanto, estavam destinados a se confundirem no futuro, apontando ao mundo a nova terra encontrada pelas armadas dos portugueses.

Vinham, sem dúvida, confundidos já do remoto passado em que a lingua dos indús, na sua fórma inicial, era decerto a mêsma que falavam os celtas, quando a raiz BRA indicava a idéa abstrata de brilho, de esplendor, depois dividida nas idéas de esplendor puro e de esplendor do fogo material na chama e na brasa.

No estudo a que estamos procedendo, porem, a questão não se cifra à etimologia e muito menos ainda à ortografia. Não é a raiz etimologica ou a grafia com S ou Z o que principalmente nos preocupa. O que queremos, em verdade, saber é se, para o nosso páis, o nome veio tão sómente do páu côr de brasa, de modo simplista e natural, como deixam trans-

parecer, ou se, para isso, concorreu o elemento ideológico, espiritual, condensado na designação de uma famosa ilha lendaria BRASIL, a qual, segundo temos visto e ainda veremos, coroava a longa série das ilhas misteriosas semeadas pela imaginação dos antigos à face do vasto Oceano Tenebroso, desafiando a audácia dos aventureiros.

VI

A Ilha Brasil

Antonio Baião escreve: "O que póde asseverar-se é que antes de designarem êste continente por TERRA DO BRASIL, isto é, terra onde crescia o páu-brasil, já havia na nomenclatura geografica a ILHA DO BRASIL e O BRASIL".

Esclareçamos convenientemente êste caso.

Com efeito, o nome BRASIL surge na cartografia muito anteriormente ao descobrimento da grande região sul-americana banhada pelo Atlantico. No seu livro "Etudes sûr les rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb", Paulo Gaffarel declara que, nas cartas geograficas da Idade Média, aflora sempre no meio do oceano a ilha de BRAZIL, BERZIL ou BRASIL. Cita em apoio de sua asserção o portulano Medici, datado de 1351, e o Mapa de Picignano, Pizignano ou Pzigani, datado de 1367, que consta da Biblioteca de Parma. I. BRACIR é a lição dêste.

Fridtjof Nansen, grande explorador polar, geografo e historiador, reproduz nas páginas de sua magnifica obra "In northern mists" fac-similes dêsses antigos portulanos. Harrisse faz o mêsmo no seu documentadissimo livro sobre o descobrimento da America do Norte. A propósito, é fácil consultar êsses antigos documentos cartograficos em muitas obras eruditas sobre o assunto, notadamente as de Kretschmer e de Kunstmann.

O Atlas Medici, cuja data é 1351, traz a ilha em questão deante das costas da Peninsula Iberica, com o rótulo — INSULA DE BRAZI. O Pizignano coloca-a na altura das Ilhas Britanicas e apelida-a, textualmente, segundo a leitura de Buache : YSOLA DE MAYOTLAS SEU DE BRACIR. Jomard propõe outra leitura para essa legenda confusa e semi apagada pelo tempo : NO COTUS SUR DE BRACIR. Deante dos estragos do mapa, Kretschmer prudentemente declara o texto indistinto.

Que vem a ser MAYOTLAS?

Porventura, como quer alguem, um avatar da célebre MELCHA, ilha que devia, segundo alguns geografos, anteceder a India, que os aventureiros e descobridores peninsulares procuraram pelo Atlantico afóra, no rumo de oeste, e atrás da qual até Americo Vespucio andou? Ou a MIKLA, a Grande, dos irlandeses, da leitura erronea MELKA?

Parece que na MELCHA, que antecediá a India, não se deve vêr mais do que uma fórma corrompida de MALACA, através das grafias que se encontram a cada passo: MALACHA e MELACHA. Daí possivelmente a MELCHA, dada a maneira como se escrevia em pessimo latim, quasi sempre, nos antigos planisferios, o salto é diminuto. Isto, porem, não passa duma hipótese entre as muitas que se podem, no caso, formular.

Todavia, o melhor é, de acôrdo com alguns autores, alem do citado Kretschmer, considerar muito incerta, sujeita a todas as dúvidas, a leitura de Buache: MAYOTLAS.

O Mapa Soleri, de 1385, conserva essa ilha com a mesma posição e o mêsmo nome.

Em outros mapas, encontra-se a curiosissima legenda: de MONTONIS SIEUE DE BRACIR. Alguns interpretadores, como vimos em capitulo anterior, querem vêr em MONTONIS a latinização de MOUTONS, através da leitura MONTONIS, troca vulgar de U por N devido aos caractéres da diplomatica e da cartografia da época, ou da leitura MOLTONIS, nome da ILHA DOS CARNEIROS, que, de acôrdo com certas versões das lendas celto-cristãs, precedia a ilha de SÃO BRANDÃO. Temos aqui, pois, mais uma aproximação do nome do BRASIL com a venturosa terra da Peregrinação do santo.

A ilha de MONTONIS é a mêsma que surge um pouco mais tarde, em algumas cartas, como MONTORIO e se transforma, *ipso facto*, na ilha do MONTE DE OURO, na ilha do OURO. As más interpretações MAYOTLAS e NO COTUS possivelmente não passam de MONTORIO, MOLTONIS OU MONTONIS. SEU, como SIEUE, não passa de SIVE, a conjunção *ou*.

Ha mais um famoso mapa-mundo catalão anónimo de meados do século XIV, na Biblioteca Nacional de Módena, no qual se vê, perto da Irlanda, a ILHA de BREZILL. Pullé e Longhena minuciosamente o estudaram e lhe determinaram a data : 1350.

O geografo Andréa Bianco, que parece ter trabalhado como cartografo na Escola de Sagres, cuja carta, datada com segurança de 1436, está na Biblioteca de São Marcos, em Veneza, e vem fielmente reproduzida na monumental "História da Colonização Portuguesa no Brasil", registou a Y. DO BRAZIL, ao sul das Cabo Verde, o que é muito digno de nota. Fra Mauro tambem a cita.

O Mapa de Andréa Bianco torna-se sobretudo notavel por vir nêle assinalado O MAR DA BAGA OU MAR DE SARGAÇOS, o que demonstra a ida de navegantes até essa zona ocidental do Atlantico meio século e pico antes de Cristovam Colombo.

INSULA DE BRASIL é a lição do portulano cognominado de Mecia, na Biblioteca da Vila Destes, da-

tado de 1413, anterior de quasi um quarto de século ao de Andréa Bianco.

A Carta de Gracioso Benincasa, de Ancona, guardada na Biblioteca da Universidade de Bolonha, que data do ano de 1482, contem a ISOLA DE BRAÇILL.

Varios roteiros maritimos escritos no século XV confirmam os planisferios, mapas e portulanos, reportando-se a essa ilha de BRACIR, BRAZIR ou BRACILL, entre o cabo de São Vicente e a Irlanda.

Outro portulano célebre, o n.º 1710 da Coleção Italiana da Biblioteca Nacional de Paris, com à data de 1480, traz oito ilhas dispostas em linha na altura do cabo de São Vicente: YSOLA CORVI MARINI, YSOLA DE SANZORZI, YSOLA DE LA VENTURE, YSOLA DE COLOMBI, YSOLA CHAPRAIÉ, YSOLA LUEVO e YSOLA DE BACIL (?). São as ilhas do Corvo Marinho, de São Jorge, da Ventura, dos Pombos, Cabreira, do Ovo e do Brasil que estudamos em capitulo especial. Põe mais, em frente da Bretanha, a YSOLA DEL BRAZIL.

Desta vez, a confusão cartografica, alem da imprecisão das coordenadas em que situa as ilhas, arranja duas do BRASIL, em lugar duma só, embora dando-lhes grafia diferente.

Vêem-se tambem duas ilhas BRASIL no Mapa de Bartolomeo Pareto: uma está visivelmente ao sul das Ilhas Britanicas; a outra fica em frente do estreito de Gibraltar.

No Mapa de Toscanelli, segundo a reconstituição de Peschel, a ILHA BRAZIL se acha ao largo da Irlanda, para o sul. No mêsmo Mapa reconstituido por Uzielli, encontra-se na extremidade meridional da Grã Bretanha.

Dalí emigra para o poente. Juan de la Cosa chama-lhe ILHA DO BRASILL e coloca-a na costa da America, em face de Cuba, mais ou menos na altura da Colombia.

No Portulano Pizignano, já citado e cuja data é 1367, maior ainda é a confusão, porque regista simplesmente *tres ilhas Brasil*, sob a legenda: INSULA BRACIR (OU BRAÇIR): uma no nordeste dos Açores, outra a oeste e, finalmente, a terceira ao sudoeste da Irlanda.

Em um mapa catalão que consta da Biblioteca Nacional de Paris e está averiguado ser obra do cosmógrafo judeu Abraão Creçques, a ilha açoriana Terceira está claramente nomeada com todas as letras como TERRA DO BRASIL. O mapa é anterior ao descobrimento de Pedro Álvares Cabral e representa o mundo inteiro com figuras curiosissimas. Buchon e Tastu o estudaram a fundo e convieram em dar-lhe a data de 1375.

A ILLA DO BRAZIL figura ainda na Carta Catalã do século XV conservada na Biblioteca de Milão. Nordjenskiold publicou-a em 1892 e por essa reprodução se vê que a tal ILHA DO BRASIL tem um rio,

canal ou divisão ao meio, como era costume pôr na da ANTILIA. Em certos mapas, o rio ou canal chega a dividir a pretensa ilha em duas metades iguais ou quasi iguais. E' um ponto bastante interessante, não só por isso, como por aparecer sempre em outros documentos cartograficos antigos um RIO DE BRASIL, o que já tivemos ocasião de assinalar.

Os mapas catalães antigos abundam nas bibliotecas da Europa. Na de Florença, se guarda outra Carta Catalã anónima, de 1375 tambem, reproduzida na obra de Björnbo, em que se vê a ILLA DE BREZILL.

Do século XIII ao século XIV, os catalães quasi dominaram o Mediterraneo. D. Jaime o Conquistador, Rei do Aragão, tomara aos sarracenos a ilha de Maiorca, os reinos de Murcia e de Valencia. Os soberanos do Aragão tambem o eram da Sicilia, de onde seus almogávares iam em expedições até o Imperio Bizantino, batalhando na Trácia e na Asia Menor contra os turcos e contra os búlgaros, dominando a Acaia e a Moréa. O idioma valenciano, como se denominava então a lingua catalã, era dos mais falados das margens do Tirrenio às do Arquipélago. Daí as mais estreitas ligações com nautas e sabios, comerciantes e aventureiros maometanos e judeus, gregos e alexandrinos, trazendo, com o gosto das aventuras, a preocupação dos conhecimentos geograficos. A abundancia das Cartas Catalãs não tem outra explicação.

VII

O Globo de Behain

Aos documentos comprobatorios já por nós largamente citados, alguns acrescentam ainda o famoso Globo de Martin Behain ou Martin de Behahim, que os nossos classicos aportuguesaram em Martim da Boemia.

Passava geralmente por ter nascido nêsse país da Europa Central, mas antes parece ser originario de Nurembergia, onde construiu o seu Globo. Esteve em Lisbôa e ali foi um dos construtores do Astrolabio que tanta influencia teve nas navegações dos pilotos peninsulares. Demorou nos Açores de 1486 a 1490. Acompanhou Diogo Cão na sua viagem aventurosa. Era dos que demasiadamente aproximavam o Extremo Oriente do Extremo Ocidente, sem nada de permeio na vastidão do mar, apenas ilhas fantasiosas, que ajudavam a travessia do pélago. Pôs o Cataio a cem gráus somente dos Açores.

A propósito do Globo de Behain opina Perez Verdia: "Quanto ao Globo de André Behain, que, segundo afirmam os inimigos de Colombo, lhe serviu de guia por já estarem ali marcadas as costas do Brasil e do estreito de Magalhães, basta refletir que o verdadeiro Globo de Behain foi feito em 1492, na Alemanha, quando já o descobridor da America sulcava as aguas do oceano, não sendo certo que contenha as ilhas ou costas do Novo Mundo e notando-se que a primeira esfera em que elas se encontram é a de João Schöner, descoberta por Otto e construida no ano de 1520".

Não tem razão em tudo o que avança o historiador mexicano. Em primeiro lugar, troca o nome de Martin Behain por André Behain. O Globo de Behain data efetivamente de 1492; mas nêle se vê a ILHA BRASIL sob a legenda — INSULA DE PRAZIL — em face das costas irlandesas, bem como os litorais das terras articas do continente americano percorridas, havia séculos já, pelos normandos. Basta, para verificar tudo isto, examinar a excelente reprodução do livro de Fridtjof Nansen ou a do livro de Ravinstein.

Na Esfera de Schoner ou Schöner, de 1520, vê-se a TERRA DO BRASIL dividida em duas partes sob estas denominações: BRASILIA SUPERIOR SIVE PAPAGALLI TERRA e BRASILIA INFERIOR, Brasil Superior ou Terra dos Papagaios e Brasil Inferior. A designação Brasil abrange toda a America do Sul. O nome

abarca então mais territorio do que cobrirá no dia em que definitivamente se fixar.

No Globo denominado de Laon, que data do ano de 1493, um ano mais moço que o de Behain, não se encontra a menor referencia ao Brasil, o que não deixa de ser bastante curioso.

A fórma PRAZIL do Globo alemão de Behain é a primeira que aparece no genero: Brasil com P. Todos sabem como os alemães trocam frequentemente o B pelo P, ao falarem a nossa lingua. Encontramos outra vez Brasil com P, entre 1506 e 1540, na "Newen Zeytung" citada por Humboldt e hoje muito conhecida (1): PRESILLIG LANDT, a TERRA DO PRESIL.

(1) Vide a "Newen Zeytung" no APENDICE.

VIII

Conservação geografica da palavra Brasil

Apesar de não haver grande importancia no fáto de figurar a ILHA BRASIL nos mapas posteriores a 1500, quando foi descoberto o Brasil pelos portugueses, é digna de nota a conservação geografica da palavra, já existente nas cartas e portulanos mais de século e meio anteriores, palavra essa que se não sabe bem em que data precisa começou a vigorar na nova Terra de Santa Cruz, por obra e graça do vulgo sem consideração, que o cronista julgava incapaz de dar nome às possessões da Real Corôa.

Sobre o assunto, Paulo Gaffarel escreve: "Século e meio após a colonização dos Açores por Portugal, continuava-se a pôr uma ILHA DO BRASIL ao oeste ou ao noroeste de Corvo. O Atlas de Ortelius e o de Mercator, em 1569, marcam ainda êsse nome. Sua identidade com o de uma das mais vastas regiões do Novo Mundo indicaria porventura algum pressenti-

mento misterioso do descobrimento do século XVI? Dá-se com BRASIL o que se deu com ANTILIA. Êsses nomes aplicaram-se a terras ignotas antes de se fixarem definitivamente. Pelo mais curioso dos acasos, uma madeira vermelha, apropriada à tintura das lãs e algodões, começou por designar o país de onde a tiraram, — Malabar ou Sumatra, depois se aplicou a uma ilha recentemente descoberta, onde julgaram encontrá-la, Terceira, nos Açores, em seguida à ilha incógnita de que nos ocupamos e, afinal, à região americana que a conservou. A recordação dessa ilha errante prolongou-se até nossos dias no BRASIL-ROCK, indicado nas cartas inglesas e alemãs a alguns gráus a oeste da extremidade mais austral da Irlanda".

Com efeito, Humboldt, examinando e criticando a geografia do Novo Continente, fere o mêsmo ponto que Paulo Gaffarel. O "Hand-Atlas" de Stieler, na sua edição de 1867, dá o BRASIL-ROCK na carta n.° 14. Os mapas ingleses de Purdy repetem a mêsma cousa. Em outros mapas, a recordação da ILHA BRASIL se resume à indicação dum simples MONTE BRASIL na ilha açoriana de Corvo.

Após o descobrimento e a crisma que indignou os cronistas, o nome da ILHA BRASIL continuou a viver e, o que é curiosissimo, às vezes até distinto do de nossa pátria.

Vemo-lo num fragmento do Mapa de Juan de la Cosa, de Cadix, em 1500, no qual se delineia o li-

Reconstituição do mapa de Toscanelli por O. Peschel. (Das Ausland, 1867). Projecção trapeseiforme, de meridianos convergentes. Vêem-se as ilhas Antília, São Brandão e Brazil, esta na altura da Irlanda.

CARTA DE MESTRE JOÃO

Fac-simile (com reducção) do original.

toral brasilico do cabo de Santo Agostinho para o norte, como uma ilha na costa das Pérolas, na Colombia; no Mapa dito de Leonardo da Vinci, de 1514, conservado na Biblioteca do Castelo de Windsor, sob a fórma BRAZILL; um ano depois, na Carta de João Schöner, de 1515, com uma bizarra configuração e o titulo pomposo — BRASILIE REGIO, antecipação de séculos ao Reino do Brasil; em 1528, no Portulano de Pietro Coppo de Isola; em 1529, com um contorno mais ou menos aproximado da verdade, no Mapa da America do cosmógrafo português a serviço da Espanha, Diego Ribeiro: TIERRA DEL BRASIL; ainda no século XVI, no Mapa de Orontius Finacius, de Munster, com a legenda: INSULA ATHLANTICA, QUAM VOCANT BRASILLI ET AMERICA, Ilha atlantica chamada Brasil e America.

Notabilissima a confusão da velha noção da ILHA BRASIL com os novos conhecimentos da região brasilica e do continente americano, dando tudo, em resumo, uma cousa só!

Mostra-se o nome ainda no Mapa de Michael Lok, de Londres, de 1582, como ILHA BRASIL, na altura da Mancha. Em 1583, menciona-a uma carta enviada ao governador da praça da Rochela pelos capitães dumas galeras francesas que viajaram e combateram "nas ilhas da Flórida, dos Selvagens e do Brasil".

Cabe entre parentesis a nota de que os antigos, dêsde os classicos gregos e romanos, através dos arabes, denominavam ILHA qualquer trato de terra pouco conhecido, fôsse êle cabo, peninsula ou trecho dum continente. Temos curioso exemplo disso num dos mais antigos documentos cartograficos em que aparece o nome de America. No famoso Mapa que o cosmógrafo Apiano preparou em 1520 para Solino Camer, o nosso continente vem com esta indicação — ILHA DE AMERI. Ilha era, pois, um termo meramente convencional que se dava a qualquer terra que ainda se não conhecia perfeitamente.

Paulo Gaffarel traz ainda à baila curiosissimo atlas manuscrito da Biblioteca da Universidade de Mompilher, que consta de 52 cartas e pertenceu ao conselheiro de Clugni, membro do parlamento de Dijon, capital da antiga Borgonha, emigrado durante os horrores da Revolução Francesa. Foi seguramente desenhado depois do descobrimento do estreito de Magalhães, que já se acha nêle assinalado. Na carta dêsse Atlas referente à America, aparece a ILHA BRAZIL no meio do oceano, defronte de nossas costas! E surge mais uma vez, em identicas condições, no esplendido Atlas veneziano de Coronelli, no ano da Graça de 1696!

Vida longa a dessa ILHA BRASIL! Chegou quasi ao século XVIII!

Tratando do nome BRASIL, Roberto Southey anota que êle pegou mais facilmente porque os geografos já o tinham antes posto em voga, parecendo, contudo, tão perplexos sobre o modo de dispor dêle como do titulo de Preste João.

Os espanhóis chegaram a batizar o porto Yaquimo dos indigenas, Jacquemel dos francêses, na ilha de São Domingos, de PORTO BRASIL OU PORTO DO BRASIL. A razão, na verdade, é que por êle se escoava toda a ótima produção de madeira tintorica do interior da ilha.

Referindo-se à segunda viagem de Cristovam Colombo, Pedro Martir d'Angleria regista a existencia de bosques de páu-brasil, — "que os italianos chamam VERIZINO" — acrescenta —, na antiga Hispaniola. Os primeiros dêsses bosques fôram achados por Bartolomeo Colombo na entrada que fez às serras de Cibana.

O porto Yaquimo se tornou, dêsde 1494, seis anos antes do descobrimento de nossa pátria, o escoadouro natural da madeira de tinturaria, como escreve Fernando Colombo, filho do almirante. Pedro Mártir louva a bôa qualidade dêsse brasil, melhor do que o encontrado por Yanez Pinzon na costa lamacenta do Pária, em 1499, e que talvez contribuiu para a colocação por Juan de la Cosa duma ILHA BRASIL no litoral colombiano.

IX

Evolução e formas da palavra Brasil

A evolução dessa palavra BRASIL é tão curiosa nos seus múltiplos aspétos e nas suas particularidades como uma página de folclore: a ilha assinalada por Pedro de Medina, Pizignano, Beccaria, Pareto, Toscanelli e outros cartógrafos e cosmógrafos, lendaria ou ignota, de nome grafado com inconcebivel variedade de fórmas, ora confundida com a ANTILIA, ora com a MONTORIO, ora com a ilha de SÃO BRANDÃO, ora com a propria AMERICA, às vezes solitaria e outras multiplicada, acaba a sua aventurosa e errante existencia cartografica, no meado do século XIX, como simples ilhéu rochoso e deserto ao sudoeste das Ilhas Britanicas ou como simples monte na ilha açoriana de Corvo.

Na evolução e transformação dessa palavra, vemo-nos deante de dois caminhos: o do nome da madeira de tinturaria e o do nome da ilha perdida

no Atlantico. Vejamos em primeiro lugar o ról das fórmas encontradas nos velhos documentos designando o páu de tinta:

Doc. de 1085: BERSIL.
Doc. de 1128: BRESSIL, BRESSILI e BRASSILY.
Doc. de 1151: BRAZILIEN.
Doc. de 1160: BRESIL e BREZEL.
Doc. de 1190: BERZIL.
Doc. de 1193: BRAZILE, BREZIL e BRASILLY.
Doc. de 1198: BRAXILIS.
Doc. de 1208: BREZELLI.
Doc. de 1221: BRASILL.
Doc. de 1252: BRAZIL.
Doc. de 1262: BRIZILIEN.
Doc. de 1298: BERZI.
Doc. de 1306: BRAXIL.
Doc. de 1316: BRECILLIS, BRAZILI e BRAZILIS.
Doc. de 1321: BRISOLIS e BRISOLIUM.
Doc. de 1340: BREZITH.
Doc. de 1368: BRISIACO.
Doc. de 1390: BRASYL.
Doc. de 1498: BRASYLL.
Doc. de 1536: BRISILICUM.
Doc. de 1548: BRISILIUM.
Docs. provençais de varias épocas: BRASILH, BRESILH e BRISILH.

Docs. italianos de várias épocas: BERZI, BERZINO, UERZI, VERZI, VERZIN, VERIZIN, VERIZINO e VERZINO.

Docs. avulsos de várias épocas: BERSILIUM. BRECILLI, BREZIL, BEZIL, BRECILLIO, BRAZILIO.

Venha em segundo lugar a lista dos termos geograficos, que patenteiam em sua disparidade a grande inconstancia denominativa assinaladora da vida da palavra BRASIL na geografia e na cartografia:

BACIL (1480)
BRACCI
BRACIE
BRACIER
BRACIL
BRACILL (1450)
BRAÇIL (1439)
BRAÇILL (1482)
BRACIR (1385)
BRACIRE (1367)
BRAÇIR (1367)
BRAÇUR (1367)
BRASIL (1582)
BRASILIY (1547)
BRASILL (1511)
BRASILLE (1511)
BRASYL (1513)
BRAXIEL

BRAXIL
BRAXILI
BRAXILIS
BRAXYLLI
BRAZIL (1516)
BRAZIELE
BRAZILE (1527)
BRAZILL (1514)
BRAZILLE
BRAZYLLE
BRAZIR
BRESAIL
BRESIL (1505)
BRESILGE
BRESILZI
BREZILL (1350)

No "Livro da Náu Bretôa":

HO BRASYLL (1511)

Fórmas de origem celtica:

HY — BREASSAIL
HY — BRESAIL
HO — BRASILE
O' BRASIL
O' BRASILE (em 1776, segundo Jeffery)
O' BRESAIL

Fórmas germanicas :

PRAZIL (1492)
PRESILLG (1515)

Segundo Alf Torp e Moltke Moe, as fórmas celticas ou, melhor, irlandesas vêm da antiquissima raiz BRESS, que implica a idéa de BENÇAM e significa BÔA SORTE OU PROSPERIDADE.

E' dela, na opinião dêsses eruditos, que decorre o verbo inglês TO BLESS — *abençoar*. BRESAIL, BRESSAIL ou BRASIL seria, pois, em celta, O PAIS ABENÇOADO, O PAIS AFORTUNADO, O PAIS DA PROSPERIDADE OU O PAIS DA FELICIDADE.

A raiz BRESS escreve-se com SS, o que poderá ser mais um argumento para os que defendem a tése da grafia do nome BRASIL com S, tése sobre a qual julgamos que nenhuma dúvida póde mais subsistir. Esta questão, porem, não entra em nossas cogitações. Ha sobre ela diversos trabalhos de eminentes especialistas, que poderao ser facilmente consultados por quem se interesse por êsse assunto filologico.

X

As ilhas Venturosas

Vê-se desta sorte que o nome geografico irlandês BRESAIL, em qualquer de suas fórmas, geralmente dialetais, corresponde em suma ao que os antigos davam às ilhas do oceano Atlantico, que se pensa fossem as Canarias : — AFORTUNADAS.

A crença na existencia duma terra feliz, duma região venturosa do lado do Ocidente é antiquissima. Encontramo-la no fundo lendario da história de todos os povos europeus e não europeus.

Vem do AALU OU HOTEP dos egipcios, onde viver era a maior das delicias. Vem do UTTARA-KURU indostanico, onde não nevava, não chovia, não abrasava o calor, não soprava a ventania, os leitos dos rios eram de ouro em pó, os cascalhos de diamantes e rubis, e as areias das praias de pérolas. Vem daquela assombrosa CIDADE DA VERDADE, que os mêsmos, indús denominavam SIDDAPHUR, antípoda da Indias na qual alguns comentadores de bôa vontade querem

vêr a America, coberta de castelos, cujas têlhas eram de ouro. Reinaud compara SIDDAPHUR às AFORTUNADAS.

Até os proprios tupis, muito embora o gráu de barbárie em que se encontravam, como que guardavam a vaga lembrança duma Idade de Ouro, dum Paraiso Perdido. Quando indagavam dêles o porque de sua inquietude e instabilidade, vagando pelas ibiturunas e paranapiacabas, pelos araxás e retamas, pelos paranás e ipús do vasto Pindorama, respondiam que andavam em busca de IVI-MERANHIM, o País da Felicidade. E os seus guerreiros que não temessem a morte reviveriam *do lado do poente*, ALEM DOS ANDES.

Como écos da existencia dessa lenda vetusta em todos os povos, os geografos de antanho punham ilhas verdes e risonhas, onde a vida decorria maravilhosamente como um sonho prodigioso, onde tudo era encanto e fartura, boiando incertas, tentadoras ou inacessiveis à face do velho Mar Tenebroso. ILHAS AFORTUNADAS !

E' preciso ter navegado para bem compreender o efeito que as ilhas produzem nos que as avistam sobre o mar. André Demaison descreveu-o de maneira felicissima : "Uma das maiores emoções do navegante é vêr surgir do seio dos mares as ilhas, singulares vestigios dos tormentos da Terra. E' trivial dizer-se a propósito que é como se se assistisse ao nascer dum mundo. Todavia essa impressão se repe-

Copia der Newen Zeytung auß Presillg Landt.

Fac-simile do frontispício da edição princeps da *Nova Gazeta da Terra do Brasil*.

Figura de Américo Vespúcio que, no grande mapa-mundi de Waldseemüller, de 1507 (em que aparece pela primeira vez o nome *América*) faz face à figura de Ptolomeu.

te, sendo sempre nova. Nela se mescla todas as vezes uma certa esperança e uma angústia vaga. Porque a poesia que se desprende das ilhas só é igualada pela força com que essas terras isoladas atráem os continentes".

A YSOLA DE LA VENTURE, isto é, da VENTURA, na cartografia medieva e do Renascimento, é um dos derradeiros vestigios dessa crença, como a MAG MELD, País da Eternidade, a GREEN ISLAND dos irlandeses, a ILHA VERDE ou a ISLAND OF YOUTH, Ilha da Mocidade, que se vai prender à lenda da Fonte de Juventa, em busca da qual andaram por mares e terras tantos aventureiros e que fez o fidalgo Ponce de Leon ir parar à Flórida.

Nansen, Hovgard e outros autores de igual peso admitem que a denominação Groenlandia, Terra Verde, foi dada ao gélido país do Septentrião por Eurico o Ruivo, seu primeiro povoador, com o fito de atrair ao mêsmo os colonos islandeses, que pensariam pelo nome ser a terra fertil e feliz. O famoso herói das velhas sagas runicas aplicava, assim, sabiamente a lenda das ILHAS VENTUROSAS, fazendo com que o vulgo confundisse com a região encontrada e que era preciso povoar as ilhas lendarias dos povos nordicos, sobretudo dos celtas septentrionais, — a falada ILHA VERDE, a que já nos referimos de modo especial, que alguns mapas posteriormente registaram, a GREEN ISLAND dos irlandeses. Por sua vez,

êstes já chamavam, com identicos sentido e propósito, a propria pátria da mêsma maneira. A VERDE ERIN, A VERDE IRLANDA é um *leit-motif* dos seus cantos e de suas lendas. Verde ainda é a sua bandeira.

A lenda dessa Terra Venturosa, sempre *ao poente*, é, não só longinqua, como sobretudo pertinaz, nas tradições dos povos. Quasi todos, senão todos, repitamos, acreditaram numa Idade de Ouro em tempos idos e em terras de alem.

O ELÍSEO de Homero, por exemplo, para lá das Colunas de Hercules, era a MORADIA DOS BEMAVENTURADOS, tal qual a ilha de SÃO BRANDÃO, Terra da Promissão dos Santos. Daí o epiteto das edições latinas de Ptolomeu para as ILHAS AFORTUNADAS: BEATORUM, que a adulteração cartografica posterior levou a BEATHAE THEATRUM! A "Odisséa" descreve o ELÍSEO como uma ilha de fácil e dôce viver, sem neve e sem chuva, refrescada brandamente pelas auras suaves do oceano bonançoso.

Êsse ELYSIUM dos antigos apresenta-se tambem como O JARDIM DAS HESPÉRIDAS, Jardim Ocidental, cujas árvores vergavam carregadas de pomos de ouro, MERÓPIDA ridente, de onde nasceram os mitos americanos da MANÔA e do ELDORADO, que muitos diziam ter avistado e outros tantos visitado. João Afonso o Francês, piloto das escalas do Brasil, era um dos que afirmavam ter visto êsse EL – DORADO, êsse REI DOURADO, todo coberto de pó de ouro, sentado no seu

trono refulgente, no meio de sua cidade maravilhosa de MANÔA, que se mirava nas tranquilas aguas azúes do lago de Parima. E' curiosissimo como, no decorrer do tempo, o soberano EL - DORADO passou a ser uma região — ELDORADO.

Êsses mitos decairam de seu antigo esplendor, abastardaram-se e começaram a morrer caricaturados pela gargalhada de Rabelais como O PAIS DA CUCANHA. Por toda a parte, no alvorecer dos tempos modernos, se verificou êsse mêsmo fenómeno : os espanhóis, ao lado do ELDORADO, puseram a engraçada TERRA DO PIRIPIPÁU e a ILHA DA JANJA, com montanhas de queijo e rios de limonada ; os alemães imaginaram o grutesco SCHLARAFFENLAND, onde os porcos e gansos andavam assados pelas ruas e se amarravam os cachorros com linguiças; e os escandinavos pintaram o encantador FYLDEHOLMEN ou País das Bebidas, cujas fontes jorravam os vinhos e aguardentes mais finos e onde nunca se via uma gôta de agua !

Pindaro cantou essa TERRA FELIZ DO OCIDENTE, vicejante de flôres e bafejada de zéfiros suaves, ILHA DOS BEMAVENTURADOS, como tambem lhe chamou, onde os justos recebiam o premio devido às suas virtudes. A ode pindarica parece ter inspirado aquela leve canção francêsa contemporánea que dizem referir-se ao Brasil :

"Connais-tu le pays oú fleurit l'oranger,
Le pays des fruits d'or et des roses vermeilles,

Oú la vie est plus douce et l'oiseau plus léger,
Oú dans toute saison butinent les abeilles,
Oú sourit et rayonne par un bienfait de Dieu
Un éternel printemps sous un ciel toujours bleu?
C'est lá que je voudrais vivre,
C'est lá que je voudrais mourir....."

Cada poeta punha êsse ELISEU onde lhe fazia conta, onde sua imaginação lhe pedia.

Os geografos de antanho eram um tanto poetas, ou se inspiravam nos poetas, ou davam noticias das idéas dos poetas e dos filosofos. Deodoro Siculo, por exemplo, cita longamente a famosa PANCHÉA de Evemero, a ILHA MARAVILHOSA. A obra do autor da "História Sagrada" infelizmente não chegou intacta até nós. Conhecemo-la através de outros autores, sobretudo Lactancio ; mas o bastante para ficarmos ao par de sua tése da existencia dos deuses mitologicos como homens, em épocas remotissimas, tése que se chama o Evemerismo.

A PANCHÉA era uma ilha em que reinava o comunismo nos bens e a felicidade total, onde nem o individualismo se afirmava com a força de esmagar os próximos, nem existia o Estado para abafar a todos. A bondade natural dos individuos se desenvolvia sem peias e entraves sociais num clima delicioso, no seio maternal duma natureza risonha. Essa ilha ficava para os lados da India.

Deodoro Siculo considera-a como tendo existencia real e afirma que de suas praias se avistava a India como uma névoa, no fundo do horizonte. Foi daí que se originou a crença espalhada por muitos das ILHAS FORTUNADAS DA ARABIA, que veio até o momento atual na denominação geografica da ARABIA FELIZ, ao lado duma Arabia Deserta e duma Arabia Pétrea. Chamaram-se ILHAS FORTUNADAS DA ARABIA para estabelecer uma diferença com as ILHAS FORTUNADAS OU AFORTUNADAS do lado ocidental.

Semelhante em tudo à PANCHÉA era a ILHA FORTUNADA de Iámbulo, que vários autores da época em que a cultura alexandrina atingiu ao apogêo escolheram para séde de suas utopias sociais.

Não podendo existir entre os homens uma sociedade ideal como sonhavam, os pensadores viam-se forçados a inventar uma região especial, ignorada e feliz, para contê-la. Essas utopias percorrem a história, ao lado das lendas das Terras Felizes nos seus múltiplos avatares, dêsde a REPÚBLICA de Platão até a CIDADE DO SOL de Canpanela e a famosissima UTOPIA de Tomás Morus. No fundo dessas concepções, brilha solitaria e longinqua, do lado de oeste, no meio do Oceano Tenebroso, a perdida ATLANTIDA, a POSSIDONIA desaparecida, que muitos filosofos antigos tomaram como simples alegoria literaria de Platão, mas foi fonte perene de toda essa inspiração através dos milenios.

Como as ILHAS AFORTUNADAS estivessem alem das Colunas de Hercules, no seio do pélago misterioso que se estendia a perder de vista e ninguem tinha a coragem de sulcar, pouco a pouco foram localizando as ilhas existentes e nelas pondo aqueles caracteristicos que as lendas diziam ter a Terra da Felicidade.

Dizem alguns autores antigos que os cartagineses, entrando pelo Mar Tenebroso, descobriram uma ilha Voluptuosa. Clima suave. Perfumes sutis boiando no ar. Flôres e pássaros. Céu de anil. Abundancia de tudo. "Tão bela — escreve um dêles — que mais parecia morada de deuses do que de homens". Trouxeram a noticia à cidade emporocratica, mas o senado se reuniu para tratar do assunto, considerou o perigo de se despovoar Cartago pela atração de tão maravilhoso lugar e não esqueceu a necessidade de ter o governo sempre conhecimento dum local de refúgio, ignorado de todos os demais, para uma ocasião de grave perigo nacional. Por conseguinte, aferrolhou com o juramento do segredo a bôca dos pilotos descobridores.

Querem uns vêr nêsse país de maravilhas e misterios a America, outros especialmente o Brasil. Pensa-se em geral que não passa das ilhas chamadas AFORTUNADAS. Pomponio Mela no-las pinta em frente ao macisso do Atlas. Ali, a terra produzia sem precisar ser cultivada e os homens viviam isentos de achaques e inquietudes. Mais ou menos da mêsma

sorte descreve a ilha de ERITIA, fronteira à Lusitania, que Eratóstenes já incluira, com o nome de ERITÉA ou ERITRÉA, entre as AFORTUNADAS.

Cabe aqui observar que, segundo os geografos mais antigos, as AFORTUNADAS ficavam ao sudoeste da Mauritania e tinham êstes nomes: CONVALLIS, a Montanhosa; PLANARIA, a Plana; NIVARIA, tambem dita NINGUARIA, a Enevoada; OMBRIOS, a Chuvosa; CAPRARIA, tambem denominada CASPERIA, naturalmente por engano, a das Cabras Selvagens; CANARIA, afinal, a dos Cães ou, melhor, Lobos Marinhos. Ptolomeu fala da JUNONIA MAIOR e da JUNONIA MINOR, a seis mil estadios de Gadés, que Muller considera como sendo a FORTEVENTURA e a LANÇAROTE.

Entre essas ilhas e o litoral africano, alguns geografos punham uma ilha colonizada por Juba, Rei da Mauritania, que os romanos chamavam PURPURARIA, em grego ERITRÉA. Era essa a ERITIA de Pomponio Mela, a ERITÉA de Eratóstenes incluida entre as AFORTUNADAS.

Não deixa de ser curioso notar êsse nome da *púrpura*, a côr vermelha por excelencia, cujo segredo se perdeu, dado a uma ilha do oceano Atlantico, quando sabemos que o páu-brasil é a púrpura vegetal e que, antes de ser fornecido pela Hispaniola, pelo Pária e por nosso país, foi dêste lado do mundo tirado da ilha Terceira e, decerto, da Madeira. Com toda a

certeza, a ilha PURPURARIA do Rei Juba foi a primeira terra a produzir no Ocidente o lenho de tinturaria para a Europa. Carlos Muller identifica a PURPURARIA como sendo a mêsma MADEIRA.

De longa data o imperfeito conhecimento das terras banhadas pelo Atlantico dava margem a toda a espécie de confusões. Artemidoro divergia de Eratóstenes quanto à inclusão da ERITÉA ou PURPURARIA entre as AFORTUNADAS. Por sua vez, Estrabo é de opinião que as ILHAS DOS BEMAVENTURADOS somente se denominaram AFORTUNADAS por se acharem nas proximidades da Iberia, venturoso país. Em verdade, na Iberia colocava a fábula O JARDIM DAS HESPÉRIDAS.

Em Deodoro Siculo, a lenda das AFORTUNADAS apresenta-se sob outro aspéto. Foram colonizadas por Macareu após o diluvio que reduziu à miseria o continente fronteiro; mas, nêsse ponto, o historiador é nebuloso e não se sabe bem onde localizar as ilhas a que se refere. Parece que ficam no proprio mar Egeu. Demais, faz até trocadilho com o nome de seu colonizador Macareu (*Makareos*) e o das ilhas, em grego — MAKARIÉ, as AFORTUNADAS.

Delas tambem trataram Hesiodo, Horacio, Florus, Plutarco, Plinio, Ateneu e Luciano de Samosata.

Os fenicios e seus sucessores, os cartagineses, chamavam-lhes MALKART, do nome de seu deus, equivalente a Hercules que abrira as Colunas ligando o Mediterraneo ao Oceano. Eram divinas para êles.

O nome latino AFORTUNATAE nada mais é do que a tradução do grego MAKARIÉ. A lenda dessas ilhas teve a grande vantagem de desafiar a curiosidade medieval, impelindo-a para oeste. Seu conhecimento perdera-se de todo durante os primeiros séculos da Idade Média com o naufragio do Imperio Romano sob a imensidade bárbara. Depois, pouco a pouco se foi recobrando êsse conhecimento perdido. Os geografos orientais, arabes especialmente, que tanta influencia exerceram nas navegações e descobrimentos dos ocidentais, falavam continuamente delas.

Abulféda divide-as em dois grupos diferentes: DJEZAIR-EL-SAADET ou AFORTUNADAS, tambem DJEZAIR-AL-SEADA, e DJEZAIR-EL-KHALIDAT ou ETERNAS. Ibn Fátima põe-nas entre estas últimas e a Africa. Iakut, Kazwin, Abu-Reizan-el-Biruni identificam-nas: são uma e a mêsma cousa. Allah-el-Bewri chama a todas textualmente — FORTUNATUS.

Na opinião geral, as ilhas AFORTUNADAS nada mais são do que as CANARIAS, conquistadas no século XV por João de Béthencourt.

Na sua "História Pontifical", Gonzalez de Illescas faz notar quanto essa conquista auxiliou o descobrimento do Novo Mundo. Foi como que o primeiro passo dado para desvendar o antigo segredo do Mar Tenebroso. Humboldt é da mêsma opinião. O grande sabio germanico escreve o seguinte: "A Islandia, os Açores e as Canarias são as estações que desempe-

nharam o mais importante pepel na história dos descobrimentos e da civilização, isto é, na série de meios empregados pelos povos do Ocidente para entrar em relações com as partes do mundo que ainda não conheciam". Mais adeante, acrescenta: "Essas ilhas foram postos avançados da civilização européa, pontos de repouso e segurança". E, em outra parte, afirma: "O mito geografico do ELISEO foi recuado para o oeste à medida que o conhecimento do Mediterraneo se espalhava entre os gregos".

Recuou até à America e até ao Brasil.

O sentido inteiramente ocidental dêsse mito impeliu os aventureiros pelo oceano alem, desafiando todos os perigos, ávidos de todos os misterios. "As lendas antigas — doutrina Philéas Lebesgue, um dos crentes da Atlantida, — ressuscitam na nossa memoria, de inicio como contos infantis proprios para embalar a imaginação sem interessar à razão; depois, de repente, lhes emprestamos uma significação transcendente, pretendendo nelas descobrir vestigios de antigas experiencias de nossos remotos antepassados". Tentando refazer essas antigas experiencias foi que a humanidade ocidental do Renascimento achou os mundos novos por mares que pareciam nunca dantes navegados.

As CANARIAS tiveram, pois, a máxima importancia na história dos descobrimentos maritimos, tanto pelo que valeram objetivamente como etapas da gran-

de marcha, como pelo que valiam subjetivamente como objétos da lenda da Terra Feliz que ia emigrando para o oeste à proporção que não era encontrada.

Todavia, não foi João de Béthencourt, o conquistador das ilhas, o vencedor dos Reis Guanches, quem primeiro alí pôs os pés. Dêsde o ano 775 de Roma, conforme o testemunho de Plinio, os númidas as haviam atingido no anseio natural de desvendar os misterios da imensidão oceanica que se lhes deparava á vista do alto dos montes gétulos. Em plena Idade Média, alí se detiveram os oito irmãos arabes apelidados os Almagrurinos ou Enganados, justamente porque, partindo de Lisbôa e pretendendo ir até os confins do Mar Tenebroso, ficaram no caminho. No século XIV, a 12 de fevereiro de 1345, El Rei D. Afonso V de Portugal escrevia ao Papa Clemente VII que duas náus lusas tinham abordado naquelas ilhas. Daí, mais tarde, a cessão oficial das CANARIAS à Espanha por Portugal. Finalmente, pouco antes de João de Béthencourt, o espanhol Francisco Lopez nelas naufragou, foi acolhido pelos naturais e viveu sete anos.

A logica dos fátos demonstra cabalmente o importantissimo papel dessas ilhas no periodo historico em que pouco a pouco se foram desvendando os segredos do oceano. Êsse papel não podia passar despercebido à observação sagaz e à análise segura dos estudiosos, dêsde Gonzalez de Illescas ao barão de

Humboldt. E bastaria, sem dúvida, a alta autoridade dêste último para abonar definitivamente a veracidade da tése.

As ilhas do Atlantico, sobretudo as do Atlantico central e meridional, foram *magna pars* no desabrochar e no florescer das grandes aventuras pelos mares nunca dantes e nem por outrem navegados. Foram, em verdade, as gigantescas alpondras que permitiram, primeiro o salto da imaginação através do Mar Tenebroso, depois o salto dos navegadores de margem a margem, completados modernamente pelo salto dos aviões.

Quando os antigos, sobretudo os navegantes, imbuidos de preconceitos, superstições e temores, filhos da ignorancia, acreditando em lendas e fantasias, espalharam a fábula das ilhas AFORTUNADAS, que boiavam felizes, verdes e sorridentes sobre as vastas aguas traiçoeiras do Mar Tenebroso, mal sabiam que creavam um verdadeiro simbolo. Essas ilhas foram, na verdade, *afortunadas* pelo relevante papel historico que lhes atribuiu Humboldt e, muito antes dêle, Gonzalez de Illescas, papel de degráus para a marcha da civilização rumo ao ocidente.

A mêsma lenda vivia entre os povos celtas.

Depois de cristianizados, punham a entrada do Paraiso na famosa ILHA DE SÃO BRANDÃO, BRANDONIO, BRANDONIUS, BRANDANIS OU BORODON. Antes, porem, da pregação do Evangelho entre êles, sua Ilha

da Felicidade não podia ter nome de Santo e simplesmente se denominava O'BRASILE OU HY BRESAIL!

Nas velhas Cartas de Benincasa e de Bartolomeo Pareto bem claramente se mostra o sinal da ligação da lenda das ILHAS AFORTUNADAS com a de SÃO BRANDÃO nesta curiosissima legenda: INSULLE FORTUNATE SÃCT BRANDANY.

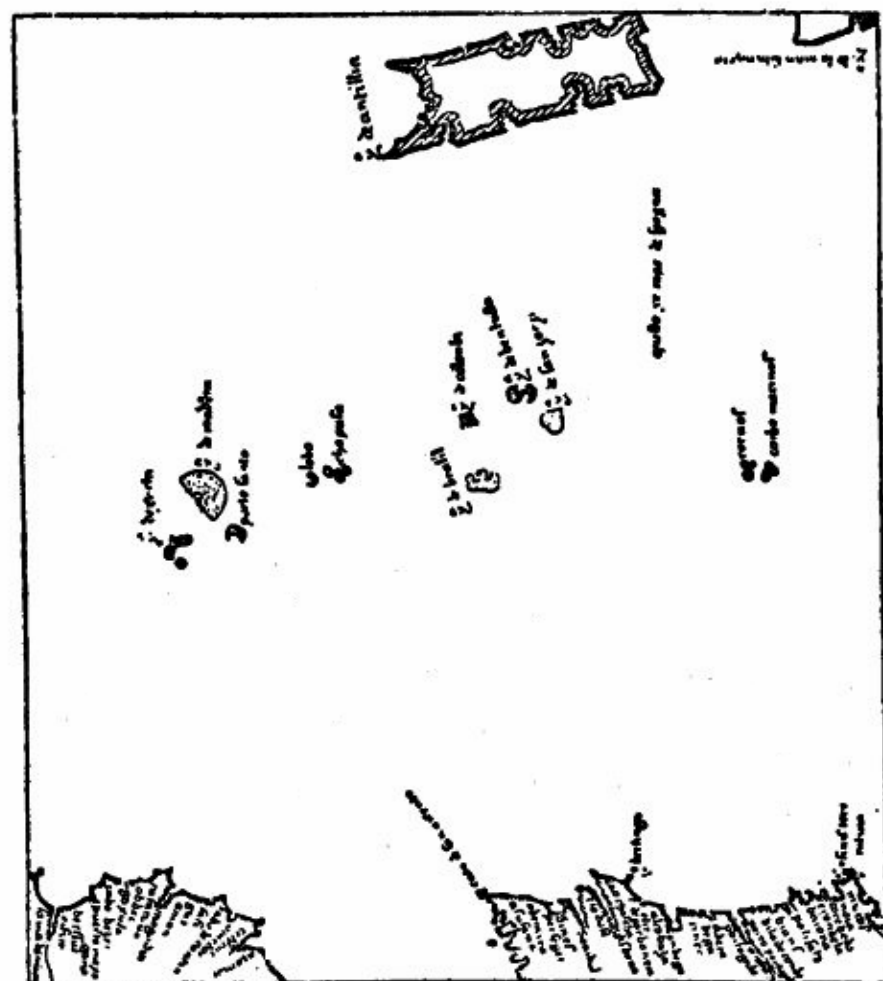
Toda a Idade Média letrada — diz Silbermann — viveu a pensar nas terras felizes e misteriosas do poente. São a IRLAND-HIT-MIKLA, a Grande Irlanda; a paradisiaca TVI-NAM-BAM; a YMA de São Macuto ou Maclovio; o maravilhoso FURDURSTRANDI dos normandos, e outras muitas. O "Ymago Mundi" de Pedro d'Aliaco, que inspirou Cristovam Colombo, faz-se às vezes éco dêsse antigo pensamento. O mêsmo espirito preside à toponimia das terras visitadas pelos vikings na America setentrional: VINLAND OU VYNLAND — A BÔA.

O mito das ilhas AFORTUNADAS, INSULAE FORTUNATAE dos latinos, ISLES OF THE BLEST dos irlandeses, penetrou em toda a Idade Média ocidental e nordica de tal modo que piamente se acreditou existirem do lado de oeste, cobertas de cereais e de uvas nativos, risonhas e banhadas de sol. De acôrdo com Plinio o Naturalista e Isidoro de Sevilha, é bem possivel que essa concepção se derivasse do que se dizia sobre as Canarias, já conhecidas de númidas, gétulos, fenicios e cartagineses, tanto que sempre as coloca-

vam mais ou menos onde realmente se acham, ao poente da Mauritania.

Como muitas outras tradições greco-latinas, o conto dessas ilhas passou à Irlanda medieva, de onde os bardos o espalharam pelas ilhas Orcadas, Hébridas e Feroé, levando-o de etapa em etapa até a Noruega e até a Islandia. No antigo idioma escandinavo, a denominação INSULAE FORTUNATAE foi traduzida por VINLAND-HIT-GÓDA, isto é, VINLANDIA A BÔA: A BOA TERRA DA UVA.

Posteriormente à estada dos normandos na America, as noticias das terras que descobriram ao sudoeste da Groenlandia se associaram às idéas celticas sobre as ISLES OF THE BLEST, as ilhas dos ABENÇOADOS OU BEMAVENTURADOS, O BRASIL, em celta, afinal. E o nome de VINLAND, implicando embora a determinação da existencia de frutos ou grãos naturais do país, cristalizou na essencia o espirito de todas as antigas lendas que objetivavam a mêsma idéa e se originavam do mêsmo sentimento, gregas, romanas e celticas. Por isso, todas as terras a que aportaram os escandinavos no Novo Mundo foram VERDES, BOAS OU GRANDES. Nas Sagas, a Helulandia é apelidada como a Irlanda: HELLULAND-HIT-MIKLA.

No fundo dessa vetusta lenda duma GRANDE TERRA FELIZ DO OCIDENTE ou da ILHA AFORTUNADA, está, como base, a recordação da ATLANTIDA, onde, no dizer dos antigos, florescera a sonhada Idade de Ouro.

Carta de Andreas Bianco, 1436, indicando a Antília e ilha do Brasil, existente na Biblioteca de S. Marcos, de Veneza (do Atlas de Kretschmer).

Llyuro da nao bertoa que vay pa a terra do brazyll de que som armadores bertolameu marchone e benadyto morelle e fernã de lloronha e framcysco mjz que partio deste porto de lix^{a} a xxij de feu^{ro} de 511.

Fac-simile da nomenclatura *ylha da* T e *ylha da cruz,* segundo a grafia quinhentista.

Em 1812, no seu poema muito pouco conhecido "L'Atlantiade", Nepomuceno Lemercier, um dos tradutores dos "Versos Aureos" de Pitágoras, resumia em uma estrofe a lenda da EUGÉA OU BÔA TERRA, — VINLANDIA A BÔA dos normandos aventureiros:

"Avant les temps inscrits en nos fastes divers,
Une île assise aux lieux qu'envahirent les mers,
Autrefois domina l'Océan Atlantique
Qui longtemps à l'Europe a caché l'Amérique.
Son peuple separé du reste des humains,
Suivait de l'equité les fortunés chemins.
A' d'innocents mortels cette île partagée
Dés avant l'Age d'Or portait le nom d'Eugée".

O mêsmo espirito e os mêsmos motivos dêstes versos referentes à lenda mediterranea-atlantica, que monsenhor Tolra chama com grande propriedade uma *lenda geologica*, encontramos na poesia mais moderna de Gerald Griffin sobre a versão celta:

"On the ocean that hollows the rocks where ye dwell
A shadow land has appeared, as they tell;
Men thought it a region of sunshine and rest,
And they called it O'BRASIL — the Isle of the Blest.
From year unto year, on the ocean's blue rim,
The beautiful spectre showed lovely and dim;
The golden clouds curtained the deep where it lay
And it looked like an Eden, away for away".

Sente-se perfeitamente por trás das cortinas de todas essas lendas que inspiram essas poesias a tradição da ATLANTIDA que Platão nos legou em seus dialogos imortais. Foi lá que os homens viveram a Idade de Ouro até que se perverteram e foram castigados pelos deuses com o cataclisma geologico que mudou a face do mundo.

Nas memorias dos povos boiaram lembranças esparsas de que se haviam salvado da grande comoção telurica fragmentos da terra atlante e porções de sua gente. Situaram-n'os aqui ou alí, ao sabor das fantasias ou das recordações, no lago Tritonio, o atual Chott Melhrir, ou na Noruega, no Spitzberg ou no Mar de Sargaços; acharam reminiscencias entre os povos ignotos que os descobrimentos foram revelando: Guanches e Mayas, Aztecas e Aimarás, Quichuas e Antis, Chibchas e Caribes, identificados por alguns aos antigos Carios.

Numerosos foram os homens de ciência e de imaginação que puseram a Atlantida na America. Entre os geografos, por exemplo, Ortelius. Entre os poetas, por exemplo, Fracastor, em pleno século XVI.

Os pensadores que imaginaram a existencia de terras felizes, de homens puros, onde, por assim dizer, os lobos fraternizassem com os cordeiros, beberam sua inspiração no longinquo recanto da ATLANTIDA. Para os lados do ocidente voou o seu pensamento creador e, nas tramas de seus romances, a lembran-

ça atlante se casou ao fáto recente do descobrimento da terra americana.

E', deixando o Perú rumo da China, que Bacon encontra a "Nova Atlantida", onde floresce o ideal Instituto de Salomão, regulador da justiça. E' um veterano da viagem de Americo Vespúcio, um dos vinte e quatro soldados abandonados num fortim primitivo do quasi desconhecido Brasil, quem acha a UTOPIA e a descreve a Tomás Morus. UTOPIA vem do grego e significa *fóra do espaço.* A palavra foi, decerto, inspirada em Platão, que diz ser Deus *utópico* e *ucrónico*, isto é, fóra do espaço e da duração do tempo. E', finalmente, num clima positivamente americano e tropical que Campanela dá vida ao comunismo ideologico da "Cidade do Sol". E, como expoente das tradições catalãs na literatura poetica, Jacinto Verdaguer, no seu poema "La Atlantida", pinta Cristovam Colombo partindo para descobri-la, como "de promisió à la terra soniada", a Sonhada Terra da Promissão, a mêsma terra que buscara outróra, mar adentro, São Brandão. Em verdade, o proprio Colombo escrevia aos Reis Catolicos, comunicando-lhes que achára indicios do Paraiso Terreal.....

XI

A força das lendas

Vimos, pois, como as lendas dessa natureza têm a vida longa e com que força se prolongam através de múltiplas transformações, adaptações e mimetismos. Passam duma civilização para outra, tomando o feitio especial de cada uma. São filhos naturais que, em pouco tempo, se legitimam pelo proprio esforço. Tomam tal ar de familia que, na maioria dos casos, dificultam em extremo a investigação de sua paternidade. E' quasi impossivel deslindar-lhes a origem. E inflúem diretamente na história, embora ela as renegue.

A lenda da TERRA OU ILHA FELIZ foi tão robusta que, do mêsmo modo como se procurava a aurea MANÔA na virgem selva americana, a FONTE DE JUVENTA nos bosques húmidos da Flórida, o ovo do pássaro ROKA nos mares do Sul ou o PRESTE JOÃO DAS INDIAS no coração da Asia, muitos aventureiros buscaram, ainda no raiar dos tempos modernos, a

famosa ILHA BRASIL, que a lingua gaelica nos revela ser a mêsma dos AFORTUNADOS.

A lenda do PRESTE JOÃO DAS INDIAS se originava da antiga conquista de certas regiões da Asia Central, o Turquestão sobretudo, pelos cristãos nestorianos emigrados do vale do Tigre e do Eufrates pela perseguição dos Imperadores Bizantinos ortodoxos. Os portugueses preocuparam-se o mais possivel com êsse soberano cristão isolado no meio de gentios. O judeu converso Francisco de Albuquerque escrevia a seu respeito a El Rei D. Manuel o Venturoso, denominando-o — EL HATI DANTINELLQUE YSRAELL, o que, segundo êle proprio, queria dizer : DAVID, REI DE ISRAEL. Mentia pela gorja. EL HATI é uma fórma arabe do titulo gheez EL HITTI. O cristão novo falava do soberano da Etiopia. Sente-se aí o começo da confusão entre o soberano nestoriano keraita da Asia Central, que era o verdadeiro Preste João, e o imperador da Abissinia, que se tornou um pretenso Preste João. O derradeiro soberano nestoriano da Asia Central foi vencido e morto por Gengiz-Kan, em 1203 de nossa era.

A história do Preste João em relação aos descobrimentos e explorações do século XIII ao XVII é tipica como expressão da força vital das lendas.

Dissemos que houve quem, na aurora dos tempos modernos, ainda buscasse pelos mares afóra a famosa ILHA BRASIL da cartografia medieval. E' exáto. Um

manuscrito do Colegio de Corpus Christi, na Universidade de Cambridge, de autoria de Guilherme Botoner, datado de 1480, compulsado por Fridtjof Nansen, contem a interessantissima narração duma tentativa de descobrimento da famigerada ILHA BRASIL, com interrupções e falhas do tempo. Lê-se perfeitamente o seguinte: "On the 15th. of July..... ships......e......John Jay junior, of 80 tons., sailed out of the port of Bristol......as far as the island of Brazil on the west side of Ireland......after having sailed the seas about 9 months they had not discovered the island......"

Êste documento em que se mostram navios de Bristol procurando nove meses no oceano a ILHA BRASIL é comprovado pela famosa carta manuscrita de D. Pedro de Ayala, embaixador da Espanha em Londres, datada de 5 de julho de 1498, em que diz que, de sete anos àquela parte, se tinham feito da Inglaterra *diversas viagens* em busca da ILHA DO BRASIL.

Certamente Silbermann se escudou nessa peça e em outras de semelhante teor para poder escrever o que se segue: "Pela mêsma época (1486), os ingleses fizeram *várias viagens* para achar a ILHA DO BRASIL".

Ora, a data do manuscrito do Colegio de Corpus Christi está roída no ponto em que se refere à viagem dos navios que, em julho, se fizeram ao mar em busca da ILHA DO BRASIL; mas sabemos que o manus-

crito é de 1480. Em julho de 1498, dois anos antes do descobrimento do Brasil, o embaixador espanhol em Londres denunciava ao seu rei as diversas viagens dos ingleses em procura da ILHA DO BRASIL, dêsde sete anos, isto é, dêsde 1491. Silbermann afirma a mêsma cousa, mas como acontecendo em 1491. Portanto, houve quem procurasse o BRASIL muito antes da viagem de Pedro Alvares Cabral, como houve quem procurasse a ANTILIA.

Quarenta anos antes da viagem de Vasco da Gama, em 1458, Diogo de Tienna e o piloto português Pedro de Velasco partiram do Faial e navegaram mais de cento e cincoenta leguas para sudoeste, em busca da ANTILIA. Então, Colombo nem sonhava descobrir a America. Mas é que as lendas agiam no subconsciente dos ocidentais através de sua imaginação. Sentia-se que alguma cousa de grande ia nascer, que surgiriam novos mundos das trevas e dos misterios da vastidão oceanica.

Ora, se sabemos que os portugueses realizavam explorações secretas pelo oceano Atlantico e conheciam, antes de todos os outros, como foi documentadamente provado, a continuidade do continente americano, da Terra Nova à dos Papagaios, como poder pensar que o achado do Brasil por Pedro Alvares Cabral, em 1500, foi simples obra do acaso? Pelo contrario, tudo leva a supor uma intenção, tanto mais segura quanto outros tambem a tinham.

Por trás dessas intenções esvoaçava a lenda como um chamariz.

A fôrça da lenda ainda era tão vivaz no bruxolear do século XV que João de Mandeville se fez ao mar em procura do proprio Paraiso, como outróra São Brandão na sua galera ressoante de orações, chegando mêsmo a dizer que o havia encontrado e a descrevê-lo. Era no bom tempo em que se costumava, segundo diz um escritor francês, pôr em letras sobre pergaminho — "les bonnes chevaleries et les étranges choses" praticadas pelos conquistadores heroicos.

XII

O nome mais velho do que o país

Dos estudos a que vimos procedendo resulta que é indubitavelmente mais velho do que o nosso país o nome que lhe deram. Capistrano de Abreu estava de acôrdo com êsse ponto de vista e afirmava ainda que — "o BRASIL, — ilha ocidental, nada tem com o produto oriental". O que claramente significa: o nome geografico não tem relação alguma com o nome da madeira de tinturaria.

Tanto o nome geografico não podia ter vindo unicamente do do famoso páu de tinta que o proprio Capistrano de Abreu acaba confessando: "Mais natural é que o nome proceda de origem celtica". E adeanta: "BRASIL como ilha aparece sempre no Atlantico e a W. de terras primitivamente habitadas por celtas".

Southey parece ter adivinhado isso, quando escreveu: "Entre varios povos vivia uma tradição relativa a uma *ilha encantada* (?) chamada BRASIL.

TAIRNGIRI dos celtas, a falada TERRA REPROMISSIONIS OU REPROMISSIONIS SANTORUM da "Navigatio" de São Brandão.

Houve, como se costuma dizer em linguagem técnica de folclore, verdadeira intercorrencia da lenda e da história, da madeira e da terra, do espirito e da materia, através da similitude prosodica dos vocábulos. O BRASIL do páu côr de brasa ou, melhor, VERZINO, BERZINO e BERZI, confundiu-se com o BRASIL da ILHA BEMAVENTURADA, da TERRA FELIZ DO OCIDENTE, do O BRASIL celta. E, na nossa opinião, prevaleceu pela força espiritual jacente no elemento lendario.

Assim, a mania geral de ir buscar para o nome BRASIL um berço unicamente na madeira de tinturaria, — explicação primaria, se vê prejudicadissima pela existencia comprovada de vetusta lenda, projetada na cartografia Medîéva e do Renascimento, lenda a que aludem Alf Torp e Moltke Moe, derivando o nome BRESAIL de BRESS, bôa sorte, felicidade, prosperidade, etimologia tão aceitavel, de qualquer ponto de vista, senão mais, do que a outra, absolutamente materialista. Do ponto de vista poetico, simbolico, mêsmo historico e sobretudo tradicional, não deve haver hesitação possivel.

BRASIL póde vir tanto de brasa como de BRASAIL ou BRESAIL ou BRESSAIL, Terra Afortunada. A simples semelhança do vocábulo irlandes dado á ilha

lendaria do oceano Atlantico, sob as várias fórmas que já examinamos, com o do páu-brasil, *berzil* ou *berzino* talvez tenha trazido a confusão de que resultou se pensar fôsse do nome da madeira que tivesse nascido o nome do país.

E' de notar que a uma das ilhas de onde levaram páu-brasil ou seu sucedáneo, a urzela, para a Europa, dêste lado do mundo, não se deu o nome de BRASIL, porem o de MADEIRA, que ainda lhe resta. O mêsmo nome de MADEIRA deram os normandos a uma parte do continente americano por êles descoberta — MARKLAND, Terra da Madeira.

Porto-Santo, ilhéu proximo da ilha da Madeira, foi descoberto em 1418 por Bartolomeu Perestrelo. No ano seguinte, 1419, Gonçalves Zarco e Tristão Vaz puseram os pés na ilha da Madeira. No entanto, ela figura no Portulano Laurenciano de 1351! Talvez se tivesse perdido no inicio do século XIV a memória de seu remoto descobrimento ou conhecimento, pois que parece ser, pela produção de material tintorico, a antiga PURPURARIA OU ERITRÉA. Era esta, aliás, a opinião de Humboldt, que julga ser ela já conhecida de fenicios e cartagineses, os quais dela retiravam substancias corantes.

XIII

Brasil — Terra Abençoada

Em face da documentação apresentada, é impossivel deixar de reconhecer que a palavra BRASIL primeiramente foi aplicada a uma ilha do oceano Atlantico, posta — no dizer de Latino Coelho — "em regiões geograficamente desconhecidas ou figuradas ao sabor da fantasia dos cartógrafos".

Essa ilha variou de grafia e de posição extraordinariamente na cartografia antiga. O nome BRASIL, em qualquer de suas variadissimas fórmas, é claro que lhe não podia ter sido dado pela existencia em seu territorio da CAESALPINA SAPPAN, conforme foi cientificamente apelidado o páu de tinta.

E' claro, — porque, quando o nome aparece na cartografia, no século XIV, ninguem achara ainda na vastidão do Atlantico terra alguma que produzisse o páu-brasil.

Qual a razão, pois, do nome BRASIL dado a essa ilha errante, múltipla e variavel?

E' obvio que somente poderia ser a lenda das Terras Felizes, das Terras da Promissão do Ocidente: MAKARIÉ e EUGÉA dos gregos, FORTUNATAE dos latinos, FORTUNATUS e ETERNAS dos arabes, INSULA DELICIOSA do monje Mernoc, TERRA DA PROMISSÃO DOS SANTOS de São Brandão, VINLANDIA A BÔA das sagas, BRESAIL OU O'BRASILE dos celtas.

Nada mais natural, depois, do que a interpenetração desta última lenda e do achado do páu-vermelho, MBIRA-PIRANGA, quando começou seu tráfico em SANTA CRUZ. E o vulgo, unico capaz de dar nome aos senhorios da Real Corôa, máu grado o protesto indignado de João de Barros, já habituado ao nome da lenda, como os letrados estavam ao da cartografia, facilmente o estendeu à nova região, da qual se contavam maravilhas, da natureza viçosa, da felicidade primitiva e da longevidade dos habitantes, e onde se ia buscar a madeira rubra, cuja alcunha mal se distinguia na prosódia e na escrita do termo lendario irlandês consagrado nos mapas.

Não se esqueça tambem que os proprios descobridores portugueses não ignoravam a existencia cartografica da palavra BRASIL, mêsmo nos dias do descobrimento, quando tinham a terra brasileira amanhecendo aos seus olhos. Entre êsses descobridores houve quem, sem dúvida, confundiu a terra novamente achada com a famosa ilha lendaria do Atlantico. Referindo-se ao BRASIL, o bacharel mestre João,

físico da armada de Pedro Alvares Cabral, escrevia a El Rei D. Manuel: "Quanto senor al sytyo desta terra mande vossa alteza traer um mapa mundy que tiene pero vaaz bisagudo e por ay podrá ver vossa alteza el sytyo desta terra en pero a qual mapa mundy non certifica esta terra ser habytada, o no: es mapa mundy antiguo e ally fallará vossa alteza escrita tambem la myna"...

Capistrano de Abreu declara êste documento de uma *obscuridade desesperadora*, uma *lenga-lenga confusa*. Não podemos atinar por que. Ponhamo-lo em português atual e veremos que é extraordinariamente claro: "Senhor, quanto á situação desta terra, mande Vossa Alteza buscar um mapa-mundo que possue Pero Vaz Bisagudo e por êle poderá Vossa Alteza vêr a posição desta terra. O mapa-mundo não certifica ser ela habitada ou não. E' um mapa-mundo antigo e nêle Vossa Alteza tambem achará traçada a Costa da Mina".

Está, pois, muito claramente dito que o tal Pero Vaz Bisagudo possuía um mapa-mundo, já antigo para a época, no qual figurava, sem dizer que fosse ou não habitada, a terra do BRASIL e tambem a parte do litoral africano conhecida como Costa da Mina. Mestre João o conhecia antes de embarcar com Pedro Alvares Cabral, tanto que daqui, da terra novamente descoberta, de 28 de abril a 1.º de maio de 1500, escrevia a EL REI para que visse a sua posição no

mapa. E' um documento preciosissimo, porque, nos dias do proprio descobrimento e na propria terra encontrada, se refere à sua existencia cartografica antes da sua tomada de posse oficial pelos navegadores portugueses.

Deante dêle, a opinião de Vignaud é que a terra fôra vista e situada anteriormente ao descobrimento. Pelo menos, os lusos já tinham fixado sua atenção na terra que a cartografia indicava.

Desta ou daquela maneira, em face dum documento de tal ordem e de fátos de tal natureza, não é mais possivel permanecer dentro dos estreitos limites da tése primaria de que o BRASIL foi achado por acaso, como durante longos anos se ensinou até nas escolas públicas. Seria continuar a injuriar a memoria dos maiores navegantes do mundo.

Aliás, a hipótese do achado do BRASIL por acaso foi posta em voga pelo sábio Raynal no fim do século XVIII. Muitos levianamente lhe deram curso até que, melhor informados, autores mais modernos começaram a desfazê-la. Para Zeferino Cándido, houve na navegação de Pedro Alvares Cabral o deliberado propósito de tocar na terra brasileira. Para Baldaque da Silva, o afastamento voluntario da armada para oeste colimava o encontro das terras austrais da America. Para João Ribeiro, Portugal cometeu aos seus marinheiros a empresa de revelar o Extremo Ocidente. E não é possivel fugir a essa evidencia

quando se lê o texto do "Esmeraldo de Situ Orbis" de Duarte Pacheco Pereira: "a quarta parte que Vossa Alteza mandou descobrir alem do oceano", e se sabe do conhecimento que tinham os lusos da continuidade territorial da America de norte a sul, revelada na carta de Pascuáligo, que surpreendeu ao proprio Humboldt.

A carta de mestre João existe realmente. Seu autor não é uma invenção e o personagem a quem se refere não é ficticio ou desconhecido. Bacharel em artes e medicina, astrónomo e um tanto geografo, como soía acontecer com a maioria dos medicos da época, mestre João viajava em um dos navios menores da frota cabralina, desembarcou em nossa terra, calculou-lhe com o astrolabio a posição geografica e observou de suas plagas virgens o Cruzeiro do Sul resplandecendo no veludo do céu noturno. Souza Viterbo vê nêle o astrónomo e medico galego de nomeada João Faras, tradutor de Pomponio Mela.

Aquêle a quem atribúe a posse do mapa antigo onde vinha assinalado já o BRASIL era o famigerado Pero Vaz da Cunha, *d'alcunha o Bisagudo*, que comandara a esquadra mandada por D. João II a restaurar Bemoi, Principe de Jolofo, e que apunhalara o desgraçado régulo africano no rio Çanagá ou Senegal, sob o pretexto de traição, mas de fáto para evitar a insalubridade da região e voltar mais depressa à bôa vida do Reino. Posto de parte pélo soberano após o

triste feito, o Bisagudo tinha relações intimas com os judeus e muitas ligações no norte da Europa, de onde talvez lhe tivesse vindo o mapa em que se via o nome e a terra do BRASIL antes de descoberto.

Onde, portanto, a obscuridade do documento?

As origens e o processo de formação do nome BRASIL não podem ser outros. Aliás, a origem a que nos inclinamos é mais agradavel ao espirito e ao coração dos brasileiros. Não póde haver quem não prefira que o apelido de seu torrão natal signifique TERRA ABENÇOADA, TERRA DOS AFORTUNADOS, DOS BEMAVENTURADOS, *of the Blest*, do que recorde tão somente o utilitario e vulgar comercio do páu de tinta, exercido nos primeiros dias da conquista, não pelos portugueses idealistas que a realizaram, mas pelos cristãos novos Loronhas e Bixordas, que tiravam real proveito de sua audacia, colhendo tranquilamente os frutos de seu destemor.

Repitamos, pois, com prazer o verso que, indiretamente embora, nos dedicou o poeta Griffin:

"And they called it O' BRASIL — the isle of the blest!"

Esquema da formação da palavra Brasil

ANTIGUIDADE:
Lenda em quasi todos os povos sobre a existencia duma terra misteriosa e venturosa do lado do poente

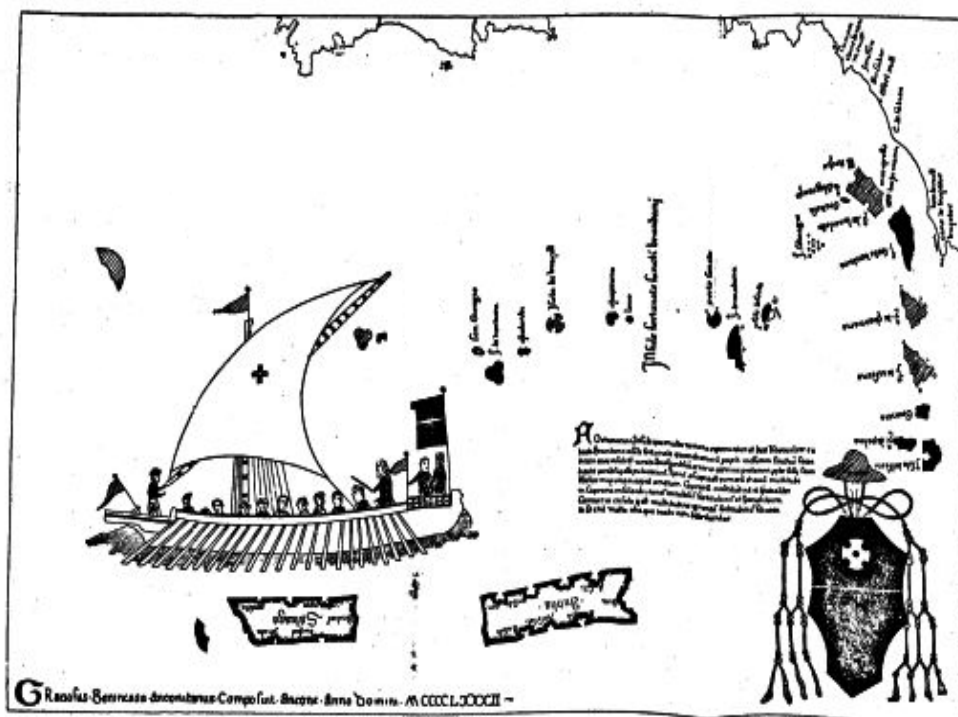
IDADE-MÊDIA:
A lenda consubstancia-se numa ILHA BRASIL, de pouso e nome incertos, por influencia do vocábulo celta BRESAIL.

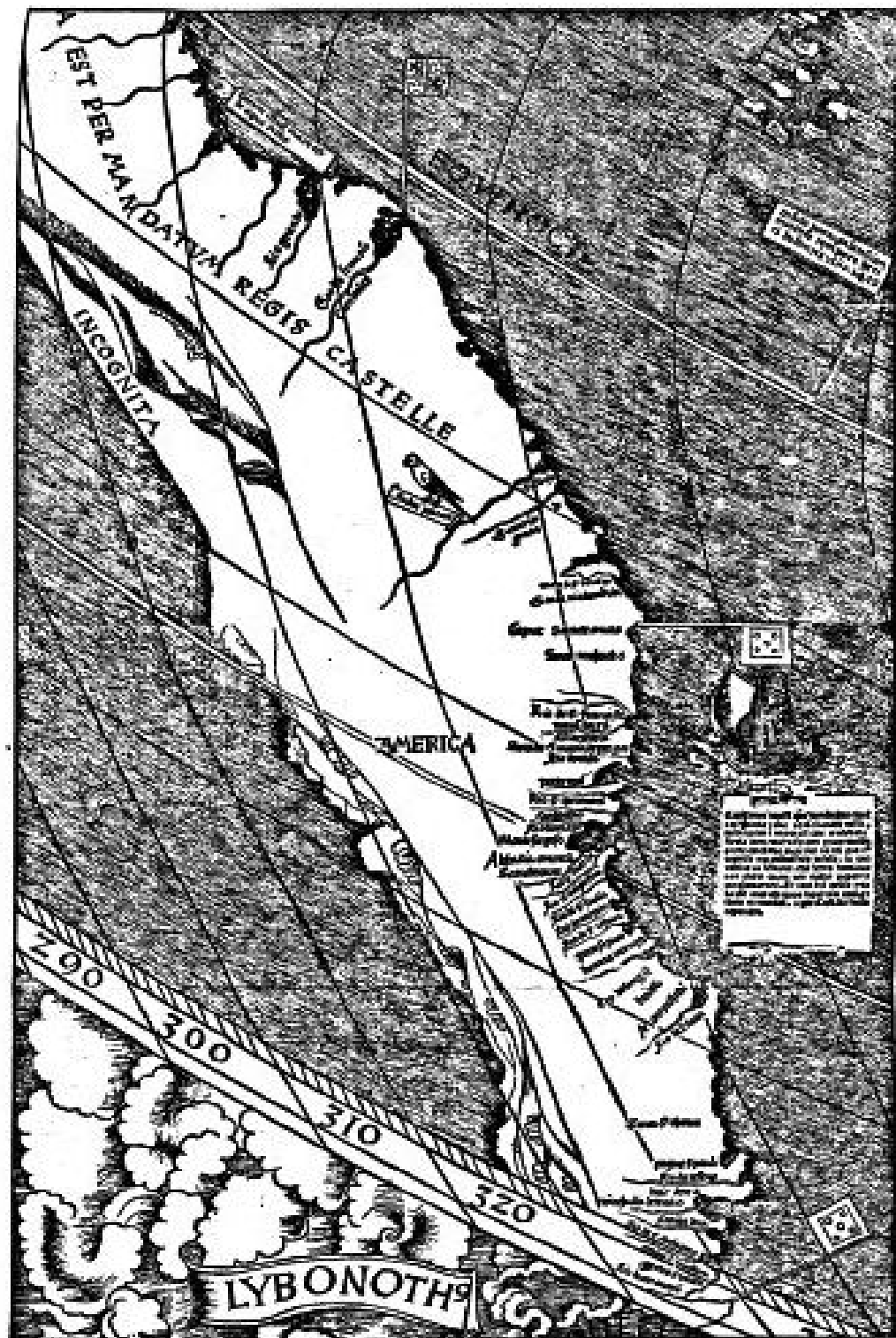
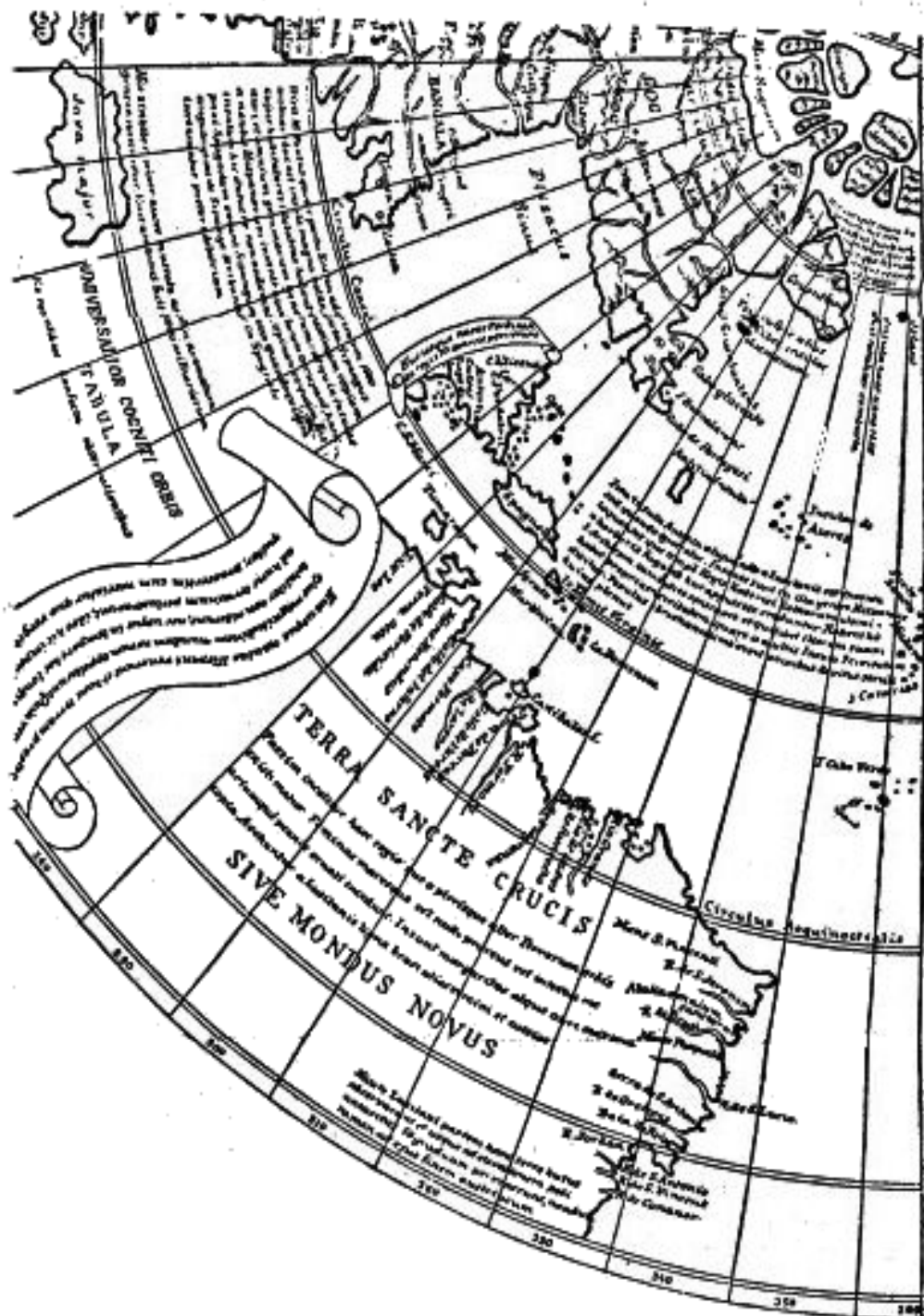
RENASCIMENTO:
Acredita-se na existencia da ILHA BRASIL que aparece nos mapas e a mêsma é procurada pelo oceano Atlantico.

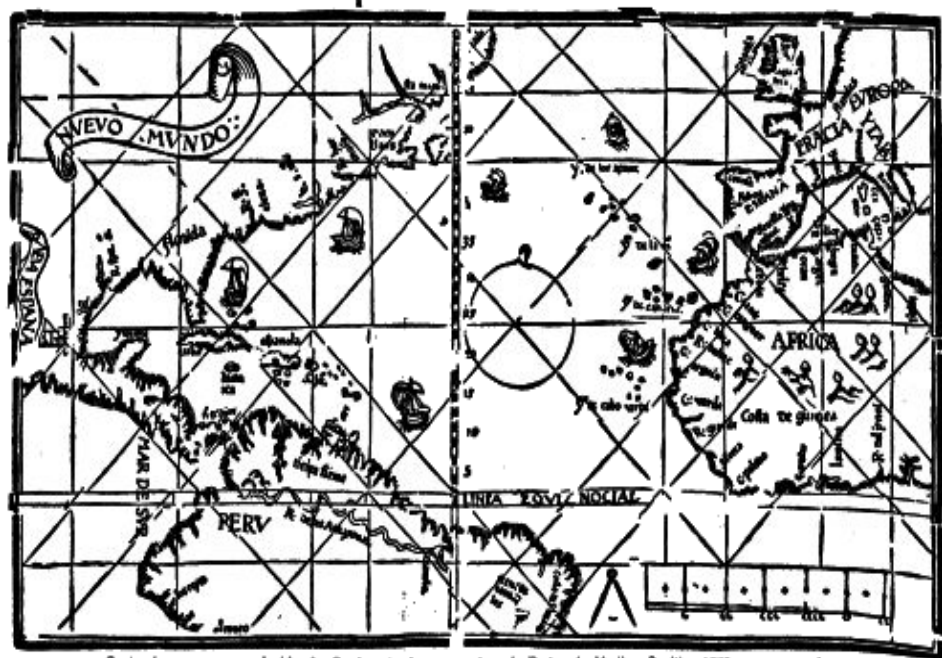
IDADE-MÊDIA:
O páu de tinturaria vem do Oriente com os nomes de VERZINO, BERZINO, BERZIL, BRASIL, etc.

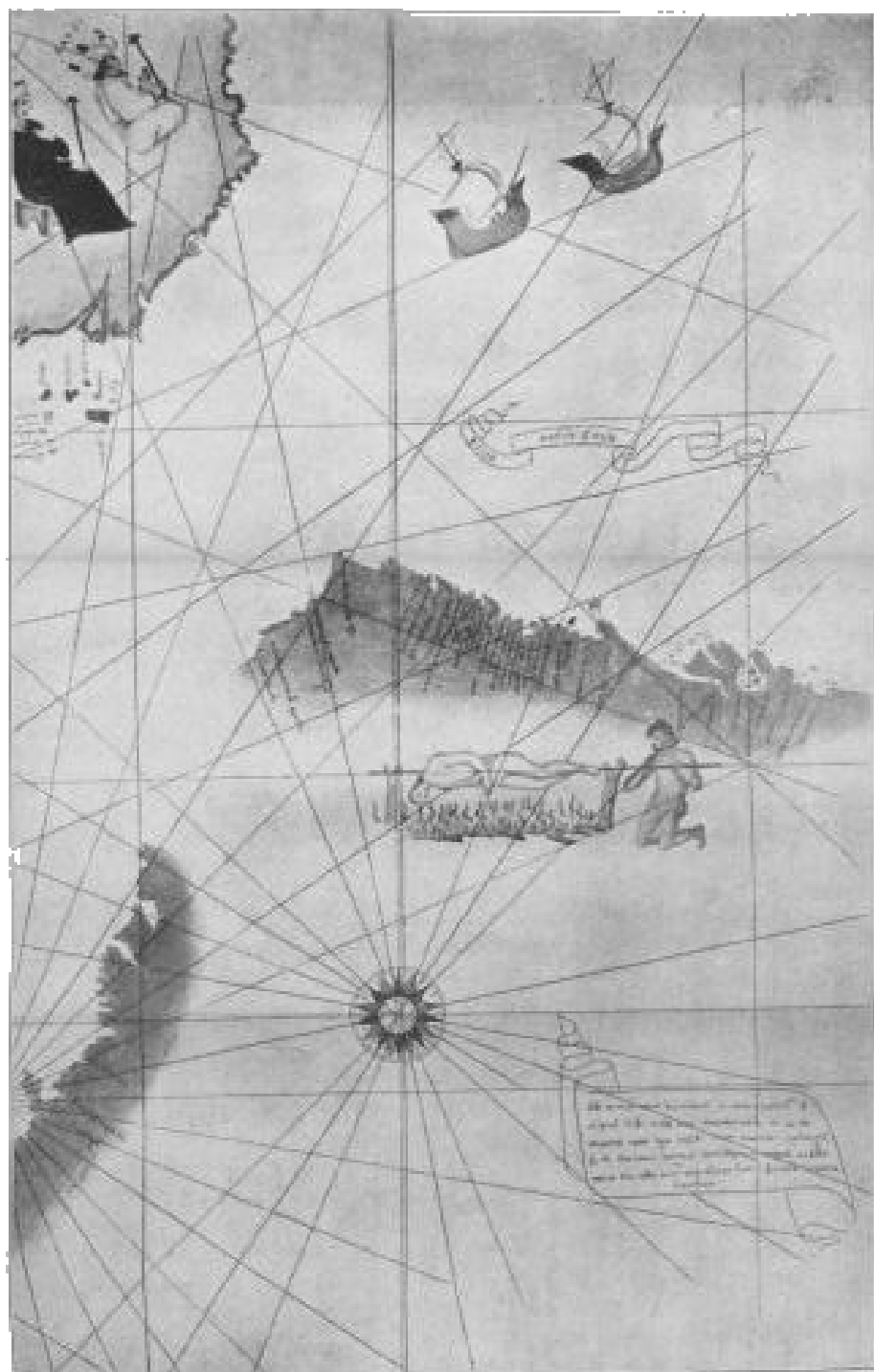
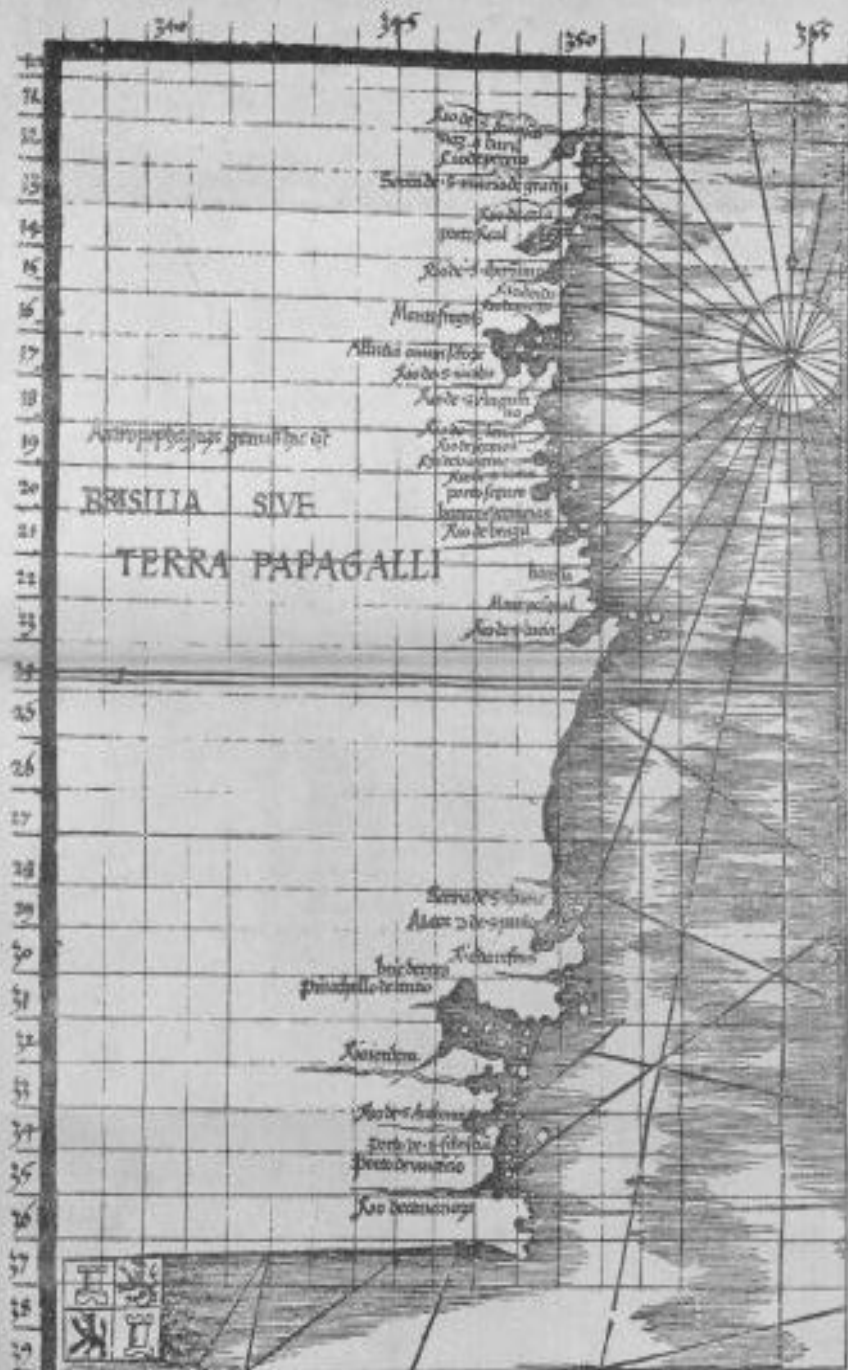
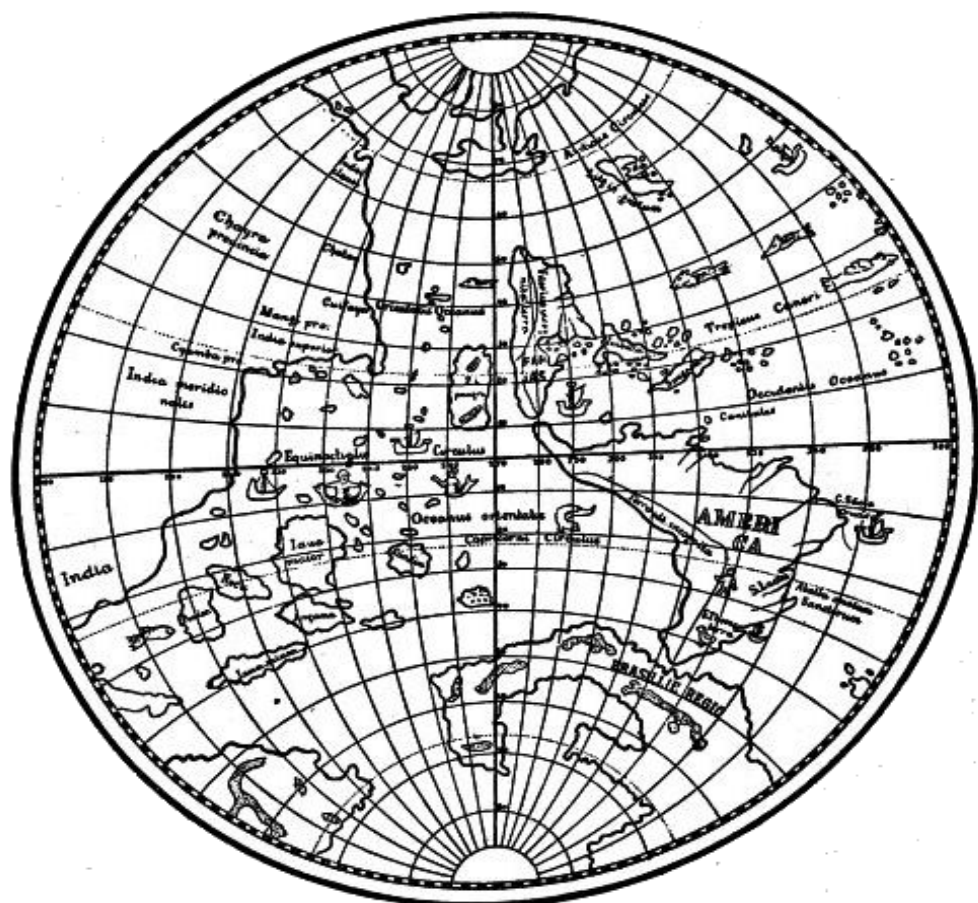
RENASCIMENTO:
Os portugueses acham a terra que veio a chamar-se BRASIL e onde abundava a madeira tintorica dêsse nome.

O nome da ilha e o nome do páu se confundem, nascendo o termo geografico definitivo.

Carta de Bartolomeu Pareto, reproduzida do *Atlas* de Kretschmer, onde estão indicados os arquipélagos das Canárias, Madeira, Açôres e nestes vê-se a Ilha do Brasil. Além destas ilhas (está indicada a Antilia e outra ilha do Brasil, como de existencia hipotética? aquela a oeste dos Açôres e esta a oeste da Irlanda. Entre a Madeira e Açôres indica-se a legenda *Insulle Fortunate Sâct Brandawy*, designação que também se encontra no mapa de G. Benincasa de 1482. Vêem-se duas *Insulle Fortunate Sâct Brandawy*, designação que também se dá às ilhas do Brasil.

Reprodução da Carta de Gracioso Benincasa, feita em Ancona no ano de 1482 e extraída do *Atlas de Kretschmer*. O original existe na Biblioteca da Universidade de Bolonha. E' análoga à de Pareto, parecendo ter sido construída para mostrar a arrumação das ilhas Canárias, Madeira e Açôres, indicando também a Antilia. Junto à ilha do Ferro, onde passava o meridiano divisionário, estão as armas pontifícias. Vê-se a *ilha de braçil* entre as Fortunadas de São Brandão.

Singraduras da armada
de Pedro Álvares Cabral
desde o dia 22 até ao dia
25 de Abril de 1500

O BRASIL NO MAPA-MUNDO DE WALDSEEMULLER (1507).

O Novo Mundo e a Terra de Santa Cruz no mapa de Ruysch, de 1508.

Notable primero de la carta de marear.

Carta de marear reproduzida do *Regimento de navegacion*, de Pedro de Medina, Sevilha, 1562, em que se vê um meridiano graduado, que é o da demarcação de Tordesilhas, 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Na escala das léguas, colocada no canto inferior direito da carta, cada uma das divisões, marcadas pelos traços, corresponde a uma centena de léguas. As meias divisões, marcadas pelos pontos, valem 50 léguas.

MAPA DO BRASIL REPRODUZIDO DO ATLAS DOS REINEL
Vêem-se aborígenes cortando e transportando o pau brasil

MAPA ANONIMO DE KUNSTMANN II (1505-1506?)
extraído do *Atlas zur Entdeckungsgeschichte Amerikas* de Fr. Kunstmann,
K. von Spruner e G. Thomas

O BRASIL NA CARTA MARINHA DE WALDSEEMÜLLER (1516).

A América e a Ásia do globo de Johannes Schöner. Reprodução simplificada e reduzida.

Ampliação da legenda sobre a Terra de Santa Cruz do planisferio de Cantino segundo a reprodução de Stevenson.

PEDRO ALVARES CABRAL,
SENHOR DE BELMONTE,
ALCAIDE MÓR D' AZURARA,
DESCOBRIDOR DO BRAZIL.
Cunha delin.
Abrantes grav.

Fontes Bibliograficas

ABULFÉDA — *Takwin-al-Boldan.*

ABUL KERIM BOUKHARY — *Histoire de l'Asie Centrale.*

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBÔA — *Coleção de livros inéditos da História Portuguesa.*

ACCIOLY (e BRAZ DO AMARAL) — *Memorias historicas e politicas da Baía.*

AGUILO — *Biblioteca catalana.*

AILLY (PIERRE D') — *L'Ymago Mundi* (ed. Maisonneuve).

ALDRETE — *Del origen y principio de la lengua castellana.*

ANGHIERA (PEDRO MÁRTIR DE) — *De Orbe Novo, Décadas.*

APIANO — *Cosmographicus Liber.*

ARISTOTELES — *Obras.*

ARMSTRONG — *Scotch-English and English-Scotch Dictionnary.*

ASSIS CINTRA — *O nome Brasil com S ou com Z.*

AUTUN (HONORIO DE) — *Imago Mundi.*

AVEZAC (D') — *Les iles fantastiques de l'ocêan occidental au Moyen-Age, Coup d'oeil historique sur la projection des cartes geographiques, L'Univers, Note sur l'Atlas Hydrographique executê à Venise dans le XVme. siècle.*

AZURARA (GOMEZ EANNEZ DE) — *Cronica de la conquista de Guiné.*

BAIÃO (ANTONIO) — *O comercio do páu-brasil.*

BALAGUER (VICTOR) — *Historia politica y literaria de los trovadores, De la literatura catalana.*

BANCHERO — *Il duomo di Genova.*
BARROS (JOÃO DE) — *Décadas da Asia.*
BAUDRIMONT — *Bois de teintures.*
BEAUVAIS (VICENTE DE) — *Speculum historiale.*
BEAUVOIS — *La découverte du Nouveau Monde par les irlandais.*
BELLOGUET (ROGET DE) — *Ethnogênie gauloise.*
BESCHERELLE — *Dictionnaire Universel.*
BEUCHAT — *Manuel d'archêologie américaine.*
BLOCHET (E.) — *La conquête des Etats nestoriens de l'Asie Centrale.*
BLUTEAU — *Vocabulaire.*
BOERIO — *Dizionario veneziano.*
BOPP — *Glossarium Sanscritum Latinum.*
BORDAS (MONSENHOR TOLRA DE) — *L'Atlantide.*
BORY DE SAINT VINCENT — *Essai sur les îles Fortunées.*
BUCH (LEOPOLDO DE) — *Description des îles Canaries.*
CAETANO (JOAQUIM) — *Questões americanas.*
CAMPANELA — *A Cidade do Sol.*
CAMPOMANÉS — *El periplo de Hannone ilustrado.*
CAPELLO (LUIGI) — *Dizionario Piemontese-Francese.*
CAPISTRANO DE ABREU — *Caminhos antigos, Descobrimento do Brasil, Capitulos de História Colonial.*
CAPPELLETTI — *Dizionario Milanese-Italiano-Francese.*
CARDIM (FERNÃO) — *Batalhas.*
CASACCIA — *Vocabulario Italiano-Genovese.*
CASTANHEDA — *Historia da India.*
CATALANI (FRÉRE JOURDAN) — *Description des merveilles d'une partie de l'Asie.*
CHARDON — *Voyageurs anciens et modernes.*
CHASSANG — *Histoire du roman dans l'antiquité grecque et latine.*
CHAUCER — *Canterbury Tales.*
CHRESTIEN DE TROYES — *Le roman de Perceval le Gallois.*
CORDIER — *Les voyages en Asie au XVIme. siècle du bienheureux frère Odoric de Pordenone.*

COSTA (CANDIDO) — *Les Deux Amériques.*
COVARRUBIAS (MIGUEL) — *The island of Bali.*
CRAIGIE (W. A.) — *Icelandic Sagas.*
CROKER — *Fairy legends and traditions of the South Ireland.*
CRONAU (R.) — *Amerika.*
CUSAK — *History of Ireland.*
CUSTIS — *A History of Mediaeval Ireland.*
DALGADO (MONSENHOR) — *Glossario luso-asiatico.*
DÉFREMERY ET SANGUINETTI — *Voyages de Ibn Batuta.*
DEHÉQUE — *Dictionnaire Grec-moderne — Français.*
DELAMBRE — *Histoire de l'astronomie au Moyen-Age.*
DEMAISON — *Vers l'Indo Chine.*
De Mirabilibus Auscultationibus.
DENINA — *La clef des langues.*
DENIS (FERDINAND) — *Le monde enchanté, Une fête bresilienne á Rouen.*
DENUCÉ — *Les origines de la cartographie portugaise.*
DEODORO SICULO — *Biblioteca Historica.*
Dicionario de la Academia Española.
DIDEROT ET D'ALEMBERT — *L'Encyclopédie Française* (1.ª ed.).
DRIOUX ET LEROY — *Atlas antique.*
DUARTE PACHECO PEREIRA — *Esmeraldus de Situ Orbis.*
DU CANGE — *Glossaire Latin.*
ELIANO — *Varia Historia.*
EREDIA (GODINHO DE) — *Declaraçam de Malaca e India Meridional.*
ESTEVAM (HENRIQUE) — *Tesouro.*
ESTIENNE (HENRI) — *Ctésias.*
ETHICUS — *Cosmographia.*
ESTRABO — *Geographia.*
FALCONER — *The voyage of Hanno.*
FERRAND (GABRIEL) — *L'Empire Sumatranais de Çrivijaya.*
FICALHO (CONDE DE) — *Flora dos Lusiadas.*
FISKE (JOHN) — *Discovery of America.*

FLEURIOT DE LANGE — *Observations de vigies et hauts fonds dans l'Atlantique.*
FLORUS (ANNOEUS) — *Epitome Rerum Romanum.*
FONSECA (FAUSTINO DA) — *A descoberta do Brasil.*
GAFFAREL (PAUL) — *Rapports de l'Amerique et de l'Ancien continent avant Christophe Colomb. Histoire du Brésil français.*
GALIBERT — *Histoire de la Republique de Venise.*
GALVÃO (ANTONIO) — *Descobrimento dos Mundos.*
GARCIA (Pe. ALONSO) — *Historia natural y moral de las islas Canarias.*
GARCIA (FREI GREGORIO) — *Origen de los indios.*
GAYANOS — *The story of mohammedan dynasties in Spain.*
GESENIUS — *Jesaria.*
GÓIS (DAMIÃO DE) — *Crónica d'El Rey D. Manuel.*
GOODRICH — *Columbus.*
GUIGNES (DE) — *Dictionnaire Chinois-Français-Latin.*
HAKLUYT — *Divers voyages touching the discovery of America.*
HALDE (P.) — *Description de la Chine.*
HARRISSE — *The discovery of North America. Découverte et évolution cartographique de Terre Neuve et des pays circonvoisins.*
HARTMANN — *Edrisii, Africa.*
HÉCART — *Dictionnaire Français.*
HESIODO — *Os Trabalhos e os Dias.*
História da Colonização Portuguesa no Brasil.
HOMEM DE MELO — *Atlas do Brasil.*
HOMERO — *Odisséa.*
HONNORAT — *Dictionnaire Provençal-Français.*
HORACIO — *Odes e Epodes.*
HUMBOLDT — *Examen critique de l'histoire et de la geographie du Nouveau Continent, Histoire de la Geographie, Cosmos.*
IDRISI — *Descrição da Africa e da Espanha.*
ILLESCAS (GONZALEZ DE) — *Historia Pontifical.*

ISIDORO DE SEVILHA — *Originum.*
JAGUARIBE (DOMINGOS DE) — *L'Atlantide et l'histoire du Brésil.*
JANCIGNY — *Indo-Chine.*
JUBAINVILLE (H. D'ARBOIS DE) — *Cours de littérature celtique, Le cycle mythologique irlandais et la mythologie celtique.*
JUBINAL — *La légende latine de Saint Brandan.*
KAZWINI — *Geographisches Wortebuch.*
KERN (HENDRIK) — *Verspreide Geschriften.*
KIMCHI (RABINO DAVID) — *Sépher Scorasaim.*
KORDAFHBEH — *Le livre des routes et des provinces.*
KRETSCHMER — *Die Entdeckung Amerikas in ihrer Bedeutung fuer die Geschichte des Weltbildes.*
LACOMBE — *Dictionnaire de la vieille langue française.*
LAS CASAS e NAVARRETE — *Diario de Colombo.*
LATINO COELHO — *Vasco da Gama.*
LELEWEL (JOACHIM) — *Geographie du Moyen-Age, Pythéas de Marseille et la geographie de son temps.*
LEMERCIER (NEPOMUCÉNE) — *L'Atlantiade.*
LEPELLETIER — *Dictionnaire de la langue brêtonne.*
LÉRY (JEAN DE) — *Histoire d'un voyage faict á la terre du Brêsil.*
LETRONNE — *Le Paradis terrestre.*
LIEBRECHT — *Sanct Brandam.*
LOTH (J.) — *Les Mabinogion.*
LOUREIRO — *Flora Cochinchinensis.*
LUCAS (F. W.) — *The annals of the voyages of the brother Nicholas and Antonio Zeno.*
LUCIANO DE SAMOSATA — *Vera Historia.*
MACROBIO — *Obras.*
MAJOR (H.) — *The voyage of the venezian brothers Antonio and Nicholas Zeno to the Northern Sea out the XIVth century.*
MAGALHÃES GANDAVO (PERO DE) — *História da Terra de Santa Cruz.*

MALHEIRO DIAS (CARLOS) — *A carta de mestre João.*
MANDEVILLE — *The voiage and travaile of sir John Maundeville.*
MARNEF (JEAN DE) — *Les voyages aventureux du capitaine Ian Alfonce Saintongeois.*
MARSDEN (WILLIAM) — *English-Malay dictionnary.*
MARTIN (H.) — *Etudes sur le Timée de Platon.*
MEDINA (J. T.) — *El descubrimiento del oceano Pacifico.*
Memorias da Comissão Portuguesa do Centenario do Descobrimento da America.
MEHREN — *Manuel de la cosmographie du Moyen-Age.*
MENESTRIER — *L'art du blason justifié.*
MÉTRAUX — *Les migrations historiques des Tupis-Guaranis.*
MEYER (K. e H. NUTT) — *The voyage of Bran, son of Tebal.*
MICHEL (F.) — *Les voyages merv eilleux de Saint Brandam à la recherche du Paradis Terrestre.*
MOLTKE MOE — *Maal of Mine.*
MONTALEMBRT — *Les moines d'Occident.*
MORONI — *Dizionario di erudizione storica e ecclesiastica.*
MORRISON (ROBERT) — *English-Chinese dictionnary.*
MORUS (THOMAS) — *Utopia.*
MULLERUS (CAROLUS) — *Claudii Ptolemaei Geographia.*
MURATORI — *Antiquités Italiennes.*
NANSEN (FRIDTJOF) — *In Northern Mists.*
NICOT — *Trésor de la langue française.*
NORDJENSKIOLD — *Fac-simile atlas to the early History of Cartography.*
O'BRIEN — *Irish-English dictionnary.*
OSORIUS — *De rebus gestis Emmanuelis.*
OVIEDO — *Historia general de las Indias.*
OWEN JONES — *The Myvrian Archaiology of Wales.*
PAGNINI — *Della Decima e di varie altre gravezze imposte dal Comune di Firenze.*
PALLEGOIX — *Dictionarium linguae Thai vel siamensis.*
PALSGRAVE — *L'esclaircissement de la langue françoyse.*

PAUSANIAS — *Voyage historique de la Grèce.*
PAYEN — *Dictionnaire Technologique.*
PESCHEL — *Das Ausland, Geschichte des Entdeckung.*
PINDARO — *Odes.*
Platão — *Obras.*
PLINIO — *História Natural.*
PLUTARCO — *Vida de Suetonio.*
POMPONIUS MELA — *De Situ Orbis.*
PURDY — *Atlas.*
QUOATQUEUERAN (AUFFRET) — *Catholicon.*
RABELAIS — *Obras.*
RAMUZIO — *Delle navigazioni et viaggi.*
RAPOSO DE OLIVEIRA — *Lendas açorianas.*
RAVINSTEIN — *Martin Behain, his life and his globe.*
RAYNAL — *Histoire philosophique et du commerce des européens dans les deux Indes.*
RAYNOUARD — *Lexicon Romance.*
REBELO (JOSÉ SILVESTRE) — *Discurso sobre a palavra Brasil.*
RENAN (ERNESTO) — *La poésie des races celtiques.*
RENAUDOT — *Les anciennes rêlations avec les Indes.*
RHEEDE (H. VAN) — *Hortus Indicus Malabaricus.*
RODRIGUES (JOSÉ CARLOS) — *Catalogo anotado de livros sobre o Brasil.*
ROSTRENEN (GRÉGOIRE DE) — *Dictionnaire Français Celtic.*
Roteiros portugueses da viagem de Lisbôa á India nos séculos XVI e XVII.
RUEL — *De Natura Stirpium.*
SANCTE PAGNINO — *Thesaurus Linguae Sanctae.*
SANTAREM (VISCONDE DE) — *Essai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie.*
SCHLUMBERGER (GUSTAVO) — *L'expédition des Almogavares.*
SCHRODER — *Sanct Brandam.*
SCHUNNER (G.) — *Zur Brendannus Legend.*
SEE — *Popular tales of West Highlands.*

SÉNECA — *Tragédias.*
SILBERMANN (OTTO) — *L'Atlantide.*
SOUTHEY (ROBERTO) — *History of Brazil.*
SPRENGER — *Die alte Geographisches Arabien's.*
SOUZA (FREI JOÃO DE) — *Vestigios da lingua arabica em Portugal.*
STENSTRUP (J.) — *Les voyages des frères Zeni dans le nord.*
STIELER — *Hand-Atlas.*
STORM (GUSTAVO) — *Studies on the Vineland voyages.*
TABERD — *Dictionarium Anamiticum Latinum.*
TERNAU ET COMPANY — *Archives des voyages.*
THEVET — *Les singularitez de la France Antarctique.*
TRUFFAU — *Le merveilleux voyage de Saint Brandam à la recherche du Paradis.*
Universalior cogniti orbis tabula.
UZIELLI — *Raccolta Colombiana.*
Valentim Ferdinands Beschreibung der Azoren von Sophus Ruge.
Varnhagem — História do Brasil.
VEER (GERARDO VAN) — *Diarium Nauticum.*
VERDIA (LUIZ PEREZ) — *Historia de Mexico.*
VIANA (D. ANTONIO DE) — *Antiguedad de las islas Afortunadas.*
VIGFUSSON — *Icelandic-English dictionnary.*
VIGNAUD — *Toscanelli and Columbus, Americ Vespuce.*
VITERBO — *Elucidario.*
VITERBO (SOUZA) — *Trabalhos nauticos dos portugueses.*
WATT — *The commercial products.*
WILSON — *Sanscrit-English dictionnary.*
XAVIER MARNIER — *Mémoire sur la découverte de l'Amérique au Xme. siècle.*
YULE (e CORDIER) — *The book of Sir Marco Polo.*
ZEFERINO CÁNDIDO — *Brazil.*

APENDICE

A carta de mestre João

ESTUDO DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

Foi no dia 28 de Abril que mestre João, bacharel em artes e medicina, cirurgião d'el-rei, principiou a escrever a carta de 1 de Maio de 1500 : *"ayer segunda feria que fueron 27 de Abril descendymos en terra yo e el pyloto do capytan moor* (1) *e el pyloto de Sancho de tovar..."*

Sousa Viterbo admite que o médico astrónomo da armada de Cabral bem poderá ser o mesmo Joam Faras, também bacharel em artes e medicina e cirurgião do rei de Portugal, de quem existe na Biblioteca da Ajuda uma tradução da *Geografia* de Pompónio Mela, cujo titulo, no primeiro fólio, escrito em caracteres vermelhos, é do seguinte teor : *"Lla Geographia de Pomponio Mela cosmografo, pasada de latim*

---

(1) Possìvelmente, Pero Escolar, que fôra o pilôto da caravela *Bérrio* na armada de Vasco da Gama.

em romance per mestre Joan Faras bachiller em artes e em medecina fisico j sororgiano del muy alto rey de Portugal D. Manuel". (2)

Êste mestre João, que viajava em um dos navios menores ("*este navio ser mucho pequeno*") da armada de Cabral, podia ser, realmente, o mesmo fisico Joam Faras, tradutor do *Situ Orbis* de Pompónio Mela. Não é provavel que coexistissem no mesmo reinado dois bachareis em artes e medicina, dedicados à cosmografia e oriundos da Galisa, ambos ao serviço de D. Manuel. Falta, porém, o documento que estabeleça a identificação do astrónomo da armada de 1500 com o autor do manuscrito da Ajuda. Da sua presença na segunda esquadra da India sabemos pela carta milagrosamente conservada entre os documentos da colecção chamada do *Corpo Chronologico*, no Arquivo da Tôrre do Tombo. Os cronistas provàvelmente ignoraram o físico-astrónomo da fróta de Cabral, que tambem não é citado na copiosa carta de Caminha: circunstância que não habilita a qualquer surprêsa, sabido como o escrivão da feitoria de Calecut regista apenas doze nomes na longa epístola, entre uma tripulação de mil e duzentos a mil e quinhentos homens (3).

---

(2) Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos dos Portuguezes*, Parte segunda, pags. 285 e seg.

(3) Alguns dêstes doze nomes aparecem com relativa frequência: Nicoláu Coelho, 6 vezes; Bartolomeu Dias, 7; Sancho de Tovar, 6; Afonso Ribeiro (o degredado), 4; Diogo Dias, 4; frei Henrique, 3; Simão de

Caminha é o etnógrafo que se esmera em transmitir uma descrição fiel do habitante de Vera Cruz. Mestre João é o narrador do céu austral. Perduram apenas estas duas relações cosmográfica e etnográfica da viagem a Vera Cruz. Perderam-se os relatórios de Cabral, dos capitães e dos pilotos, sem o que teriamos surpreendentemente revelado em todos os aspétos: político, cosmográfico, náutico e etnográfico, o descobrimento do Brasil — facto único na história das navegações e que dá a medida do espirito

---

Miranda, 2; Aires Gomes, Pero Escolar, Aires Corrêa, Afonso Lopes e Vasco de Ataíde, 1 vez.

Na leitura dos cronistas apuram-se apenas trinta e cinco nomes de capitães, pilotos, tripulantes e passageiros da esquadra de Cabral, testemunhas do descobrimento do Brasil,

(*João de Barros:* — Pedro Álvares Cabral, capitão-mór; capitão Sancho de Toar, filho de Martim Fernandes de Toar; capitão Simão de Miranda, filho de Diogo de Azevedo; capitão Aires Gomes da Silva, filho de Pero da Silva; capitão Vasco de Ataíde; capitão da *S. Pedro*, Pero de Ataíde, por alcunha o *Inferno;* capitão Nicoláu Coelho, comandante da caravela *Bérrio* na expedição do Gama; capitão Bartolomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança; capitão Pero (aliás Diogo) Dias, irmão de Bartolomeu; capitão da *Anunciada*, Nuno Leitão da Cunha; capitão Gaspar de Lemos; capitão Luís Pires; capitão Simão de Pina; guardião frei Henrique, mais tarde Bispo de Ceuta e confessor del-rei, com oito capelães e um vigário; Afonso Furtado, escrivão da feitoria de Sofala; João de Sá, que estivera já na Índia com Vasco da Gama; Aires Corrêa, feitor de Calecut; João Machado e Luís de Moura, degredados (que Cabral deixou em Quilôa com missão de irem por terra descobrir o reino do Preste João); Gaspar da Gama, língua que Vasco da Gama trouxera da Índia; Vasco da Silveira; Duarte Pacheco Pereira, autor do *Esmeraldo de situ orbis;* António Corrêa, filho de Aires Corrêa, mancebo de doze anos; Gonçalo Gil Barbosa, feitor de Cochim; Lourenço Moreno e Sebastião Álvares, escrivães da feitoria de Cochim; Gonçalo Madeira de Tanger, língua; (*Osório*): — Gonçalo Peixoto, que escapou da carnificina de Calecut; Francisco Corrêa, enviado de Cabral ao Samorim; (*Corrêa*): — Braz Matoso, Pedro de Figueiró e André Gonçalves, dados como capitães em substituição de Aires Gomes da Silva, Pero de Ataíde e Gaspar de Lemos; Diogo de Azevedo, enviado de Cabral ao Samorim; Fernão Perez Pantoja, que acompanhou Duarte Pacheco e Vasco da Silveira no ataque à náu de Cochim; Fernão Dinis, dado como escrivão da feitoria de Cochim em substituição de Sebastião Álvares.

sistemático dos empreendimentos maritimos portugueses (4).

Através da sombria Idade-Média e já no fulgor da Renascença, quando a ciência ainda não se emancipara completamente da superstição, os médicos cultivavam a astrologia. Medicina, alquimia e astrologia foram ciências conexas na era medieval. As navegações tinham concorrido para que a ciência astronómica, ainda orientada pela concepção de Ptolomeu, se divorciasse do ocultismo astrológico, aplicando-se à orientação dos navios e à determinação das distancias terrestres. Mestre Rodrigo e mestre Josepe Judeu, cosmógrafos de D. João II, eram médicos. Toscanelli, Monetário e Pedro Nunes eram tambem fisicos e cirurgiões. Mestre João não escandalizava os canones da ciência médica de Salamanca e de Coimbra, dedicando-se à cosmografia.

Sem dúvida, êle não possuía o talento narrativo de Caminha, mas para executar sangrias e calcular

---

(4) Pedro de Faria e Sousa no prólogo do Tômo 2.° da edição de 1666 da *Asia Portuguesa*, conta que o manuscrito da *America Portuguesa* fôra entregue em Madrid por seu pai a Duarte de Albuquerque para imprimir, e subtraído misteriosamente do Conselho Real de Castela. Dá que meditar o desaparecimento nos arquivos do Estado de quási todos os títulos, registos e relatórios referentes aos descobrimentos portugueses da América. Santarém declara existir na Tôrre do Tombo um certificado, provando que no decurso do govêrno usurpador dos Filipes foram enviados do arquivo para a Tôrre de Simancas, em Espanha, nove grandes arcas com livros e papeis (*Opusculos e Esparsos*, a pág. 225 do vol. I). Êste certificado não foi ainda encontrado, a-pesar-de porfiadas buscas. Em Simancas também não há vestígio ou registo de entrada dêsses códices. Se os documentos desviados da Tôrre do Tombo foram recolhidos em Saragoça, a destruição dos arquivos pelas tropas francesas privou irreparàvelmente da sua documentação esta página da história dos descobrimentos do Novo Mundo. ¿ Deverá depreender-se que a Espanha se apropriou de todos os títulos que podiam esclarecer os litígios na prioridade das explorações e conquistas da América?

veridico? Tinha-o Pero Vaz Bisagudo, e êste nome corresponde a uma figura histórica, não a um fantasma criado pela imaginação do astrónomo. E' o mesmo Pero Vaz da Cunha, a quem D. João II confiara o comando de uma esquadra de vinte galés para reconduzir e restabelecer o principe de Jalofo nos seus estados e erigir uma fortaleza na foz do Senegal. À história trágica do régulo de Jalofo anda associado mais um dos nomes que aparecem na história dos primeiros descobrimentos do Brasil: o de Gonçalo Coelho, mandado anteriormente em missão ao régulo africano com os cinco cavalos ajaezados, presentes do rei, e outro ginete da parte do duque de Beja, D. Manuel. Era êste Gonçalo Coelho, que depois foi escrivão da Fazenda dos Coutos da cidade de Lisboa, e de quem João de Barros diz ter sabido "a maior parte destas cousas", o mesmo capitão-mór da armada de 1503, em que viajou Vespúcio? Se à identificação do Gonçalo Coelho, emissario de D. João II ao principe de Jalofo, com o Gonçalo Coelho, comandante da armada de 1503, falecem as provas (6), já o mesmo não sucede com o "*Pero Vaz da Cunha, d'alcunha Bisagudo*", capitão-mór das vinte galés enviadas com "*muita e luzida gente, assi d'armas, como officiaes para a obra da fortaleza*" e reli-

---

(6) Demonstraremos em outro estudo a impossibilidade manifesta que se opõe à identificação do comandante dessa armada com o Gonçalo Coelho, escrivão da Fazenda Real de Lisboa e embaixador de D. João II junto ao príncipe negro de Jalofo.

giosos com mestre Alvaro, frade dominicano e confessor do rei, para a conversão dos bárbaros — que é, evidentemente, o mesmo Pero Vaz Bisagudo da carta de mestre João, tanto nos nomes batismal e patronímico, como na alcunha.

O conselheiro Joaquim Norberto de Sousa e Silva, na notável dissertação sobre o descobrimento do Brasil (7) aceitando a evidência do depoimento insuspeito de mestre João e a referencia à antiguidade do mapa, abalançou-se a sugerir fôra o mesmo que Toscanelli mandara a Fernão Martins, e dedicou uma extensa nota à Memoria do academico Antonio Ribeiro dos Santos sobre os mapas do Infante D. Pedro e do cartório real de Alcobaça, invocando noutra passagem da mêsma dissertação a opinião de Cantu sobre o conhecimento anterior de terras da America austral, originada no mapa de Bianco. Todavia, a antiguidade do planisferio de Bisagudo tem um limite marcado pelo descobrimento da Mina, que já nêle se encontrava assinalada e que não permite conjecturas de tam largo vôo. Acossado pelos ventos, no regresso do Senegal, o homicida Pero Vaz da Cunha teria avistado as terras do Ocidente? Êsse

---

(7) *O descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devido a mero acaso ou teve êle alguns indícios para isso?* Programa distribuído na sessão de 15 de Dezembro de 1849 por S. M. o Imperador ao sócio correspondente Joaquim Norberto de Sousa Silva, e pelo mesmo desenvolvido em sua augusta presença nas sessões de 6 e 20 de Dezembro de 1850. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, 3.ª série, n.º 5, 1.º Trimestre de 1852, pg. 125 e segs.

descobrimento fortuito, que lhe revelara um dos segredos do planeta, poderia servir a um dramaturgo para explicar os motivos que moveram D. João II à clemencia; deixando impune o crime do matador do príncipe de Jalofo (8).

Vignaud pende a acreditar que o mapa de Bisagudo regista a exploração de Duarte Pacheco às partes ocidentais, mencionada no *Esmeraldo* (9). E' uma conjectura pouco feliz a do eminente americanista, pois Duarte Pacheco acompanhava Cabral na expedição de 1500. Dadas as relações do Bisagudo em Inglaterra, penderiamos mais para a suspeita de uma réplica do mapa de Bianco em que aparece registada a *ixola otinticha*. Porém, de qualquer modo, se o mapa-mundo de Bisagudo tivesse chegado até nós, serviria de chave elucidativa da politica de D. João II em Tordesilhas.

---

(8) ... *"entrando Pero Vaz em o rio Çanagá com aquelle grão poder, que espantou a todolos barbaros da terra, estando já na obra da fortaleza... dentro em o seu navio matou Bemoij ás punhaladas, dizendo que lhe ordenava traição... Com morte do qual Principe Pero Vaz se tornou a este Reyno do qual caso El Rey ficou mui descontente"*. João de Barros, Decada I da *Asia*, Liv. III, cap. VIII.

(9) ... *"Maître João, médecin de Cabral, dans une lettre datée de la Vera Cruz, du 1.er Mai 1500, qu'il adressa au roi pour l'aviser de la découverte de la terre de la Vraie Croix, lui dit que, s'il veut connaître la situation de cette terre il n'a qu'à se faire présenter la mappemonde de Pero Vaz Bisagudo ou elle est indiquée, ce qui suppose nécessairement que cette terre avait été vue antérieurement et qu'on en avait relevé la situation. Ces deux découvertes, à moins que celle de Pacheco ne soit celle portée sur la carte mentionnée par João, ce qui est fort possible, assurent en fait aux Portugais la priorité pour cet événement...* Henri Vignaud, presidente da Sociedade dos Americanistas e conselheiro honorário da Embaixada Americana de Paris, em *Americ Vespuce*, Paris, 1917. A pág. 145.

À circunstância de mestre João haver *"quási"* entendido da linguagem mímica dos Tupiniquins que Vera Cruz era uma ilha não póde ligar-se maior importância do que a devida a uma hipótese tam precáriamente fundada, sem esquecer que a denominação de *ilha*, com que a América Austral permaneceu por muitos anos na cartografia quinhentista, era aplicada a grandes massas de terra circundadas pelo oceano.

Enfermo, sofrendo de uma chaga na perna, *"maior que a palma da mão"*, o medico astrónomo não se encontrava nas mais favoraveis condições para inquirir dos naturais as particularidades da terra e descrevê-las com as minudências copiosas de Caminha. E entretanto, na sua breve carta, tam desdenhosamente comentada pelos humanistas, a ciência astronómica encontrou, como a pérola guardada em rude concha, uma das mais belas reivindicações da cosmografia portuguesa. Esta modesta carta do fisico e cirurgião de D. Manuel, a que Capistrano chamou *"lenga-lenga confusa"*, concede às navegações portuguesas a prioridade incontestavel da observação e nomenclatura do grupo cruciforme de estrêlas conhecido por *Cruzeiro do Sul*, que figura como emblema da bandeira actual do Brasil.

E' depois de contar como em 27 de Abril descera em terra com os dois pilotos de Cabral e de Sancho de Tovar e achara pelo astrolábio que a armada

surgira numa latitude sub-equinocial de 17°, que mestre João comunica ao rei as suas observações sobre as estrêlas austrais: *"solamente mando a vossa alteza como estan situadas las estrellas del (Sul) pero en que grado esta cada una non le he podido saber, antes me paresçe ser impossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el nauio enbalançe se yerran quatro o cinco grados, de guisa que se non puede fazer synon en terra"*.

A carta do astrónomo da armada de Cabral transmite-nos a imagem gráfica do grupo estelar com a designação de *Cruz*, desenhado na sua posição sideral, testemunhando a origem portuguesa do nome dado à constelação que fulgura no céu brasileiro e que, naquelas noites de lua nova em que mestre João escrevia na câmara da caravela, no pôrto seguro de Vera Cruz, mais acesa fulgia no firmamento pela ausência da diafana claridade lunar.

Nas suas poucas linhas sem estilo incluem-se na carta do bacharel mestre João as provas dos já rigorosos métodos cientificos aplicados pelos Portugueses à navegação, o uso do *Regimento*, o apuramento da latitude do lugar com insignificante desvio da realidade matemática, e o atestado que estabelece de modo irrecusável a origem portuguesa do nome com que até hoje se designa a constelação austral do Cruzeiro.

A nova Gazeta da Terra do Brasil

(1515)

TRADUÇÃO PORTUGUESA DO MANUSCRITO

Noticia trazida por um navio, que tinha saído de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais adeante do que antes se conhecia, e na volta chegou á Ilha da Madeira, escrita por um bom amigo da Madeira para Antuerpia.

Sabei que aos 12 de outubro de 1514 chegou aqui da terra do Brasil um navio, por falta de vitualhas, o qual D. Nuno, Cristovam de Haro e outros armaram. Os navios foram com licença do rei de Portugal para descobrir a terra do Brasil, tendo descoberto a terra cerca de 700 milhas mais alem do que antes se conhecia.

E quando chegaram à altura do cabo da Bôa-Esperança e ainda um grau (*uns graus?*) mais longe e mais acima (*para o sul*) e, quando chegaram àquela longitude e latitude, isto é aos 40 graus de altura (*latitude*), encontraram a Terra do Brasil com um

cabo; e navegaram à volta do mesmo cabo, e acharam que aquele gôlfo corre igual à Europa, em direcção Oeste para Este. Pois avistaram terra tambem do outro lado, quando tinham navegado perto de 60 milhas à volta do cabo, do mesmo modo que quem navega para Levante, e para o Estreito de Gibraltar, e divisa a Terra de Berberia. E quando tinham dado volta ao cabo, como ficou noticiado, e estavam navegando para Noroeste, tornou-se tam violento o temporal, foi tambem durante o inverno, que não puderam navegar mais para diante. Foram pois obrigados pela tormenta a voltar para o outro lado e costa da Terra do Brasil.

E' meu bom amigo o pilôto, que navegou com êste navio; êle é tambem o mais afamado dos que tem el-rei de Portugal; esteve tambem em algumas viagens na India. Êste diz-me e supõe que do tal Cabo do Brasil não ha mais de 600 milhas para Malaca. Pensa tambem poder ir e voltar em pouco tempo de Lisboa a Malaca, por êste caminho, o que traria grande vantagem ao rei de Portugal. Acham tambem que a Terra do Brasil continua, dobrando o Cabo, até Malaca.

E quando na costa do Brasil tornaram a navegar com direcção Sudueste, acharam muito bons rios e portos, da mesma maneira ao subirem a (costa), tudo bem povoado. E dizem que quanto mais para o cabo tanto melhor a gente, de bom trato, de indole honra-

da. Não ha nêles nem um vício, a não ser que um povoado guerreie o outro. Não se comem, porem, uns aos outros como na Terra do Brasil inferior (*das baixas latitudes*). Matam-se todavia uns aos outros, não fazendo prisioneiros. Dizem que o povo é de muito boa e livre condição, não havendo naquela costa leis nem rei, a não ser que ouvem os velhos entre êles e lhes obedecem, como na Terra do Brasil inferior. Tambem é todo o mesmo povo; só tem outra língua.

Êles têm também recordação de São Tomé. Quiseram mostrar aos Portugueses as pegadas de São Tomé no interior do país. Indicam tambem que têm cruzes pela terra a dentro. E quando falam de São Tomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior. E' bem crível que tenham lembrança de São Tomé, pois é sabido que está corporalmente por trás de Malaca; jaz na costa de Siramath, no gôlfo de Ceilão. No país chamam tambem frequentemente seus filhos Tomé.

Ha tambem grandes montanhas no interior. Dizem que em alguns lugares a neve nunca desaparece, conforme os informou a gente da terra.

Estiveram em alguns portos onde encontraram muitas e variadas peles preciosas de animais silvestres, as quais a gente veste mesmo cruas sôbre o corpo nu; não sabem prepará-las, a saber: peles de leão, leopardo, de que consta haver muitos no país,

lince ou lup (*Catalão*) tambem bons, (*diz o impresso : "tambem gineta" o que parece mais aceitavel*), das que pegam na Espanha, e mais peles pequenas, semelhantes às das ginetas, e mui deliciosas peles, justamente como as do lince. As de leopardo e lince êles cortam e fazem delas cintas, de um palmo de largura. Êles têm tambem muitas lontras e castores, o que é indicio de que o país possue grandes rios.

Tem também cintas de peles que me são desconhecidas. As ditas peles e mais outra pelaria comprei para mim, mas pouca cousa, pois trouxeram pouco de tam rica pelaria. Dizem os portugueses que não andaram atrás dela, porque lhe não deram valor. Dizem porém que o outro navio, que ainda ficou atrás, conduz muitas destas peles, e muitas e variadas outras cousas, pois carregou mais tempo. E' tambem a capitânia dos dous navios. Comprei também, entre outras cousas, três peças de algumas peles cosidas juntas. São todas três tam grandes que bastam para forrar um casaco ; não fizeram caso delas os portugueses. No país cobrem-se com elas ; são cosidas juntas, como em nossa terra se fazem os cobertores de pelles de lobos. E' realmente um magnifico fôrro por si só. As peles são tamanhas como as do texugo, e a côr é da do veado. Na parte superior é muito lanudo, e tem pêlos compridos e ponteagudos, algum tanto grossos, como os da zibelina ; na parte inferior,

nem a deterioração. Não sabem se é ouro inferior ou o que seja. Ainda no mesmo lugar, à beira-mar, obtiveram daquele mesmo povo informação que pela terra dentro existe um povo serrano, que possue muito ouro batido, a modo de arnez na frente e ao peito.

Traz o Capitão um homem daquele país, que quis ver El-Rei de Portugal. Êle diz que quer dar a El-Rei informações de tanto ouro e prata, que existe no país, que os navios dêle não o podem carregar.

Dizem mais as gentes daquele lugar que às vezes chegam alí outros navios; vestem roupas conforme os portugueses dizem, como os franceses, segundo as informações do povo, e usam tambem barbas, todas elas ruivas. E querem os honrados portugueses afirmar que são Chins, que navegam para Malaca. Fornece-lhes indicio de que haja algum fundamento (*na notícia sôbre os metais*), porque se sabe que em Malaca a prata e o cobre são mais baratos do que na nossa terra.

Assim tendes as novas notícias. Sob a coberta do navio está carregado de pau-brasil, e na coberta cheio de escravos, rapariguinhas e rapazinhos. Pouco custaram aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a Terra da Promissão. Dizem tambem que a gente daquele país alcança a uns 140 anos de idade. — (Clemente Brandenburger, *A Nova Gazeta da Terra do Brasil*, Rio de Janeiro, 1922, pág. 36-40).

O batismo da America

por

GUSTAVO BARROSO

O cónego Vautrin de Lud, conselheiro privado de Renato II, duque da Lorena, fundou na minúscula cidade de Saint Dié, já em fins do século XV, tão fertil em navegadores heroicos e heroicas navegações, um Ginásio científico. Logo para alí acorreram muitos sábios ilustres e, como a cidade possuía pequena oficina de imprimir, modelada pela de Guttenberg, de lá saíu e em breve se espalhou pela França e pela Europa inteira grande número de opúsculos, folhetos e obras de peso.

Êsse Ginásio foi célebre e mais célebres se tornaram os nomes dos que nêle trabalhavam e discutiam os problemas contemporaneos. Lá estiveram Ringmann, que era, ademais de lindo poeta, profundo geografo ; Waldseemüller, que aliava à habilidade de desenhista a ciência de cartógrafo ; e João Bazin, cronista de elegante estilo e narrador de frase rendilhada.

Saint Dié era, inteletualmente, uma importante cidade no bruxolear da Idade Média, quando amanhecia o Renascimento.

Tinha pequena e antiga igreja romanica, de baixo frontão e amplos arcos repousando em colunas atarracadas, toda de tijolos avermelhados, erguida ao tempo em que os primeiros missionarios da Roma cristã pisaram o sólo da Galia, fazendo os druidas de alva túnica e recurvas foices douradas se internarem pelas profundas e tristes florestas de robles, somente surgindo nos caminhos escusos e nas veredas cavadas, quando a vermelhidão do crepúsculo desmaiava na noite. Tinha minas escuras e ricas de onde Renato II mandava tirar metais preciosos, trazidos à flôr da terra por obreiros de torso nu, em pequenos carros que rolavam sobre duros trilhos de madeira. E tinha mais êsse notavel Ginásio, flôr de espiritualidade, do qual saíria, num prefácio de livro geografico, pela primeira vez impresso o nome de America.

Ora, nêsse tempo, Renato II, que acabára de vencer em Morat Carlos o Temerario, duque da Borgonha, deixando pacifico recanto da Suiça ensopado em sangue, era falado em todas as côrtes européas e conhecido como principe liberal, amante e protetor das artes, das ciências e das letras. Um Mecenas. Provava essa sua nobre inclinação o carinhoso acolhimento que dispensava aos sábios que o procuravam e a proteção com que generosamente cobria o Ginásio fundado por Vautrin de Lud.

Americo Vespúcio, companheiro de Colombo e, depois, piloto a serviço de Portugal, dirigiu a Renato II diversas cartas, narrando suas longas e ásperas travessias pela face dos mares desconhecidos, suas compridas noites de vigilia embuçado no manto, de pé junto da amurada, olhando surgir do fundo do horizonte as constelações dum hemisferio ignorado, os sofrimentos da dura vida maritima, as borrascas horriveis que arrebatavam gageiros das gáveas gradeadas e marujos dos chapitéus resvaladíos, os sonos curtos e inquietos nas táboas humidas das cobertas, após noites de perigosa refrega, o trato com povos ignotos e bárbaros.......

Renato II mandou-as lêr pelos seus cancelarios. Escutando-as, pensou que era mais áspera do que a dos guerreiros como êle a vida dos navegantes audaciosos. Interessou-se pelo assunto. Recomendou as cartas aos sábios do seu Ginásio : que as examinassem e julgassem do seu valor, que lhe parecia grande.

Em Saint Dié ignoravam ainda os gloriosos feitos maritimos da gente iberica. Admiraram as fortes narrações de Americo Vespúcio e, no prefacio da Geografia de Ptotomeu, que o Ginásio publicou logo, sob o titulo "Cosmographiae introductio", assim se expressaram os sábios do importante estabelecimento : "HA UMA QUARTA PARTE DO MUNDO, DESCOBERTA POR AMERICO VESPÚCIO, QUE, POR ESTA RAZÃO, SE DEVE CHAMAR AMERICA".

Dêste modo comunicaram ao mundo a existencia do novo continente, admirados, desconhecendo o feito de Colombo, que nêle fôra o primeiro a pisar. Sem saber que Vespúcio somente lhe seguira os passos, ingenuamente escreveram: "Não sabemos por que se não deva dar a essas terras o nome de Americo, o homem de genio que as descobriu. A Europa e a Asia já têm, no entanto, nomes de mulheres (*Europa et Asia a mulieribus sua sortita sunt nomina*).

Generalizou-se imediatamente o nome de America. Todos assim chamaram logo o Novo Mundo. Todos o aceitaram. Parece que tinha qualquer cousa de fácil e de agradavel ao ouvido. Nem se chegou em pensar no áto de justiça de dar o de Colombia, em memoria do descobridor que sofrera tanto para realizar seu ideal e morrera miseravelmente em Valladolid. Só muito mais tarde seu nome foi dado à República de Nova Granada e a uma provincia inglesa do Canadá.

Parece que Americo Vespucio não pensou em se apropriar da glória de Colombo. Escreveu a Renato II, naturalmente porque sabia de seu interesse pela ciência e de seu amor pelas letras. Não poderia calcular que êle mandasse suas cartas a uma corporação de sábios que estivesse editando Ptolomeu e ignorasse o descobrimento do genovês. Jamais procurou saber do destino de suas cartas. Jamais leu o prefácio do Ptolomeu editado em Saint Dié. Morreu sem

saber que haviam dado ao novo, vasto e rico continente seu nome humilde de piloto das veleiras caravelas de altas prôas esculpidas, cujas velas brancas a cruz da Ordem de Cristo manchava de sangue...

O que não padece a menor dúvida é que foi do Ginásio de Saint Dié que saíu impresso pela primeira vez o nome da America, dalí se espalhando e se tornando conhecido. A obra de Ptolomeu, com o famoso prefácio "Cosmographiae introductio", saiu dos prelos do Ginásio a 25 de abril de 1507. Alexandre de Humboldt, referindo-se ao fáto, afirma que, com efeito, foi essa a primeira vez que se imprimiu o nome America para designar o continente colombiano.

A culpa do batismo absolutamente não é de Vespúcio, sim dos sabios e protos de Saint Dié, que, ignorando o verdadeiro descobridor da nova parte do mundo, tomaram como sendo êle o simples piloto que contava em carta ao seu duque, decerto com entusiasmos e exageros, seus feitos pessoais e as aventuras em que se achou metido, calando outros nomes num narcisismo até certo ponto desculpavel.

Os descobrimentos de Colombo eram ainda pouco conhecidos fóra da Espanha. Toda a atenção dos países do Ocidente estava voltada para as navegações portuguesas, que haviam desviado, com o achado do novo caminho das Indias, o eixo do comercio europeu de Veneza para Lisbôa, do Mediterrâneo para o Atlantico. A India continuava a ser o sonho da Europa.

Tanto que a propria America seria considerada *Indias Ocidentais*.....

O nome America generalizou-se com incrivel rapidez. Aceitou-o sem a menor dificuldade a opinião pública na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Italia, nas Flandres, na Dinamarca e, afinal, na propria Espanha, de onde partira o descobridor. Primeiramente, por efeito ainda das narrações em carta de Vespúcio, aplicaram-no *somente à America do Sul*, ao grande continente que "fechava toda a comunicação com as Indias". Sempre as Indias. Confundiram muitos America e Brasil. Depois, estenderam o nome ao continente todo, logo que se verificou que a parte septentrional se ligava por um istmo à meridional.

Em um opúsculo interessante sobre o assunto, Weick notou que a America tem um dia de nascimento e um dia de batismo. E' quiçá o unico continente que disso se póde gabar. O dia do nascimento é o 12 de outubro de 1492, em que, ao brilho do sol na couraça dos bombardeiros e nas alabardas dos soldados, plantada pela mão forte de Colombo num socalco de barro duro, a bandeira esquartelada de Fernando e Isabel desdobrou ao vento matutino duma nova terra as suas côres heraldicas: o vermelho atupido de torres e o amarelo inçado de leões. Em torno, marujos fatigados e homens de armas emagrecidos se ajoelhavam, enquanto a indiada bronzea pas-

mava deante da ceremonia maravilhosa que marcava o novo rumo de seu destino.....

O dia do batismo é o 25 de abril de 1507, em que os cónegos, os sábios e os protos do ilustre Ginásio de Saint Dié, reunidos solenemente em capitulo, receberam das calosas mãos do impressor o primeiro exemplar impresso, à maneira de Guttenberg, da obra de Ptolomeu, com o douto prefácio cosmográfico, aprovando-o e lançando ao mundo, impensadamente, um nome que furtava uma glória e que talvez por causa dessa mêsma injustiça tão facilmente se perpetuou.

O nome do Brasil é mais antigo que o da America. Surge na cartografia medieval antes de descoberto o continente como ilha perdida e errante na vastidão do oceano Tenebroso. A America teve um batismo. O Brasil teve batismo e crisma. Os nomes de batismo — VERA CRUZ e Santa Cruz desapareceram no tempo. O nome de crisma — BRASIL perpetuou-se.

O nome do Brasil representa um simbolo, vem duma lenda antiquissima, tem atrás de si uma longa tradição cartografica. O nome da America é um roubo à gloria de outrem e exprime somente um individuo: Amalrich, Amelrich, Amalaricus, Amalarico, Amaury, Americo.

INDICE